

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Daynah Waihrich Leal Giaretton

**INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE
NA ESCOLA**

Santa Maria, RS

2017

Daynah Waihrich Leal Giaretton

**INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA
ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/PPGP, Ênfase em Psicologia da Saúde, Área de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana

Coorientadora: Prof^a Dr^a Everley R. Goetz

Santa Maria, RS

2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Giaretton, Daynah Waihrich Leal
Intervenções e estratégias de educação para a morte na escola / Daynah Waihrich Leal Giaretton.- 2017.
153 p.; 30 cm

Orientador: Alberto Manuel Quintana
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2017

1. morte 2. professor 3. educação 4. escola I.
Quintana, Alberto Manuel II. Título.

© 2017

Todos os direitos autorais reservados a Daynah Waihrich Leal Giaretton. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: daynahleal@hotmail.com

Daynah Waihrich Leal Giaretton

INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/PPGP, Ênfase em Psicologia da Saúde, Área de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**.

Aprovado em 14 de julho de 2017:

Alberto Manuel Quintana, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Francisco Ritter, Dr. (UFSM)

Camila Peixoto Farias, Dra. (UFPEL)

Santa Maria, RS

2017

**“Morrer é apenas não ser visto.
Morrer é a curva da estrada.”**

Fernando Pessoa

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ARTIGO 1

Figura 1 – Demonstrativo quantitativo de participantes que atribuíram significados à morte.....	48
Figura 2 – Demonstrativo de escolhas das cinco palavras mais importantes escolhidas pelos participantes frente ao estímulo “morte”.....	48
Figura 3 – Demonstrativo de sujeitos, citados pelos professores, que morreram no ambiente escolar ou fora dele, a ele relacionado.....	51
Figura 4 – Demonstrativo das respostas dos professores para justificar o nível de dificuldade no enfrentamento de situações de morte no ambiente escolar.....	53
Figura 5 – Demonstrativo das respostas dos professores sobre a abordagem do tema da morte nas escolas.....	56
Figura 6 – Demonstrativo das respostas dos professores das formas que a morte poderia ser abordada no ambiente escolar.....	58
Figura 7 – Demonstrativo das respostas dos professores quanto ao recurso de distração utilizado isoladamente e esse usado concomitante a outras estratégias.....	66

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

Tabela 1 – Demonstrativo da idade e tempo de profissão dos participantes.....	46
Tabela 2 – Demonstrativo para caracterização sociodemográfica da amostra.....	47
Tabela 3 – Demonstrativo das medidas da questão: “Se já enfrentou ou ainda tiver que enfrentar situações de morte no ambiente escolar, você pensa que foi (será)?”.....	52
Tabela 4 – Demonstrativo das medidas da questão: “Em relação a sua intervenção (ou se tivesse que intervir) em situações de morte na escola, como seria para você?”.....	54
Tabela 5 – Demonstrativo das medidas da questão: Como considerou (ou se tivesse que considerar) o manejo da morte ou perda?”.....	63

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	21
Delineamento do Estudo I	22
Participantes do Estudo I	22
Instrumento do Estudo I	23
Análise dos Dados do Estudo I	24
Considerações e Procedimentos Éticos	25
Explicação da pesquisa e TCLE	25
Critérios para inclusão e exclusão	25
Critérios para suspender ou encerrar o estudo	25
Riscos e benefícios	26
Guarda de documentos	27
Delineamento do Estudo II	27
Participantes do Estudo II	28
Instrumento do Estudo II	28
Análise dos Dados do Estudo II	31
Considerações e Procedimentos Éticos	31
Explicação da pesquisa e TCLE	32
Critérios para inclusão e exclusão	32
Critérios para suspender ou encerrar o estudo	33
Riscos e benefícios	33
Guarda de documentos	33
Devolução	34
ARTIGO 1	35
Resumo	37
Abstract	39
Introdução	41
Método	44
Resultados e discussão	46
Considerações finais	66
Referências	69
ARTIGO 2	75
Resumo	77
Abstract	79
Introdução	81
Método	84
Resultados e Discussão	86
Incertezas e impasses quando o tema é morte	86
Temas Transversais na educação e possibilidades de intervenções	95
Considerações finais	107
Referências	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	127
ANEXO A	129
ANEXO B	133
ANEXO C	135
APÊNDICES	139
APÊNDICE A	141

APÊNDICE B	141
APÊNDICE C	147
APÊNDICE D	149
APÊNDICE E	151
APÊNDICE F	153

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho compõe a Dissertação de Mestrado intitulada “Intervenções e estratégias de educação para a morte na escola”. Em sua composição, optou-se pelo formato de artigos científicos, o que é permitido institucionalmente, conforme o Manual de Estrutura de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses (MDT) (UFSM, 2015).

Para a organização desta dissertação, optou-se pela apresentação em cinco capítulos. O primeiro capítulo traz uma breve introdução de aspectos teóricos a respeito do estudo da morte no contexto escolar. No capítulo a seguir, apresentam-se e discutem-se alguns aspectos metodológicos relevantes das técnicas empregadas para a coleta e análise dos dados pertinentes a esta pesquisa. Os dois capítulos seguintes trazem estudos oriundos do trabalho de pesquisa, sob o formato de artigos. Na sequência, retomam-se algumas questões de pesquisa a partir de considerações finais sobre a proposta do presente trabalho de dissertação.

INTRODUÇÃO

A morte é um fenômeno paradoxal na vida humana, que assume tanto um aspecto central nos questionamentos ao longo do curso evolutivo, quanto algo a ser evitado. Muitas vezes, a morte é um assunto tratado com indiferença, um questionamento sem respostas e que se constitui como um desafio para todos os homens. Além disso, não é um tema elucidado com frequência na consciência humana, nem tampouco, de constante reflexão, informação e orientação nos diversos ambientes pelos quais perpassa (Herrán, González, Navarro, Bravo, & Freire, 2001).

No âmbito da filosofia, Heidegger (1989) pensa a angústia como o fenômeno existencial da finitude humana. A angústia, por conseguinte, desperta a morte, fato mais significativo da existência, o qual revela que o homem tem um fim, conceito do ser-para-a-morte. A morte pode ser vista como o término do corpo físico de forma indireta, pois apenas se experimenta a morte do outro. A angústia diante da morte é a mesma do poder-ser (Werle, 2003).

A angústia e o medo diante da iminência da morte de alguém próximo é um sentimento tão assustador para o ser humano que faz com que este se descubra também como um ser-para-a-morte. Essa descoberta pode provocar uma transformação nos valores, nos significados da própria existência, nas prioridades e urgências da vida e nas relações de equilíbrio consigo e com os demais sujeitos (Santos, & Sales, 2011).

Por outro lado, o homem contemporâneo, desprendido dos costumes do passado, com a indiferença e a insensibilidade para com o outro e em relação aos rituais tradicionais, vê a morte de forma higiênica, na qual as expressões de dor e as manifestações de intensos sofrimentos são desaprovadas pela sociedade atual (Koury, 2006). Ou seja, de forma consciente ou inconsciente a morte tem sido afastada e negada pelas pessoas, não permitindo, nesse sentido, a reflexão dos significados atribuídos às ansiedades e aos medos resultantes da separação, da ruptura, do fim da vida, etc. (Viorst, 2004).

Outro aspecto a se destacar sobre o assunto da pesquisa é de que o medo da morte é análogo ao da castração. Logo, a angústia de castração pode ser entendida como uma reação a situações de perigo e ameaça à integridade do sujeito. A morte iminente está vinculada à castração pelo medo da separação de algo valioso para o indivíduo em decorrência da angústia, pois a morte subtrai a possibilidade de vida. A morte não pode ser representada pelos sujeitos na consciência, dessa forma, buscaram-se respostas acerca desta nas religiões (crenças na transcendência, etc.), nas ideias e tradições que variam em diferentes culturas, na tentativa de nomeação dos significados sobre a morte, enfim, padrões de comportamentos adotados pelo homem no intuito de relacionar-se com a morte (Freud, 1915/2006; Kovács, 2003). Este fato, na maioria das vezes, não aparece nos discursos das pessoas. Raramente se faz o exercício de refletir sobre o fim da vida, mesmo nos momentos em que o indivíduo se vê forçado a isso, pela morte de alguém próximo.

No entanto, Herrán e Cortina (2009) consideram a importância do exercício prático de olhar, ouvir e acompanhar as questões inerentes à morte e ao morrer, com atenção às necessidades da pessoa enlutada de maneira empática e auxiliando-a no aumento da consciência da aceitação e da elaboração do fenômeno. Nesse sentido, entende-se que o apoio sobre a morte seja uma área de relevância para o sistema educacional, que deve estar inserido como um fenômeno a ser abordado, discutido e elaborado por pessoas preparadas. Assim, considera-se relevante um aperfeiçoamento e treinamento de tutores para a promoção de uma educação para a morte no ambiente educacional, que favoreça transformação interior dos envolvidos e autoaperfeiçoamento a respeito do assunto.

Uns aprenderam a conviver com as perdas de pessoas próximas desde muito cedo, já outros não as experimentaram precocemente. O fato é que todos, em algum momento, estarão frente à terminalidade do outro ou diante da fragilidade de suas próprias vidas. O estudo de uma educação para a morte é importante para uma possível construção de narrativas dos

sujeitos que vivenciam perdas, que podem vir a ser multiplicadores de respeito, responsabilidade e autenticidade nas criações de suas próprias vidas. Essas criações tão diferentes, mas repletas de sentidos para quem as vive (Herrán, & Cortina, 2009).

A educação para a morte foi o tema escolhido para este estudo pela participação desta pesquisadora na prática da Residência Multiprofissional Integrada, onde teve contato com pacientes terminais do Sistema Único de Saúde, na área de Concentração da Hemato-Oncologia, e se preocupou com os consequentes desafios profissionais na abordagem a esses pacientes. O que inquieta a pesquisadora e incitou a vontade de aprofundar o tema da morte está atrelado à dificuldade de diversos profissionais, de distintas áreas, inclusive do ambiente educacional, em lidar com o assunto, evitando falar sobre a morte na escola.

A realização deste estudo justifica-se por três pontos principais: (a) foram encontrados poucos estudos acerca da educação para a morte no ambiente escolar (Kovács, 2003; Herrán, & Cortina, 2009); (b) pela possibilidade de se obter subsídios que justifiquem a necessidade de trabalhar a morte enquanto tema transversal nos conteúdos escolares; e (c) o intuito de promover aos professores estratégias e intervenções mais elaboradas para trabalharem a temática da morte com os escolares.

A morte é inerente às pessoas, porém, faz-se necessário abrir espaços de discussão voltados ao esforço de compreensão e de reflexão sobre a finitude humana, pois, dessa maneira, é possível obter melhores desfechos nos atendimentos aos integrantes da comunidade escolar e no enfrentamento dos assuntos inerentes à morte. Pensando nisso, definiu-se como temática norteadora deste estudo contemplar o manejo de temas relativos à morte e ao processo de morrer com professores que vivenciaram perdas no ambiente escolar.

A escola e o trabalho de professores com alunos em fases escolares pode se constituir como um espaço profícuo da educação para a morte. Com esta possibilidade, podem ser

abordados, no ambiente escolar, aspectos potenciais para as múltiplas e peculiares vivências associadas à morte, ao adoecimento e à perda na vida dos indivíduos.

Assim, o objetivo deste trabalho é identificar as estratégias de intervenção e educação que os professores consideram relevantes abordar com seus alunos em situações de morte no ambiente escolar. Para isso, buscou-se questionar o espaço que o tema da morte ocupa no contexto escolar e como o assunto tem sido trabalhado por profissionais dessa área.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O objetivo do presente capítulo é ampliar a compreensão sobre a trajetória da pesquisa empreendida ao longo da proposta de trabalho aqui exposta. O estudo é exploratório-descritivo, de natureza quantitativa e qualitativa, sobre a morte no contexto escolar no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A Lei Municipal de Santa Maria/RS nº 4123/97, de 22 de dezembro de 1997, cria o Sistema Municipal de Ensino, composto por 77 escolas. Destas, 20 são Municipais de Educação Infantil, duas Profissionalizantes e três de Educação Indígena Conveniadas. Restam ainda 52 escolas, das quais 9 são rurais, 13 ofertam Educação de Jovens e Adultos (EJA), e 30 são de ensino fundamental urbano. O número de estudantes do ensino fundamental é de 11.260. Já incluindo a educação infantil e o ensino fundamental totalizam-se 16.939 alunos. O número de professores que lecionam no Ensino Fundamental é de 1700. Desses, todos possuem graduação, muitos especialização (84%), alguns a titulação de mestre (11%) e poucos o título de doutor (5%).

A pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo a primeira designada Estudo I, de levantamento e cunho quantitativo; e a segunda, com características qualitativas, chamada Estudo II. Inicialmente, realizou-se o contato com a Coordenação Pedagógica do Município de Santa Maria para a Autorização Institucional da pesquisa (Apêndice A). Uma vez obtido o documento, o trabalho proposto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Após a aprovação do projeto, com o número do CAAE 51499315.5.0000.5346, por este órgão, as escolas foram contatadas para apresentação da proposta, o contato com os professores a fim de efetivar o convite de participação, e posteriormente, a realização das coletas dos estudos I e II, assim como, as respectivas análises desses materiais. Esses procedimentos serão explicados detalhadamente a seguir.

Delineamento do Estudo I

O estudo quantitativo, de caráter exploratório-descritivo, visou caracterizar a amostra composta por professores do ensino fundamental de escolas do município de Santa Maria em aspectos relevantes para a pesquisa, tais como: percepções, vivências e estratégias de intervenção, todos sobre o tema da morte, bem como, identificar casos em que houve mortes de integrantes da comunidade escolar.

A pesquisa quantitativa considera a tradução de opiniões e informações em números, a fim de classificá-las e analisá-las. A pesquisa descritiva engloba a abordagem das características de determinada população ou fenômeno na relação entre as variáveis e assume, em geral, a forma de levantamento (Silva, & Menezes, 2005).

Atualmente, as pesquisas de levantamento são utilizadas com o propósito de ampliação da realidade social e oferecem uma visão do fenômeno num contingente populacional. Esse tipo de pesquisa pode ser complementar às de natureza qualitativa. Seu objetivo é descrever as características da população ou fenômeno e estabelecer as relações entre as variáveis. Esses estudos não necessitam da formulação de hipóteses, o que os aproxima do caráter exploratório (Escorsim, 2014).

Participantes do Estudo I

Os participantes da pesquisa quantitativa foram professores do ensino fundamental que atuam entre o 1º ao 9º ano no município de Santa Maria (SM), Rio Grande do Sul (RS). A amostra caracterizou-se como aleatória e sistemática, a partir da quantidade de profissionais em cada escola e da relação dos mesmos. As escolas inseridas no estudo foram sorteadas, e destas, convidados a participar do estudo os professores, também sorteados de 10 em 10 na relação da lista elaborada previamente.

A amostragem probabilística ou aleatória consiste no conhecimento da probabilidade do indivíduo ser escolhido. A amostragem probabilística sistemática compreende a escolha

ordenada de cada participante pela posição e com uma variação precedente (Barbetta, 2002). Nessa etapa da pesquisa, participaram 103 profissionais da educação. Segundo Barbetta (2002), uma amostra de aproximadamente 100 participantes favorece induzir diferenças, com confiabilidade na análise estatística.

Instrumento do Estudo I

O instrumento para o Estudo I resumiu-se à coleta de respostas a um questionário misto, do tipo autoaplicável aos participantes, contendo dados para a caracterização da amostra (dados sociodemográficos) e questões fechadas e abertas sobre o tema da morte. Essa técnica foi utilizada para conhecer a realidade dos participantes e levantar alguns dados sobre a temática norteadora da pesquisa. Os questionários impressos (Apêndice B) foram encaminhados aos professores nas diferentes escolas durante o intervalo de trabalho, sendo deixados na sala dos professores. Após uma semana depois da entrega dos questionários, o material foi coletado pela pesquisadora.

O questionário compunha questões previamente elaboradas e respondidas à mão por escrito pelos pesquisados (questões descritivas/ abertas) ou com opções de marcar (questões objetivas/ fechadas em escalonamento tipo *Likert*). As escalas *Likert* se caracterizam por um instrumento de medida em Psicologia, especialmente utilizada na área de atitudes. Elas são compostas por uma sequência numérica hierárquica direcionada a somente um dos lados (monotônica), podendo ser este escalonamento crescente ou decrescente. Os objetivos das escalas consistem em indicar diferentes magnitudes de um atributo da realidade e avaliar as disposições para as ações sobre determinado objeto de estudo que se propõe avaliar. No polo teórico, as escalas compreendem afirmações favoráveis e desfavoráveis para evitar tendenciosidades (Pasquali, 1999).

Portanto, este estudo, que busca identificar intervenções e estratégias de educação dos professores que vivenciaram situações de morte no ambiente escolar, foi realizado com base

em um questionário composto por algumas afirmações de cinco pontos: “muito fácil”, “fácil”, “nem fácil e nem difícil”, “difícil” e “muito difícil”. Isso porque a pesquisa teve o intuito de verificar o nível de concordância do sujeito em uma série de afirmações a respeito da morte (Pasquali, 2010). O questionário é um instrumento rápido e econômico para a coleta de dados, bastante utilizado nas pesquisas de levantamento (Escorsim, 2014).

Análise dos Dados do Estudo I

O Estudo I, de enfoque quantitativo, compreendeu a tabulação e a análise dos dados e resultou no levantamento descritivo e na caracterização da pesquisa. O tratamento dos dados quantitativos na análise descritiva (dados qualitativos quantificáveis) exige que se façam análises descritivas (estatísticas descritivas) que permitam o conhecimento das características nas distribuições dos dados. Exemplos disso são: o comportamento gráfico, o histograma, cálculos dos momentos (medidas de posição e dispersão – média, moda, mediana, desvio-padrão, etc.). Esses são mensurados em números, classificados e analisados através de técnicas estatísticas, no intuito de garantir a precisão dos resultados e, assim, evitar distorções do material coletado (Dalfovo, Lana, & Silveira, 2008). Para a análise estatística foi utilizado o *software* SPSS 20.0 – *Sthatistical Package for the Social Sciences* (Pacote estatístico aplicado às Ciências Sociais).

A análise dos dados referentes às questões abertas deste instrumento do Estudo I consistiu na análise de conteúdo (Bardin, 1979). Na abordagem quantitativa, buscou-se a frequência das características que se repetiram no conteúdo do questionário e, no que diz respeito ao conteúdo qualitativo, ressaltou-se a presença ou ausência de determinado aspecto no conjunto dos questionários em fragmentos das informações (Caregnato, & Mutti, 2006). Por fim, os resultados do estudo I compuseram o artigo da dissertação intitulado “O perfil sociodemográfico dos professores, das escolas municipais de um município do interior do Rio Grande do Sul, a respeito do assunto morte”.

Considerações e Procedimentos Éticos

Explicação da pesquisa e TCLE

Os participantes foram convidados a realizar a pesquisa intitulada “**Intervenções e estratégias de educação para a morte na escola**”, que teve por objetivo identificar as intervenções e estratégias de educação que os professores consideram relevantes para trabalhar com seus alunos de ensino fundamental em situações de morte no ambiente escolar.

Os participantes, ao tomarem ciência da pesquisa, tiveram a liberdade para participar ou não do Estudo I, e também, desistir de participar do mesmo no decorrer da etapa. Caso o sujeito optasse por recusar ou desistir de contribuir com a pesquisa, não teria prejuízos ou comprometeria.

Dessa forma, os participantes que decidiram colaborar, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram convidados para o início das atividades de aplicação do instrumento do Estudo I (questionário). Foi garantido o anonimato de todos os participantes e a aceitação a participar do estudo não implicou pagamentos com a moeda corrente (reais) ou quaisquer outros incentivos financeiros. E, em caso de qualquer dúvida, a respeito do estudo, poderiam ter acesso à esta pesquisadora, responsável pelo estudo.

Critérios para inclusão e exclusão

O critério de inclusão envolveu um grupo de professores do ensino fundamental (1º ao 9º ano), da rede municipal de ensino da cidade de Santa Maria, que aceitaram participar voluntariamente do estudo. Já como critério de exclusão, utilizou-se como regra o afastamento do trabalho, na qual foram considerados os profissionais que estavam em licença maternidade, licença médica, ou qualquer outro tipo de distanciamento e, ainda, os participantes que não tinham o interesse em contribuir com o estudo e negaram a assinatura do TCLE, conforme Apêndice C.

Critérios para suspender ou encerrar o estudo

A aplicação do estudo seria interrompida caso comprometesse a segurança, a integridade física e o bem-estar psicológico dos sujeitos. E, também, se não houvesse participantes suficientes interessados para compor a amostra. O estudo teve continuidade até o encerramento da pesquisa.

Riscos e benefícios

Toda pesquisa com seres humanos, envolve risco mínimo de desconforto, mal-estar ou estresse gerado pelos instrumentos na coleta dos dados e ainda, pelo fato do estudo compreender o tema da morte, por vezes vista de forma delicada, dolorosa, estressante e/ou como tabu.

No caso do surgimento de mal-estar, desconforto, estresse ou recordações de acontecimentos que tenham causado intenso sofrimento ao participante durante a coleta de dados, o indivíduo pôde contatar com a pesquisadora para assim providenciar um espaço de escuta e posterior encaminhamento para o Serviço de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bastando para isso, contato prévio desta pesquisadora com o serviço.

Nesse quesito, uma participante foi identificada no questionário com ideias claras de suicídio, dessa forma foi realizado o contato com a professora participante e com os familiares. A participante do estudo foi encaminhada para o serviço de psiquiatria, no qual havia parado e já fazia acompanhamento.

Os benefícios da pesquisa consistiram na devolução de resultados do estudo aos professores acerca da morte e do morrer, bem como promoveu as reflexões sobre as intervenções e estratégias utilizados para o manejo dos assuntos da morte na escola. Além disso, visou a construção de estratégias, intervenções e reflexão sobre a implantação do tema nos currículos escolares, com a finalidade de contribuir com o aprimoramento da educação nesse aspecto.

O estudo seguiu os preceitos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos. Dessa forma, foram respeitados os princípios éticos como a autonomia (decisão de participar ou não da pesquisa pelo participante), a beneficência (trazer benefícios aos participantes), a não maleficência (não causar problemas aos participantes) e a justiça (acesso dos participantes aos benefícios dos resultados da pesquisa).

Guarda de documentos

Os arquivos serão guardados pelo pesquisador responsável por até cinco anos contados a partir do término da pesquisa e após esse período esses documentos serão destruídos. O endereço para o armazenamento dos documentos situa-se na Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil - 97015-900.

Delineamento do Estudo II

Após a realização do estudo I, a sequência da pesquisa consistiu no início do estudo II, de caráter qualitativo. O estudo qualitativo abordou as estratégias dos professores do ensino fundamental que se depararam com situações de morte nas escolas. A pesquisa qualitativa busca a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados a eles. A metodologia, nesse sentido, tem características descritivas e o processo imbuído dos seus significados é o foco principal da abordagem (Silva, & Menezes, 2005).

O método científico clínico-qualitativo de pesquisa é um tipo de estudo qualitativo, usado particularmente em *settings* de saúde e compreende técnicas e procedimentos para a descrição e o entendimento dos sentidos e significados humanos do estudo (Campos, & Turato, 2009). A investigação qualitativa busca compreender os processos humanos, nas dimensões individuais ou coletivas, e como os fenômenos possuem ligações de sentidos aos sujeitos ou aos grupos (Packer, & Turato, 2011).

Participantes do Estudo II

A etapa qualitativa compreendeu a seleção dos profissionais que participaram da primeira fase, por meio da coleta de respostas do questionário. Após a análise dos dados deste, os integrantes da pesquisa que tiveram experiências relativas à morte (por já terem vivenciado essa experiência em seu ambiente de trabalho) foram convidados a contribuir, novamente, com o estudo através de uma entrevista. Os critérios de exclusão foram os mesmos mencionados anteriormente no Estudo I. O TCLE do estudo II, encontra-se no Apêndice D.

Instrumento do Estudo II

O número de entrevistas foi definido pelo critério da saturação, totalizando um número de sete entrevistas para a pesquisa. Quando as afirmações começaram a se repetir, optou-se por encerrar a etapa das entrevistas (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008).

A saturação está fundamentada no saber científico válido e engloba a observação máxima de significados atribuídos a uma vivência. Devido à dificuldade da definição do momento da saturação, nota-se a necessidade de alguns cuidados, como a capacidade de *rêverie*, ou seja, observar os entrevistados “de fora” e depois compartilhar a visão dos próprios sujeitos na apreensão dos sentidos e elaborações teóricas dessas experiências, ou seja, analisar a entrevista anterior antes de iniciar uma nova. E ainda, torna-se necessária a tolerância do não saber dos participantes do estudo a respeito do tema abordado para evitar as saturações ideológicas, precoces e circunstanciais (Fontanella, & Júnior, 2012).

O Estudo II constituiu no agendamento de sete entrevistas individuais (Apêndice E) com diferentes sujeitos que fizeram parte da seleção mencionada anteriormente. Os convites para os agendamentos das entrevistas foram realizados nas escolas onde os professores trabalham, com cuidados como o de evitar complicações aos sujeitos na rotina de trabalho. Os locais para a realização das entrevistas foram acordados conforme o tempo e a facilidade

geográfica de deslocamento para os entrevistados, acontecendo nas escolas em alguma sala disponibilizada pelas direções das instituições de ensino.

Os participantes que demonstraram vivências prévias com o tema da morte no ambiente escolar, identificados por meio do Estudo I, tiveram seus nomes colocados em uma lista, diferenciados por escolas e numerados para posterior sorteio (aleatório de 5 em 5 entrevistados), e assim serem selecionados para participação no Estudo II.

As respostas das entrevistas de cada participante foram gravadas em áudio com o prévio consentimento deles e, posteriormente, transcritas e analisadas. Nas transcrições, os nomes dos candidatos foram omitidos com o intuito de preservar e proteger sua identidade (Apêndice F – Termo de Confidencialidade).

As entrevistas foram conduzidas a partir de tópicos estabelecidos de acordo com a problemática de interesse (Bauer, & Gaskell, 2008; Minayo, 2010) e constaram de um conjunto de tópicos que funcionaram como um guia de orientação dos pontos norteadores abordados pela pesquisadora. Pelo fato desta ter residido no segundo ano do Mestrado na cidade de Pelotas, as entrevistas foram conduzidas em Santa Maria, por uma acadêmica bolsista do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde (NEIS), orientada pela mestranda. As orientações foram dadas através de e-mails e contatos telefônicos sobre: os professores a ser entrevistados com os respectivos nomes das escolas onde exercem a sua profissão, a maneira de conduzir livremente as entrevistas e os importantes assuntos norteadores do estudo. Os eixos temáticos da entrevista foram:

- 1) Histórias/ experiências pessoais de morte (filhos, pais, etc.).
- 2) Histórias/ experiências de morte na escola (colegas, alunos, etc.).
- 3) A abordagem do tema da morte em situações de não morte no ambiente escolar, quando ela não acontece de forma concreta.
- 4) Morte e conteúdo escolar.

- 5) Morte e eixos transversais.
- 6) Preparo para lidar com a morte na formação profissional.
- 7) Interesse e a reação dos alunos sobre o tema morte na escola.
- 8) O pensamento dos professores quando se fala de educação para a morte nas escolas.
- 9) A ideia de morte no contexto infantil.
- 10) Suicídio.
- 11) As reações da Comunidade Local diante da morte.
- 12) A ideia de morte para os meios de comunicação/mídia relacionados aos acontecimentos de morte nas escolas.
- 13) Políticas e diretrizes nacionais ou institucionais sobre a inclusão do tema.
- 14) Iniciativas para lidar melhor com a morte no contexto escolar.

A entrevista qualitativa em profundidade e/ou semiestruturada proporciona um espaço relacional privilegiado, cujo pesquisador busca o protagonismo do sujeito, nesse diálogo o entrevistado expressa suas opiniões, vivências e emoções da vida. Configura-se no espaço relacional momentâneo, com a possibilidade de surgir imprevistos e, por isso, faz-se necessário o domínio do tema estudado e a apropriação das características da entrevista semiestruturada. O roteiro da entrevista parte de eixos norteadores, chamado roteiro-guia, composto de temáticas abertas e de formato estrutural indireto, com questões que descrevem a experiência, refletem ou problematizam. Isso tudo serve para provocar uma narrativa de acordo com o foco principal da investigação. Ao analisar a entrevista almejam-se significados e regularidades temáticas dos dados para a produção de narrativas embasadas na teoria (Moré, 2015).

Na pesquisa clínico-qualitativa são coletados, através das entrevistas, significados advindos das relações interpessoais com o entrevistado, como por exemplo, angústias e

ansiedades geradas frente a essa situação e às próprias experiências frente à temática estudada (Campos, & Turato, 2009).

Análise dos Dados do Estudo II

A abordagem qualitativa descreve o fenômeno observado sobre a temática da morte conforme a subjetividade e a profundidade das entrevistas realizadas. As informações obtidas são submetidas à análise de conteúdo temático, conforme a proposta de Bardin (1979).

A análise de conteúdo busca a compreensão do pensamento do sujeito através do que é expresso no texto e se fixa nele por significações, detectadas pelo codificador através dos indicadores de temas (Caregnato, & Mutti, 2006; Minayo, 2010). A interpretação dos dados conforme a abordagem indutiva-construtiva objetiva a compreensão dos fenômenos investigados e o alcance da teoria. As categorias e as regras para a construção das mesmas devem ser constantemente revistas e aperfeiçoadas no processo de análise (Moraes, 1999).

Os passos para a análise do material textual produzido por meio das entrevistas consistem na pré-análise e exploração do conteúdo. Na sequência, o material textual deve ser esquematizado pela seleção de palavras (Unidades de Registros), separadas por frases e orações (Unidades de Contexto), as Unidades de Contexto agrupadas em Unidades Temáticas e a síntese do material textual em categorias definidas *a priori*. Por fim, dá-se continuidade à análise dos dados com o tratamento dos resultados, as inferências e interpretações (Bardin, 1979).

Os resultados do estudo II compuseram um dos artigos da pesquisa. A análise quantitativa desenvolvida nesse estudo pode avaliar a importância da inclusão dos assuntos referentes à morte e o luto nos currículos das escolas. E a abordagem qualitativa enfoca as peculiaridades dos temas conforme os pensamentos dos professores pesquisados (Santos, Vieira, Vaz, & Violante, 2009).

Considerações e Procedimentos Éticos

Explicação da pesquisa e TCLE

Os participantes foram convidados a colaborar com a segunda etapa da pesquisa intitulada “**intervenções e estratégias de educação para a morte na escola**”, que teve por objetivo identificar a percepção dos professores sobre a relevância ou não do trabalho do assunto morte com seus alunos de ensino fundamental no ambiente escolar.

Os participantes ao estarem cientes da pesquisa (Estudo II) tiveram a liberdade para participar ou não do estudo, e também, desistir em seu decorrer. Quando o sujeito optou por recusar ou desistir de contribuir com a pesquisa, não teve prejuízos que comprometessem a própria pessoa.

Dessa forma, os participantes que tinham aproximação com o tema do estudo e que decidiram colaborar, após a assinatura do TCLE, foram convidados a responder à entrevista com o intuito de aprofundar a investigação sobre o conhecimento que os professores possuem a respeito da temática da morte.

Foi garantido o anonimato de todos os participantes e a aceitação do envolvimento no estudo não implicou pagamentos com a moeda corrente (reais) ou quaisquer outros incentivos financeiros. E, em caso de qualquer dúvida a respeito do estudo, essa pôde ser sanada junto a pesquisadora responsável pela pesquisa.

Critérios para inclusão e exclusão

O critério de inclusão consistiu no grupo de profissionais da área da educação que tiveram recentemente experiências de mortes dos colegas ou alunos no ambiente de trabalho e, também, fora do ambiente escolar. Todos os professores envolvidos eram do ensino fundamental (1º ao 9º ano), da rede municipal de ensino da cidade de Santa Maria (RS). Já se excluíram do estudo os profissionais que não presenciaram vivências de morte no ambiente escolar, que estavam em licença maternidade, licença médica, ou qualquer outro tipo de afastamento do trabalho.

Critérios para suspender ou encerrar o estudo

A aplicação do estudo poderia ser encerrada caso comprometesse a segurança, a integridade física e o bem-estar psicológico dos sujeitos. E também, se não houvesse participantes suficientes interessados para compor a amostra. O estudo teve continuidade até o encerramento da pesquisa.

Riscos e benefícios

As pesquisas com seres humanos envolvem risco mínimo de desconforto, mal-estar ou estresse gerado pelos instrumentos na coleta dos dados e ainda, pelo fato do estudo compreender o tema da morte, por vezes vista de forma delicada, dolorosa, tabu e estressante.

No caso do surgimento de mal-estar, desconforto, estresse ou recordações de acontecimentos que tenham causado intenso sofrimento no participante durante a coleta de dados, o indivíduo pôde contatar com a pesquisadora para assim providenciar um espaço de escuta e posterior encaminhamento para o Serviço de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bastando para isso, contato prévio desta pesquisadora com o serviço. Nesta etapa, no entanto, nenhum participante apresentou problemas emocionais que necessitassem de alguma intervenção especializada.

Os benefícios da pesquisa consistiram na devolução de resultados do estudo aos professores e na incitação de pensamentos acerca da morte e do morrer aos participantes. Além disso, visou a construção de estratégias, intervenções e reflexão sobre a implantação do tema nos currículos escolares (temas transversais), com o intuito de contribuir com o aprimoramento do sistema educacional.

O estudo respeitou a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos. Dessa forma, foram respeitados os princípios éticos como a autonomia, a beneficência, a não maleficência e a justiça.

Guarda de documentos

Os arquivos serão guardados pelo pesquisador responsável por até cinco anos contados a partir do término da pesquisa e, após esse período, esses documentos serão destruídos. O endereço para o armazenamento dos documentos situa-se na Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil - 97015-900.

Devolução

No término da pesquisa, os resultados e propostas de intervenções sobre o tema serão devolvidos aos pesquisados e demais interessados numa palestra, de aproximadamente duas horas. No início, será realizada uma breve explanação dos resultados do estudo com ênfase nas possibilidades de como o tema da morte poderia ser abordado nas escolas, seguido de um momento de abertura para o diálogo com os docentes, e ainda, posteriores considerações sobre os assuntos discutidos para a finalização da atividade. Esta atividade será realizada nas escolas municipais após a apresentação da dissertação do Mestrado.

ARTIGO 1

O perfil sociodemográfico dos professores, das escolas municipais de um município do interior do Rio Grande do Sul, a respeito do assunto morte¹

¹Artigo formatado segundo as normas da revista “Mudanças – Psicologia da Saúde”.

Resumo

O artigo busca a caracterização da amostra com o perfil sociodemográfico dos participantes, a percepção dos professores sobre a morte nos cenários escolares e a reflexão a respeito das possibilidades de intervenções sobre a morte que os docentes consideram importantes no ensino. O delineamento da pesquisa é quantitativo e consistiu na aplicação de um questionário a 103 professores que ministram aulas no ensino fundamental, de escolas da rede municipal de uma cidade no interior do RS. A análise dos dados resultou no levantamento descritivo das características e atribuições do perfil sociodemográfico dos professores e de suas percepções a respeito da morte no ambiente escolar através de técnicas estatísticas (média, mediana, moda, desvio-padrão) com o recurso de *software* SPSS 20.0 - *Sthatistical Package for the Social Sciences*. Os resultados foram: a temática em questão só é forçosamente trabalhada na escola quando acontece a morte; as expressões que mais surgiram a partir da palavra “morte” foram “saudade”, “tristeza”, “dor”, “perda” e “fim”; os professores mostram dificuldades em abordar o tema morte; as estratégias de enfrentamento voltadas para a emoção e resolução de problemas aparecem utilizadas concomitantemente e o *coping* religioso-espiritual está presente em mais da metade dos participantes do estudo; a estratégia de suporte social evidencia a necessidade do “outro” diante da morte; a estratégia de distração quando isolada distancia as pessoas da elaboração da perda; a falta de instrumental teórico dos docentes quando o tema é morte aumenta a insegurança deles; a ausência da aproximação desse assunto aos conteúdos transversais do currículo escolar pode gerar dificuldades dos professores na abordagem do tema e o interesse criativo quando os docentes são provocados a pensar em intervenções diante do tema da pesquisa pode modificar a perspectiva atual de falar pouco sobre a morte.

Palavras-chave: morte, escola, professores, educação.

Abstract

This study aims to characterize the sociodemographic sample profile, the death's teachers perception in the school scenarios and the reflection about death's intervention at schools. Research design is quantitative with questionnaire's application between 103 teachers of elementary school of a inner city in the south of Brazil. Data resulted in a teacher's sociodemographic profile and teacher's perception about death at schools. Statistical analyzes were made (mean, median, mode and standard deviation) with Statistical Package for the Social Sciences. Results showed that talk about death is only a fact when someone dies; the most expressive expressions were regard, sadness, pain, lost and finish; teachers demonstrated difficulty speaking about death; emotion and problem focus coping strategies appeared and spiritual religious coping is present in more than the middle of sample; social support strategie evidence the need for someone to help facing death; distraction strategie when used isolate distance people for the lost resolution; the absence of teacher's theoretical instrumental to talk about death; absence of approach of these transverse contents of the school curriculum and the creative interest of teachers thinking in interventions about the research theme.

Keywords: death, school, teachers, education.

Introdução

O entendimento da morte percorre os rituais e as atitudes de enfrentamento presentes na vida das pessoas. Esse saber é fundamental para a preparação dos profissionais da educação e da saúde no seu trabalho cotidiano com a morte (Kovács, 2003). Os significados atribuídos ao processo de morrer sofreram variações conforme o momento histórico e os contextos socioculturais. Assim, o morrer é um fato biológico e uma construção social (Menezes, 2004).

Na Antiguidade, a morte era anunciada em um ritual e fazia-se necessário um tempo para ela ser percebida. A crença de que ela envia avisos atravessou séculos e sua natureza repentina não era aceita num mundo que exibia tanta familiaridade com a morte. Um indivíduo, em seu leito de morte, em sua casa, tinha espaço para as despedidas dos familiares; refletia sobre a própria vida; de maneira sutil, expressava desgosto por abandonar as coisas terrenas; fazia recomendações aos seres amados. Todas essas ações refletiam a possibilidade de aceitação do processo de morrer e da morte, nomeada “morte domada” nos estudos de Àries (1977a), devido à característica de familiaridade do termo.

O morto era enterrado nas Igrejas ou nos cemitérios, dependendo do valor da pessoa em vida e do poder aquisitivo (rico ou pobre), nos tempos antigos. Na Idade Média, devido às epidemias, havia muitos corpos para sepultar, o que levou à busca de locais amplos, que serviam de asilo ou abrigo para o morto, os cemitérios. Nesse período, a morte era representada por temas macabros nas obras de artes. Nesses temas, relacionados à decomposição dos corpos vivos, ao aspecto de doença, a velhice e a morte são vistas como podridão interior. O homem dessa época não conseguia entregar-se à morte e abandonar as próprias riquezas (Kovács, 2003).

A industrialização e a técnica da prática médica modificam a forma de compreensão da morte, marcada pela dor e o sofrimento de separação da pessoa amada. A vida terrena é entendida como um tempo de preparação para a morte, e, simultaneamente a esses aspectos, nota-se um distanciamento do homem com a morte. Esse afastamento é percebido pela simplificação dos funerais, uma quase indiferença frente à morte, pela impessoalidade diante do luto, mesmo que a dor quase sempre se manifestar de forma silenciosa e discreta. Enfim, na atualidade o momento da morte não é mais tão importante quanto era na Idade Antiga e Idade Média (Kovács, 2003).

No século XIX, a morte adquire uma contextualização artística, expressa nas obras dos poetas. Nesse momento, o medo da morte é diminuído e à morte acrescenta-se a ideia de reencontro com as pessoas amadas que já se foram. A morte dos jovens, devido à tuberculose, era vista na perspectiva de fugir dos sofrimentos que a idade trazia, como a degeneração e a decadência. A perda é representada com manifestações artísticas bem dramáticas, sentimentais, de beleza e atração pelo infinito (Kovács, 2003).

A morte, no século XX, é percebida como ausente no imaginário social, essa expressa, através de epitáfios cada vez mais curtos nos túmulos, a finitude humana, que passa a ser interdita com a valorização da ausência da morte, que Àries (1977a) chama de morte invertida. Ou seja, a morte deve passar despercebida, sendo que os acontecimentos da rotina devem manter-se idênticos, como se nada ocorresse de especial. Então se observa a grande dificuldade de falar sobre o momento da morte a partir dessa fase na história. A morte se torna oculta e um evento solitário, com isso a transferência dos moribundos para os hospitais, no cuidado da assepsia do corpo e da alma. A finitude humana evitada a todo custo e medicalizada para distanciar-se do sofrimento da perda começa a adquirir a importância dada ao prolongamento da vida (Kovács, 2003).

A morte invertida e interdita é vista como um fracasso, acidente, um sinal de impotência ou imperícia da equipe médica. Nela, o homem priva-se de apropriar-se do seu processo de morrer. A morte é perturbadora, eliminada dos discursos e expressões das pessoas, através da supressão do luto, da simplificação dos rituais funerários, do aumento de cremações e cerimônias céleres sem a presença do corpo. A morte interdita é oposta à morte rehumanizada, aquela se encontra como um modo de impossibilitar a vivência do processo de morrer (Kovács, 2003; Oliveira, & Lopes, 2008).

Atualmente, fica evidente o predomínio da morte interdita, preferencialmente aquela que acontece nos hospitais. Ao mesmo tempo, existe o movimento do resgate da rehumanização da morte na tentativa de torná-la suave e compartilhada por pessoas próximas. Essa, no intuito de proporcionar ao paciente sem possibilidades terapêuticas uma “boa morte”, tenta manter a dignidade da pessoa até o último momento da vida.

A eliminação da fala sobre a morte e o morrer têm consequências na maneira como os indivíduos lidam e sentem a morte de pessoas próximas e pensam a respeito da própria finitude, então se faz necessária a preparação dos profissionais da educação e da saúde para manejar as perdas no ambiente de trabalho (Kovács, 2003; Faraj, Cúnico, Quintana, & Beck, 2013).

O estilo de vida contemporâneo pode determinar mortes precoces através de padrões de comportamentos que têm efeitos profundos e negativos na saúde e estão relacionados a atitudes, valores, hábitos e oportunidades na vida das pessoas. Somam-se a isso a violência nas relações humanas e as mortes de jovens por causas externas, como por exemplo, acidentes de trânsito, quedas, afogamentos, homicídios, agressões físicas e psicológicas, lesões, traumas e suicídios, diante desse cenário se faz necessário falar sobre a terminalidade do outro (Minayo, & Assis, 1993; Minayo, & Souza, 1997/1998; OMS, 1998).

Frente a tantos acontecimentos, surge a temática da morte escancarada que é vista nos veículos de comunicação, como na televisão. Essa é a morte que invade os lares a qualquer momento e é assistida por todos, com cenas e imagens chocantes, repetidas até à exaustão, num contexto superficial e sem espaços para reflexão. Nesse aspecto faz-se necessária a existência de espaços de discussão de ideias na mídia, para escutar, acolher e pensar nas mortes violentas, já que, diante do exposto, encontrar explicações para esses fatos parece uma tarefa difícil (Kovács, 2003).

A partir das diferentes formas de mortes citadas acima, ressalta-se a importância de criar recursos nos ambientes das escolas para a compreensão dos significados atribuídos à morte pelos educadores (Kovács, 2003). Esses compreendem a maneira como os professores do ensino fundamental entendem a temática da morte no ambiente escolar, frente às intervenções e estratégias consideradas úteis quando a morte invade o contexto da educação. Nessa perspectiva, neste artigo, busca-se a caracterização da amostra com o perfil sociodemográfico dos participantes, a percepção dos professores sobre a morte nos cenários escolares e a reflexão a respeito das possibilidades de intervenções sobre a morte que os docentes consideram importantes no ensino.

Método

Nesta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob o número do CAAE 51499315.5.0000.5346, procurou-se estudar a temática da morte sob a abordagem metodológica quantitativa. O estudo respeitou a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos. Buscou-se explorar e descrever, pela amostra dos professores, aspectos como percepções, vivências e estratégias de intervenção diante das mortes nas escolas e nos

diversos cenários da vida cotidiana que os diferentes atores (professores, alunos, pais, etc.) circulam nas trajetórias de suas vidas.

O estudo descreve e traduz as visões dos professores frente ao fenômeno morte e assume o formato de levantamento das percepções sobre o tema (Silva, & Menezes, 2005). A pesquisa do tipo levantamento oferece a ampliação da realidade social com o intuito de caracterizar e estabelecer relações entre as variáveis (Escorsim, 2014).

Os participantes da pesquisa são professores do ensino fundamental (1º ao 9º ano) do município de Santa Maria (SM), Rio Grande do Sul (RS). A amostra foi construída de forma sistemática e aleatória. Com a lista dos professores das escolas, os profissionais foram sorteados de 10 em 10 e assim convidados a participar do estudo.

Foi entregue o total de 206 versões do mesmo questionário nos colégios, sendo que, dos documentos, foram devolvidos 104, e um desses precisou ser excluído do estudo por não respeitar os critérios de inclusão e exclusão. O total de participantes do estudo consistiu em 103 professores de 21 escolas do município. Para Barbetta (2002), esse número favorece a indução das diferenças com confiabilidade nas análises estatísticas. O critério de exclusão considerou qualquer afastamento do professor por algum tipo de licença.

O instrumento da pesquisa consistiu num questionário misto do tipo autoaplicável com perguntas abertas e fechadas sobre o tema da morte. As questões fechadas possuem um escalonamento tipo *Likert* (Pasquali, 1999). As questões em escala foram sintetizadas em tabelas, sendo que foram atribuídos valores de um ponto para “muito fácil”, dois para “fácil”, três para “nem fácil, nem difícil”, quatro para “difícil” e cinco para “muito difícil”. Os valores utilizados para os cálculos da média, mediana, moda, desvio padrão, mínimo e máximo. Esses dados fornecem uma síntese dos posicionamentos dos participantes em relação à maior e menor dificuldade de lidar com o assunto morte.

A análise dos dados de enfoque quantitativo compreende a tabulação e apreciação dos dados que resulta no levantamento descritivo da pesquisa, com características e atribuições do perfil através de técnicas estatísticas (média, mediana, moda, desvio-padrão) com o recurso de *software* SPSS 20.0 - *Sthatistical Package for the Social Sciences*. Conforme Caregnato e Mutti (2006) busca-se a frequência com que se repetem os conteúdos dos questionários. Assim, as análises quantitativas foram realizadas com o foco nas repetições e ausências dos conteúdos expressos na escrita dos professores sobre a morte. A seguir, a apresentação dos resultados e discussão dos mesmos segue na ordem das perguntas do questionário.

Resultados e discussão

Os resultados apresentados a seguir são relativos às questões iniciais do questionário cujos dados serviram à caracterização sociodemográfica da amostra de participantes. A síntese dos dados referente às idades e tempo de profissão dos participantes são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Demonstrativo da idade e tempo de profissão dos participantes.

		Idade dos participantes	Tempo de profissão dos participantes
N	Válidos	102	103
	Perdidos	1	0
Média		44 anos e 6 meses	18 anos e 7 meses
Mediana		48 anos	20 anos
Moda		50 anos	30 anos
Desvio padrão		11 anos e 1 mês	10 anos e 9 meses
Mínimo		20 anos	4 meses
Máximo		63 anos	38 anos

Participaram desta amostra 103 sujeitos, cuja média de idade foi de 44 anos e 6 meses (DP = 11 anos e 1 mês), a idade mínima foi de 20, e a máxima de 63 anos. Os demais dados para a caracterização sociodemográfica da amostra referentes às questões que dizem respeito ao sexo, escolaridade, profissão e estado civil dos participantes, são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Demonstrativo para caracterização sociodemográfica da amostra.

		Frequência	Percentagem %
Sexo	Feminino	97	94,2
	Masculino	6	5,8
	Total	103	100,0
Escolaridade	Superior	17	16,5
	Pós-graduação	86	83,5
	Total	103	100,0
Profissão	Pedagogo(a)	4	3,9
	Professor(a)	99	96,1
	Total	103	100,0
Estado civil	Solteiro(a)	31	30,1
	Casado(a)/União estável	55	53,4
	Separado(a)/Divorciado(a)	15	14,6
	Viúvo(a)	2	1,9
	Total	103	100,0

Dentre os participantes, aproximadamente 94% eram do sexo feminino e o restante, do sexo masculino. Em relação à escolaridade, a maioria (83,5%) possuía pós-graduação e 16,5%, graduação. Quanto à profissão, 96% eram professores e 4% com a formação no curso de pedagogia, sendo que esses exerciam a função de professores nas escolas. Nessa amostra, quando foi pesquisado o estado civil dos professores, observou-se que mais da metade (53%) dos participantes mantinham união estável, 30% eram solteiros, 15% eram divorciados e 2% eram viúvos.

A seguir, a pesquisa se deteve aos significados atribuídos à morte. Frente à pergunta dessa natureza, os aspectos que mais apareceram como resposta, em ordem crescente para decrescente de repetições foram: espiritualidade, fim de uma etapa do ciclo de vida, perdas e rompimento de vínculos diante da morte e, por último, liberdade. Na figura 1 são especificadas as quantidades de participantes que atribuíram esses significados à morte.

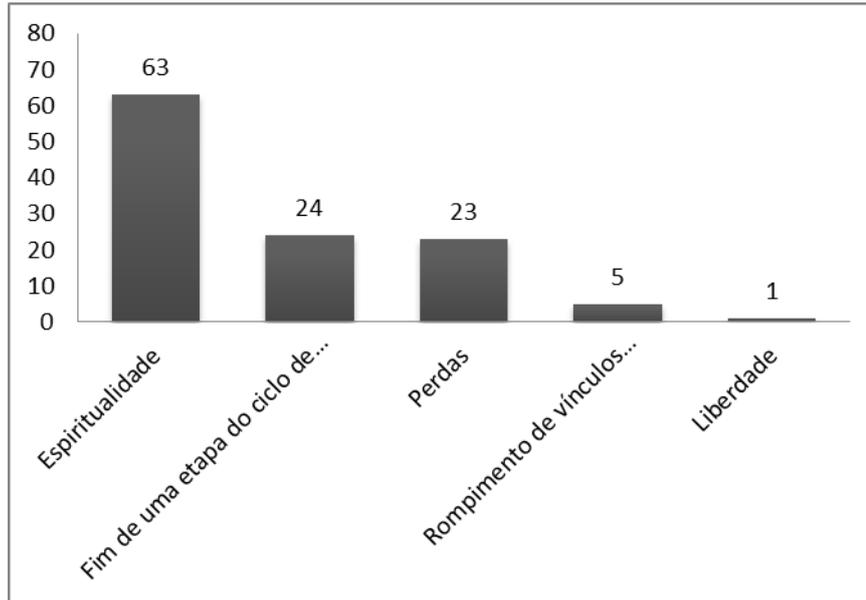


Figura 1. Demonstrativo quantitativo de participantes que atribuíram significados à “morte”.

Na figura 2, a seguir, apresentam-se os principais resultados obtidos pela referida questão: “Quando você ouve a palavra MORTE, quais as primeiras palavras que pensa?”. Na figura é possível observar as cinco palavras mais representativas para um número expressivo de participantes: saudade, tristeza, dor, perda e fim.

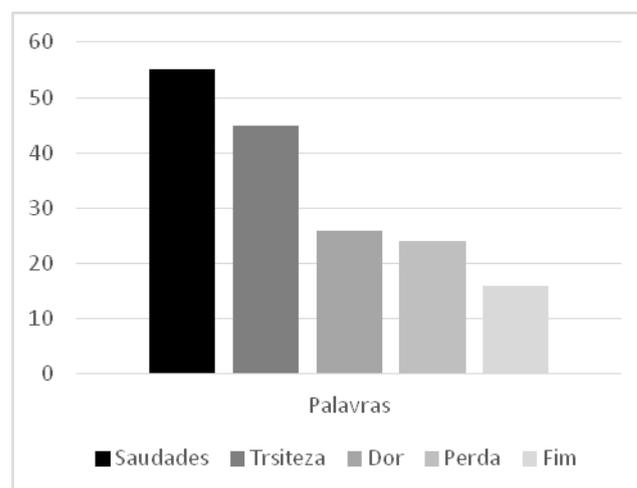


Figura 2. Demonstrativo de escolhas das cinco palavras mais importantes escolhidas pelos participantes frente ao estímulo “morte”.

Quando os participantes foram questionados sobre as palavras que lhes vêm à mente quando pensam na palavra morte, obteve-se que a maioria destes, 53.4% consideram

“saúde” como a primeira palavra; 43,7% dos participantes consideram a palavra “tristeza” como sendo o segundo termo mais importante; 25,2% consideram, em terceiro lugar, que a morte se associa à expressão “dor”; 23,3% consideram como quarta palavra mais importante a “perda”; e, 15,5% consideram como a quinta escolha, o termo “fim”.

Esses dados aproximam-se da pesquisa que mostra o significado da morte para os adolescentes, adultos e idosos, sendo que a subcategoria mais frequente e que melhor descreveu o que representa vivenciar a morte foi o sentimento de tristeza, dor e saudade (31% dos relatos dos adolescentes, 43% dos adultos e 38% dos idosos), o que se pode inferir que a morte é geradora de sofrimento. Ainda, observa-se que para os adultos (60%) e idosos (43%), mais do que para os adolescentes (37%), a morte do outro reflete a convivência com a falta, saudade e recordações. Esse fato pode estar ligado a uma longa história de perdas na vida de adultos e idosos, que ainda não foi vivenciada pelas crianças que viveram apenas alguns anos de adolescência, em comparação com os mais velhos (Barbosa, Melchiori, & Neme, 2011). Esses resultados são similares a esta pesquisa com os professores por predominar um perfil predominantemente de adultos e a palavra perda ter aparecido em quarto lugar quando pensam sobre o assunto morte.

Os demais participantes, com um número menos representativo de escolhas de palavras em relação ao grupo todo, consideraram ainda palavras como: “passagem”, “sofrimento”, “ausência”, “recomeço” e “medo”. Outras palavras ainda foram citadas, mas estas são as mais representativas em quantidade no grupo investigado.

Pelos achados da literatura, observa-se que os medos mais comuns diante da “possibilidade de morte”, em geral, estão relacionados a: o medo da própria morte, o receio de estar sozinho ou afastado de quem se tem um forte vínculo afetivo, a insegurança do desconhecido, a preocupação com os descendentes e a interrupção dos planos e objetivos importantes na vida. Acrescenta-se, ainda, o medo dos mortos, do corpo depois da morte, da

morte prematura, da própria destruição, da perda de pessoas significativas e da morte com a preservação da consciência (Kübler-Ross, 2008).

A respeito do medo da morte, considera-se, para os adultos, a compreensão da morte vista como aniquiladora dos projetos de vida e um impedimento para a apreciação dos frutos plantados ao longo da vida (Barbosa, Melchiori, & Neme, 2011). Conforme a literatura, na vida adulta intermediária, as pessoas começam a fazer um balanço de suas vidas (Kovács, 2002) e para Bee (1997), nesse período, o temor da morte encontra-se elevado pelo contato próximo com a ideia de inevitabilidade do fim em decorrência dos declínios advindos da idade. Já para os idosos, o medo da morte está ligado ao receio de tornarem-se inúteis, acompanhados do receio de sofrimento e de necessidade de ser cuidado, enfim a dor que envolve todos esses aspectos representaram 27% dos relatos do estudo (Barbosa, Melchiori, & Neme, 2011).

A palavra “passagem” remete à crença de reencarnação, em que os adeptos acreditam numa “passagem” entre vidas, o que torna mais confortadora a ideia de morte (Nascimento, & Roazzi, 2007). Essa perspectiva foi menos representativa (13%) para a pesquisa de Barbosa, Melchiori e Neme (2011), o que é semelhante aos dados encontrados nesta pesquisa (14,5%).

Esse resultado numérico inferior preocupa, pois pode representar a dificuldade das pessoas no processo de luto, principalmente no dual, quando o enfrentamento está voltado para a restauração. Uma das possibilidades de restauração acontece quando o significado é atribuído para o “além da morte”, a crença de que a morte representa uma transição do espírito para um lugar melhor, sendo que os sofrimentos da “vida terrena” não existem mais e assim essa relação pode contribuir na construção de significados positivos à experiência (Farinasso, & Labate, 2012).

Na questão que perguntava se os professores já vivenciaram a morte ou as perdas de colegas ou alunos no ambiente escolar, os resultados foram positivos (64,08%) e negativos

(35,92%) . Isso permite constatar que, na amostra de participantes, mais da metade já presenciaram acontecimentos de morte no ambiente escolar, o que reforça a importância desse tema receber atenção nas escolas. Como afirma Kovács (2012), a questão da morte deverá ser incluída na programação das escolas com reflexões e competência para evitar aumentar a barreira defensiva na abordagem do tema.

Ainda sobre a morte no ambiente escolar, observara-se que, dos participantes que responderam ter presenciado o fenômeno na escola e fora dela, 42 professores mencionaram que as mortes eram de alunos, 39 citaram colegas de trabalho, sete responderam que foram pais de alunos, cinco mencionaram familiares de alunos, três responderam familiares de colegas e um não especificou quem morreu. Os tipos de mortes que apareceram foram: mortes inesperadas por violência, infartos, acidentes automobilísticos, tragédia da “Kiss” e suicídio; e as mortes esperadas foram por motivo de doenças. Os dados são representados na figura 3 abaixo.

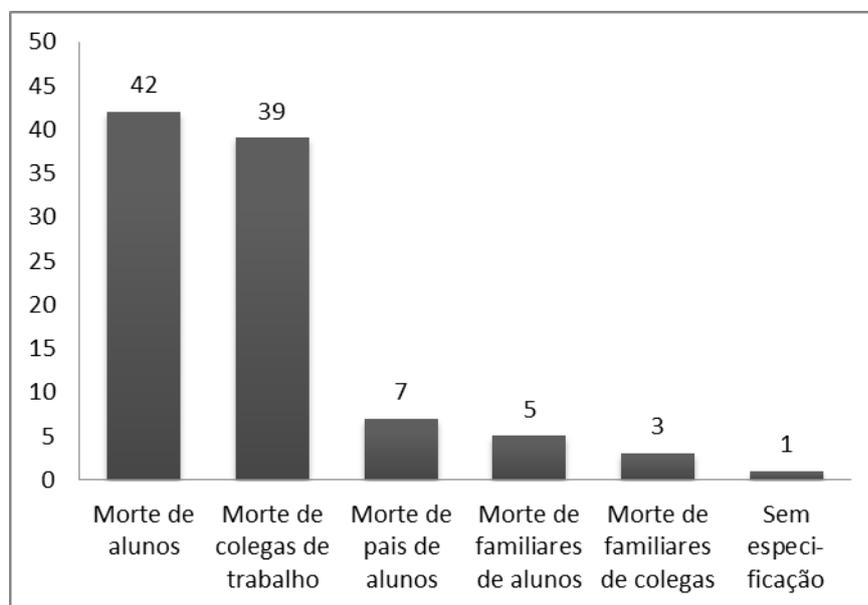


Figura 3. Demonstrativo de sujeitos, citados pelos professores, que morreram no ambiente escolar ou fora dele, a ele relacionado.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a taxa de mortalidade por causas externas de adolescentes e jovens de 15 a 19 anos de idade, na região

sul do Brasil, no Rio Grande do Sul, é de 68,4% referente ao ano de 2009. A taxa de mortalidade específica por causas externas de adolescentes e jovens por homicídio é de 32% no mesmo ano. E, por acidente de trânsito, a taxa de mortalidade dessa população é de 21,5% por 100.000 habitantes. A taxa de mortalidade infantil a cada 1.000 nascidos vivos no Rio Grande do Sul é de 12,76% em 2008. E a taxa de suicídio na faixa de 15 a 24 anos teve um aumento significativo não divulgado, mas que pode ser pressuposta resultado de pressões como o processo de inserção social, aprovação no vestibular e busca por emprego. Além desses dados, o Núcleo de Estudos sobre a Violência da USP (www.nevusp.org.br) menciona as dificuldades dos jovens da atualidade com as desigualdades saúde, moradia, trabalho, baixa renda e escolaridade, o que faz pensar na relevância do tema morte no sistema educacional.

O questionário seguiu com a pergunta: “Se já enfrentou ou ainda tiver que enfrentar situações de morte no ambiente escolar, você pensa que foi (será)”, sendo que nenhum professor respondeu à alternativa “muito fácil”; 1,94% assinalaram “fácil”; 19,42%, “nem fácil, nem difícil”; 44,66%, “difícil”; e 33,98%, “muito difícil”. Diante desses dados, observa-se que o maior número de participantes mostrou o nível de dificuldade elevado quando precisam enfrentar situações de morte na escola.

Tabela 3. Demonstrativo das medidas da questão: “Se já enfrentou ou ainda tiver que enfrentar situações de morte no ambiente escolar, você pensa que foi (será)”.

N	Válidos	Perdidos
	103	0
Média	4,11	
Mediana	4	
Moda	4	
Desvio padrão	0,77	
Mínimo	2	
Máximo	5	

As justificativas para essas respostas incluem os laços de apego e vínculos afetivos que são interrompidos com a morte (33%), e, através dessa ruptura, vêm à tona as recordações da pessoa perdida e sentimentos de saudade mesclados com tristezas (8,73%). O vazio da

perda diante do desconhecido, da ausência de sentido e medo da solidão (11,65%) pode ser preenchido com ideias filosóficas e/ou religiosas (4,86%) e até mesmo através de diversos rituais frente à perda no transcorrer do tempo (0,97%).

Tudo isso na tentativa de entender, confortar e buscar a elaboração do luto com as peculiaridades e dificuldades dessa vivência (9,7%). Uma das dificuldades inclui as mortes inesperadas (1,94%) e também as mortes que envolvem crianças e jovens (8,73%), tão difíceis de serem compreendidas. Também no luto, estão a dor e o sofrimento frente às perdas (6,84%), com a possibilidade de negar a morte (2,91%) e expressar raiva da separação (1,94%). Todo esse processo uma tentativa da difícil tarefa de elaboração do luto - aceitação – pelo indivíduo, para, por fim, aprender diante das perdas (8,73%).

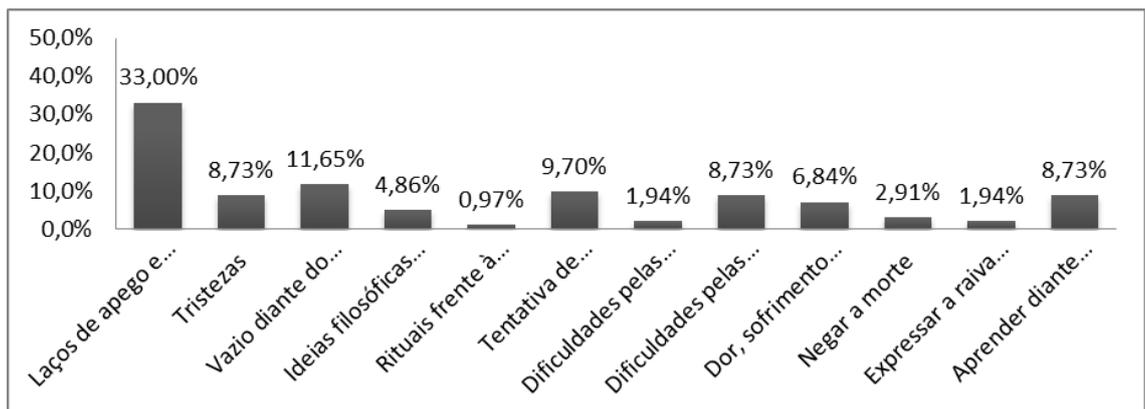


Figura 4. Demonstrativo das respostas dos professores para justificar o nível de dificuldade no enfrentamento de situações de morte no ambiente escolar.

Diante da elaboração do luto, as lembranças do falecido nas diversas situações cotidianas da vida do enlutado reativam o sistema de apego que está ligado ao enfrentamento voltado à perda, dentro do modelo dual de luto. O pesar é uma reação à perda e a solidão é uma reação à privação. Esta significa a falta de suprimentos essenciais que anteriormente eram fornecidos pelo falecido. Esses elementos básicos ausentes estão relacionados ao apego do vínculo com o sujeito que se perdeu através da morte (Muckulincer, & Shaver, 2008).

A solidão pode ser considerada um fator de risco, pois é a pior elaboração do luto (Weiss, 2008). Dentre os fatores de proteção, ou seja, que podem facilitar o enfrentamento e a elaboração do luto, inclui considerar aspectos religiosos e espirituais do indivíduo que sofre com a perda. Tais aspectos denotam significados aos eventos da vida, o que possibilita ao enlutado entender sua história e elaborar a perda com mais facilidade (Hays, & Hendrix, 2008). Essa elaboração das perdas pode auxiliar nas intervenções em situações de morte no ambiente escolar.

As próximas questões do instrumento de pesquisa foram: “Já entreviu em situações de morte no ambiente escolar?” e “Em relação a sua intervenção (ou se tivesse que intervir) nessa situação de morte na escola, como foi (seria) para você?”. As respostas referentes à primeira pergunta mostraram que a grande maioria dos professores (83,50%) não presenciou e nem teve que intervir em situações de morte na escola. Já (16,50%) responderam que passaram por situações de morte na escola.

Os professores quanto ao grau de dificuldade ao ter que intervir em situações de morte na escola assinalaram que 38,83% consideram a experiência “muito difícil”, 47,57% “difícil”; 13,59% “nem fácil e nem difícil”; e, nenhum participante marcou respostas “fácil” e “muito fácil”. A média de 4,25 mostra que o posicionamento dos professores está entre “difícil” e “muito difícil” relacionado às intervenções em situações de morte na escola.

Tabela 4. Demonstrativo das medidas da questão: “Em relação a sua intervenção (ou se tivesse que intervir) em situações de morte na escola, como seria para você?”.

N	Válidos	103
	Perdidos	0
Média		4,25
Mediana		4
Moda		4
Desvio padrão		0,68
Mínimo		3
Máximo		5

Conforme pesquisa de Marques e Demartini (2011), a dificuldade dos professores ao trabalhar a temática da morte e do luto aparece pela falta de apoio que os profissionais interessados recebem nas escolas quando passam pelo processo de luto, a falta de apoio instrumental para lidar com a temática na escola, a percepção de que na dificuldade de enfrentar o próprio luto reflete em não conseguir abordar o tema com os alunos, não conseguir ressignificar a vida com a ausência da pessoa perdida, tudo são barreiras que impedem a retomada da vida na escola.

Frente às dificuldades na abordagem de lidar com a temática da morte no ambiente escolar, o questionário segue na tentativa de fazer refletir como esse assunto poderia ser trabalhado no universo escolar. Dentre as respostas dos participantes, 33,01% não acredita que o tema da morte deva ser trabalhado pelos professores, mas sim por especialistas. Ainda nesse grupo de professores, observa-se a dificuldade na abordagem do assunto pela diversidade dos conceitos religiosos/ filosóficos e ideias que existem a respeito da morte, pois muitas escolas são laicas e os docentes não se sentem preparados para dialogar com os alunos sobre a finitude humana.

Acrescenta-se que 3,89% dos participantes nunca havia pensado sobre o trabalho da morte no ambiente escolar, o que corrobora a afirmação da autora Kovács (2012) sobre o tema da morte, que surge como importante tema a ser trabalhado no ambiente educacional, mas por profissionais especializados, conforme a visão dos educadores.

Nas respostas dos professores ao questionário, 63,10% apresentaram a ideia de que o tema da morte deva ser trabalhado em sala de aula através do diálogo, reflexões, discussões, livre expressão dos sentimentos e compartilhamento das experiências. Dentre os aspectos que foram sugeridos na apresentação do tema, os professores incluem os significados das perdas, os tipos de mortes, a abordagem da morte sem fantasiar, os rituais de passagem, além de temas como o genocídio, guerras, violência urbana e direitos humanos. A abordagem do tema

da morte nas escolas ainda é incipiente. Ao mesmo tempo em que os professores expressam a necessidade da reflexão sobre ela no ambiente escolar também mostram dificuldades frente à tarefa de trabalhar sobre o assunto (Kovács, 2012). Esses dados são demonstrados na figura 5 a seguir.

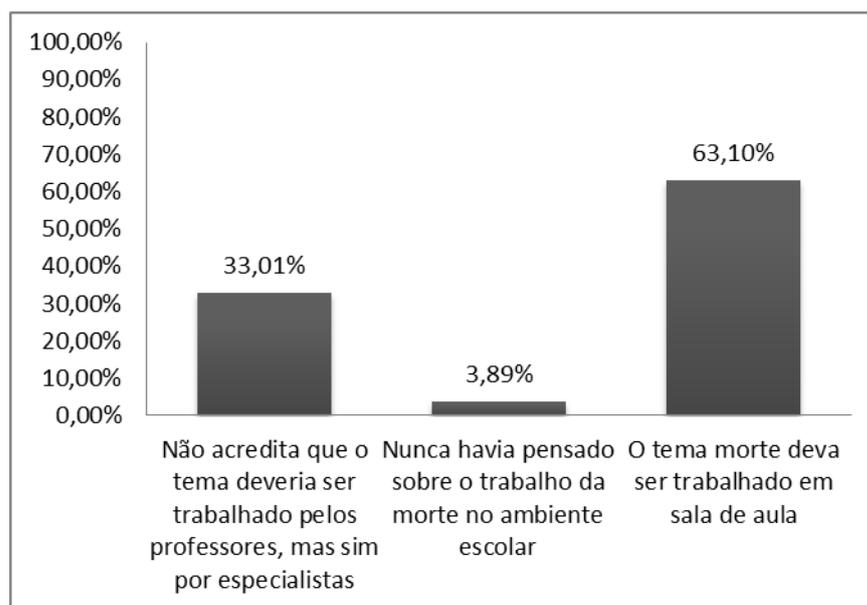


Figura 5. Demonstrativo das respostas dos professores sobre a abordagem do tema da morte nas escolas.

Nessa mesma linha de pensamento, que mostra o desejo de falar sobre o tema na escola, 29,18% das respostas mostram que, independente do pluralismo religioso e da diversidade cultural, os professores podem mostrar as diferentes visões religiosas e culturais sobre o tema da morte na escola. Além disso, 30,15% escrevem no questionário que o tema deva ser abordado com naturalidade, como por exemplo, ser abordado a morte das plantas, o ciclo de vida e morte da natureza, animais, etc., nas disciplinas curriculares. Também, 5,61% mencionam que o trabalho do tema precisa iniciar na educação infantil.

A educação para a morte, na ótica dos participantes do estudo, pode ser implementada com assuntos, como, por exemplo, as lembranças, as recordações, as tristezas, a saudade, as

ausências frente às perdas, às transformações da vida e a honestidade com que deva ser trabalhada.

A morte pode ser trabalhada nos currículos escolares como um dos temas transversais, processo similar ao que é realizado com a educação sexual, drogas, etc.. Essa é uma orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Uma das maneiras de incluí-lo nas escolas consiste na possibilidade de reflexão, na construção de maneiras de enfrentamento com a criação de atividades que envolvam: as pequenas mortes, perdas, perda de um bicho de estimação, morte de pessoas importantes na comunidade, catástrofes naturais e tragédias que acontecem no planeta, entre outros tópicos. A educação é uma estratégia para enfrentar a ansiedade e o medo e, também, auxilia a tornar familiar um assunto pouco abordado (Kovács, 2003).

O estudo mostra que 35,06% das respostas dos participantes considera que acerca das formas de abordar o assunto, deve ser considerada a questão didática de transmissão do conhecimento através de dinâmicas de grupo, filmes, palestras, histórias, vídeos, reportagens, documentos, jogos, textos, pesquisas, teatro, pintura, recorte, desenho, livros etc. A figura 6 mostra as formas, citadas pelos docentes, que a morte poderia ser abordada no ambiente escolar.

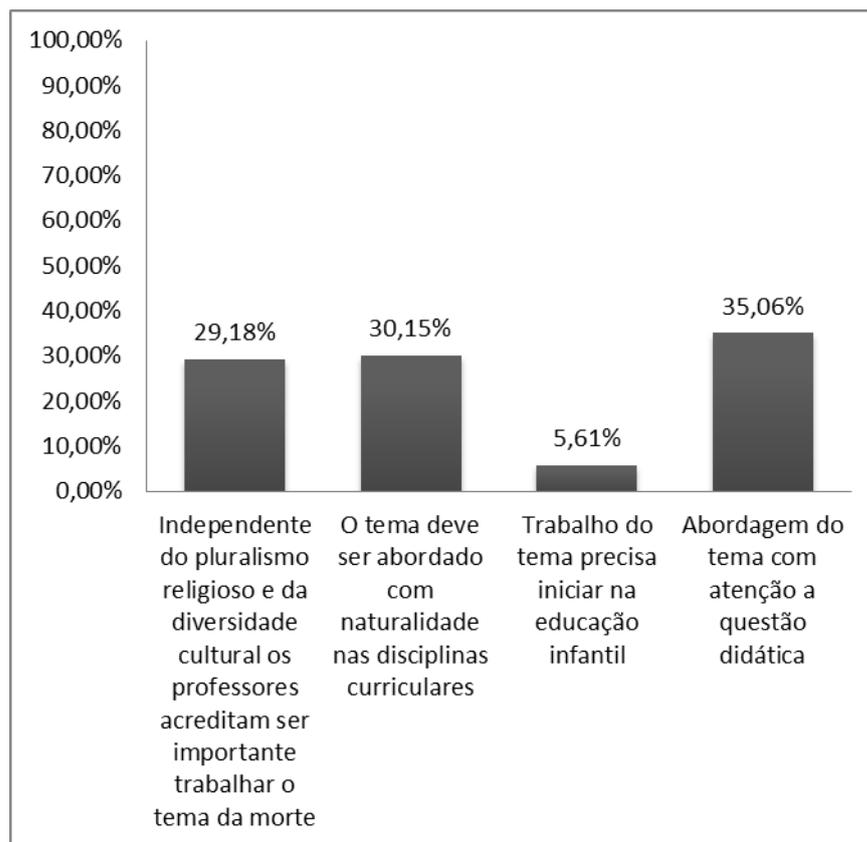


Figura 6. Demonstrativo das respostas dos professores das formas que a morte poderia ser abordada no ambiente escolar.

A respeito das diferentes formas de trabalhar o tema da morte nas escolas (Hérran, Bravo, Navarro, González, & Freire, 2003), as atividades direcionadas aos alunos podem abranger jogos simbólicos quando o tema aparece como objeto de indagações, experimentações, explicações, fantasias e inserção social, ou seja, funções importantes para o desenvolvimento do aluno. Esse jogo simbólico pode ser um bom meio para a observação, intervenção e relacionado com a vida real.

O compartilhamento de experiências relacionados a vida e a morte podem ajudar no alívio, controle da angústia e encorajamento no relato dos medos. Essa troca de vivências pode ser de momentos significativos desejados (aniversário, a queda de um dente), momentos significativos não desejados ou ambivalentes (pequenos acidentes, as doenças, as situações perigosas, o medo de algo desconhecido, ausência de um objeto de apego, o medo do abandono). Também pode ser realizado trabalho da morte com oficinas (fotografias com

peças antigas que fizeram parte da história, teatro com bruxas, magos, fantasmas, esqueletos, oficinas de plantas e flores mortas transformadas nas essências dos perfumes), e outras atividades que podem contemplar a literatura, a morte nas diferentes crenças (transcultural), vídeos e pesquisas (Herrán, Bravo, Navarro, González, & Freire, 2003).

Dando continuidade ao instrumento da pesquisa, a pergunta do questionário que busca saber se os participantes tinham perdido algum colega ou aluno no último ano, as respostas afirmativas representaram 18,45% e as negativas 81,55%. Esses dados mostram o motivo do número pequeno de respostas que explicam como foi a elaboração do luto frente a essas mortes. As respostas norteiam a falta provocada pela ausência, a tristeza, a dor, o sofrimento, a crença do término do sofrimento do falecido (doença), as lembranças positivas do falecido, a desistência de continuar a vida após a morte de um ente querido (filhos), a dificuldade diante dos vínculos afetivos fortes que se rompem, a não compreensão da morte de crianças e jovens, o choque frente às mortes súbitas e violentas, o pesar frente às perdas, o recurso da fé e oração frente às mortes, à crença espiritualista de evolução diante do fim da vida, a não compreensão da morte por suicídio, o conforto dado aos que ficam (amigos e familiares), as tentativas de seguir a vida adiante após as perdas e a ideia de que o tempo pode facilitar no processo de elaboração do luto.

Antes de discorrer sobre os sintomas no processo de luto e os estágios do mesmo, faz-se necessário o entendimento das semelhanças e das diferenças que existem entre um processo de luto normal e a melancolia, patologia indicativa de que o luto não ocorreu de maneira adequada. O luto e a melancolia são caracterizados por profundo desânimo, perda de interesse pelo mundo externo, inibição da atividade em geral e incapacidade de amar. Já, exclusivamente, na melancolia, observa-se a diminuição da autoestima, intensas autoacusações e pode resultar numa expectativa delirante de punição. O objeto perdido do melancólico é mais idealizado que o do luto, no primeiro, esse objeto pode ser inconsciente e,

no segundo, a perda do objeto é totalmente consciente. O processo de luto é realizado através do teste de realidade, que ao observar, repetidas vezes, que o objeto não existe mais, exige que a libido se desprenda do objeto perdido. Todo esse processo abrange sofrimento e dor, e a elaboração do luto ocorre de maneira gradual e lenta (Mendlowicz, 2000).

O luto é uma reação à perda de um ente querido, à perda de uma abstração, como por exemplo, a liberdade ou o ideal de alguém. Essas mesmas situações podem produzir melancolia em vez de luto. A melancolia é uma disposição patológica, enquanto o luto, como constituinte do homem que sofre perdas, vem a ser superado após determinado lapso de tempo. Normalmente prevalece o respeito pela realidade, no desinvestimento libidinal ao objeto perdido, executado pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial. O fato é que quando o trabalho do luto se conclui o ego fica outra vez livre e desinibido (Freud, 1915/2006).

Para resumir, o luto é um processo normal diante da perda do objeto, não é considerado patológico, é necessário o retorno ao sujeito através do investimento nas lembranças do ente que faleceu para a posterior retirada da libido do objeto que se perdeu. Já na melancolia, acontece a perda do objeto, a ambivalência e a autodepreciação (autoestima muito baixa). O melancólico confunde-se com o objeto perdido, processo inverso do luto, cuja perda não consegue ser processada, tudo a nível inconsciente (Freud, 1915/2006).

A educação para a morte, seja direcionada aos profissionais da saúde ou da educação, exige o conhecimento dos cinco estágios do luto. Esse é transmitido de forma teórica e apreendido nas práticas do dia a dia no espaço do trabalho e/ou no setor familiar, e no âmbito pessoal. Os estágios, na perspectiva da morte, incluem a negação (negar a doença ou morte iminente), a raiva (sentimentos de revolta e ressentimento), a barganha (negociação com Deus), a depressão (desinteresse e necessidade de ficar só) e aceitação (compreensão de que a

vida chegou no fim). Na perspectiva do processo de luto os indivíduos passam por pelo menos dois desses estágios (Kübler-Ross, 1998; Viorst, 2004).

A negação e a raiva aparecem nas respostas dos professores no momento que mencionam a incompreensão e a revolta diante das mortes: violentas, súbitas, inesperadas, suicídio e quando envolve crianças e jovens. As mortes repentinas e inesperadas, perdas múltiplas, mortes violentas envolvendo a ação humana (suicídio, assassinato etc.) representam risco especial para a saúde mental dos enlutados, mesmo na ausência de vulnerabilidade. Nesses tipos de mortes, o luto tende a ser complicado por fortes sentimentos de raiva e culpa, compreensíveis na tentativa de o sofredor focar na questão da culpa. Além disso, especialmente o suicídio carrega um estigma social pesado e pouco espaço para a expressão do luto (Parkes, 1998).

Àqueles tipos de mortes, Kovács (2003) denomina morte escancarada. Esta invade e ocupa espaço no cotidiano das pessoas, fato que dificulta a proteção e o controle das consequências, ou seja, as pessoas ficam expostas e sem defesas às cenas de mortes. Esse tipo de morte não abre espaço para a comunicação, possui características de ser brusca, repentina, invasiva e involuntária.

Então há fatores que podem influenciar no processo de luto: a relação com a pessoa perdida, a natureza da ligação (intensidade, segurança, ambivalência ou conflitos), forma da morte (repentina e violenta), antecedentes históricos e variáveis de personalidade e sociais (Kovács, 2007). Além de aspectos como a idade do falecido, as pessoas tendem a apresentar maiores dificuldades frente à perda de crianças e jovens. Tal realidade pode gerar aumento descontrolado de ansiedade, raiva e pesar (Parkes, 1998; Fukumitsu, & Kovács, 2016). Os enlutados por suicídio tentam ressignificar a morte escancarada e interdita, pois esta aparece sem proteção e simultaneamente se evita conversar sobre o fato ocorrido, fatores que podem interferir no luto (Fukumitsu, & Kovács, 2016).

O processo de luto, em alguns casos, pode chegar ao estágio da aceitação, e, nas respostas dos professores, foi esse processo fora observado quando os profissionais mencionam o cessar do sofrimento do falecido, principalmente quando a morte resulta do adoecimento. As afirmações de pesar frente à perda, a busca de conforto na espiritualidade e o desejo de oferecer e receber apoio das pessoas diante do sofrimento no ambiente escolar são importantes na elaboração do luto.

Diante dessa questão, a resignificação das perdas, o entendimento da morte como uma etapa natural do ciclo de vida, a promoção de um cuidado humanizado, resultam na possibilidade de assegurar qualidade de vida e conforto àqueles e demais envolvidos no processo de morte. Isso exige educação permanente para as elaborações dos lutos presenciados pelos profissionais de todas as áreas do conhecimento (Cardoso, Muniz, Schwartz, & Arrieira, 2013). Frente a isso, a aceitação da morte pode ser considerada um dos maiores sinais de maturidade humana (Silveira, Ciampone, & Gutierrez, 2014).

Porém, a aceitação aparece como um desafio difícil do comportamento humano. Isso reforça os dados a seguir do questionário, quando é perguntado aos entrevistados sobre as mortes na vida privada e como eles consideraram o manejo nessas situações. No grupo pesquisado, 99,03% presenciaram morte no contexto familiar e 0,97% nunca havia vivenciado morte na família. Destes, 43,69% consideram muito difícil o enfrentamento da morte e ou perda, 42,72% mencionam que é difícil, 12,62% afirmam não ser fácil e nem difícil e 0,97% pensa ser fácil. O dado da média de 4,29 reflete que a morte ainda é um assunto predominantemente resistente e aparece entre “difícil” e “muito difícil” no enfrentamento para a categoria docente de um modo geral.

Tabela 5. Demonstrativo das medidas da questão: “Como considerou (ou se tivesse que considerar) o manejo da morte ou perda?”.

N	Válidos	103
	Perdidos	0
Média		4,29
Mediana		4
Moda		5
Desvio padrão		0,72
Mínimo		2
Máximo		5

A dificuldade em lidar com a morte pode ser uma consequência do afastamento precedente do tema nos ambientes familiares, nas rodas de conversa entre amigos, nos locais institucionais como as próprias escolas, as faculdades, as empresas, dentre tantos outros ambientes. Por mais que alguns se caracterizem como um lugar onde mortes acontecem, tal qual em mesmo hospitais, evita-se conversar sobre o assunto. Sendo assim, falar em educação para a morte remete à dificuldade de enfrentamento dessa cultura na tentativa de o indivíduo afastar o medo e não se permitir o contato com própria vida (Santos, & Bueno, 2011).

As visões das pessoas sobre a morte vão estar intimamente ligadas às diferentes histórias de vida, vivências, aprendizagens e condições físicas, psicológicas, sociais e culturais (Santos, & Bueno, 2011). No intuito de conhecer essas diferentes perspectivas sobre a morte, na última pergunta, o questionário buscou verificar estratégias de enfrentamento diante da morte de familiares dos entrevistados ou pessoas próximos a eles, no contexto privado.

Antes de discorrer sobre as estratégias de enfrentamento, é necessário entender a teoria de Folkman e Lazarus (1980). Os autores apresentam o *coping*, um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos a fim de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de *stress* e são avaliadas conforme os recursos pessoais de cada indivíduo. O *coping* é uma tentativa de administrar a situação

estressora a partir da interação do indivíduo com o ambiente, no uso de seus esforços cognitivos e comportamentais com o intuito de reduzir, minimizar ou tolerar a situação de *stress*. O *coping* focalizado na emoção tem a função de regular o estado emocional associado ao *stress*; nesse, são dispensados esforços somáticos e a um nível de sentimentos. O *coping* direcionado ao problema constitui-se num esforço para atuar na situação que originou o *stress* na tentativa de mudá-la (Folkman, & Lazarus, 1980).

As estratégias de *coping* voltadas ao problema, na tentativa de elaboração do luto frente à morte, foram citadas pelos professores: ler sobre o assunto luto, buscar recursos e informações em livros, escrever para a pessoa falecida, ir aos rituais de velório e enterro, levar flores no cemitério, permitir-se vivenciar a perda, conversar sobre a perda, aceitar a morte através do término do sofrimento do falecido (doença), guardar as lembranças e recordações positivas, tratar a morte com naturalidade pela certeza que se tem do fato na vida, conseguir falar da pessoa falecida com tranquilidade, alcançar força para superar a dor, mudar hábitos, seguir a vida adiante e respeitar individualmente o tempo do processo de luto.

O *coping* focalizado na emoção aparece nas seguintes respostas dos participantes da pesquisa, como o choro pela perda, a dor, a tristeza, as incertezas, a saudade, a afirmação de que a morte deva ser sentida, a paralização das ações/emoções frente à morte, o desejo de morrer junto com a pessoa que faleceu, a expressão da revolta (reclamações diante da perda), a ideia de que nunca se está preparado para a morte, o sentimento de que o tempo ameniza a situação e a clareza de que os comportamentos são imprevisíveis conforme as emoções despertadas. Tanto as estratégias de *coping* focalizadas no problema quanto as direcionadas às emoções estão distribuídas de forma homogênea nas respostas dos professores, sem diferenças quantitativas entre elas. A maioria dos participantes utiliza ambas as estratégias nas situações de morte de pessoas próximas (familiares e amigos).

Panzini e Bandeira (2007) definiram o *coping* religioso-espiritual, conforme indicação do próprio nome, como o uso de estratégias religiosas e/ou espirituais para manejar o *stress* diário e/ou advindo de crises que ocorrem ao longo da vida, classificados em *coping* religioso-espiritual positivo (melhor qualidade de vida e bem-estar) e negativo (pior qualidade de vida e depressão).

O *coping* religioso-espiritual escrito no questionário refere-se a melhores níveis de qualidade de vida e bem-estar, sendo positivo no enfrentamento do processo de luto. Os recursos mencionados pelos professores, nesse sentido, foram: a oração, a afirmação de que a vida é uma passagem, a crença de que o falecido está livre de sofrimentos e encontra-se em um lugar melhor que o da vida terrena, a aceitação da morte através do auxílio espiritual e crença em Deus, a crença que a alma foi liberta do corpo doente do falecido, a sensação de acomodar o sentimento de angústia com as preces, a crença de evolução espiritual com a morte, a prática da meditação e reflexão espiritualista da morte, o comparecimento a missas e a sensação de missão cumprida relacionada ao falecido. O *coping* religioso-espiritual apareceu em 53,39% dos professores que responderam ao questionário.

Além dessas estratégias de *coping* mencionadas, observa-se a estratégia de enfrentamento de suporte social utilizada pelos professores, caracterizada pela busca, diante da morte, de apoio em pessoas próximas e familiares, o compartilhamento de afeto e carinho dos enlutados, o diálogo com pessoas que ofereçam suporte, a procura por tratamento psicológico e psiquiátrico (demais profissionais especializados) e a aproximação com os familiares mais próximos (filho, esposo). Assim, entende-se por suporte social uma estratégia de enfrentamento relacionada ao apoio encontrado nas pessoas e no ambiente, sendo esse um fator psicossocial positivo que pode ajudar a lidar com o efeito indesejado do *stress*. O suporte social facilita a tentativa de encontrar soluções e enfrentar o emocional, para melhor lidar com os problemas (Lazarus, & Folkman, 1984).

Para os mesmos autores, as estratégias de enfrentamento caracterizadas pelo afastamento faz com que o indivíduo se utilize de defesas para evitar confrontar-se frente a ameaça, o qual acaba não modificando ou elaborando a situação. Por exemplo, a pessoa afetada pode adiar ou evitar passar pelo processo de luto em casos de morte. Exemplos dessas estratégias utilizadas pelos participantes da pesquisa são: potencializar suas atividades profissionais e estudantis; dedicar-se ao trabalho assistencial, a fim de evitar o contato com a ausência e a perda e fazer atividades que possam distrair o sentimento de tristeza (passear, filmes alegres) com o intuito de desviar o foco do luto. O recurso da distração, quando utilizado isoladamente, pode acarretar problemas ao indivíduo na elaboração do luto. Contudo, essa foi uma das estratégias menos citadas na pesquisa, o que diminui a preocupação da pesquisadora frente ao quantitativo de professores que utilizam somente essa estratégia.

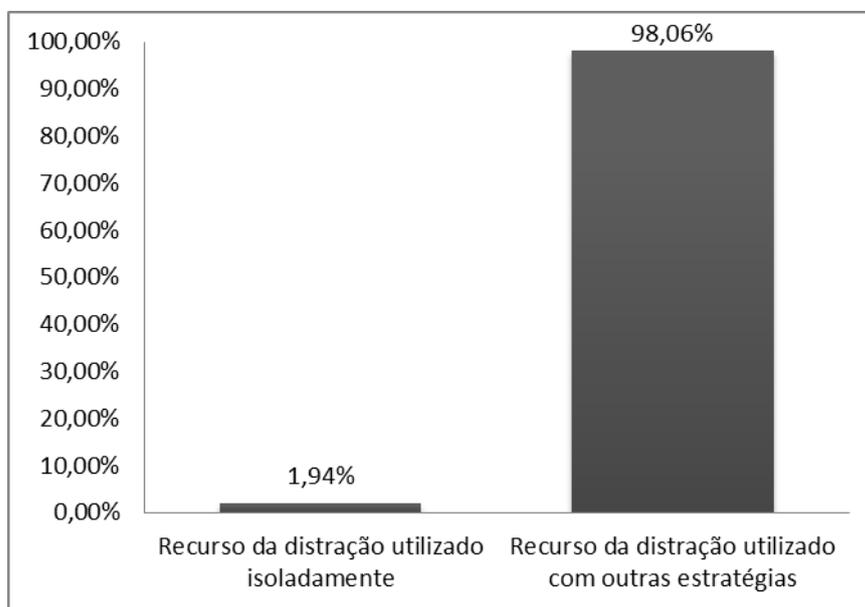


Figura 7. Demonstrativo das respostas dos professores quanto ao recurso de distração utilizado isoladamente e esse usado concomitante a outras estratégias.

Considerações finais

O tema da morte no cenário escolar ainda precisa ser bastante discutido e aparece como um processo no qual grande parte das realidades dos colégios mostra que, ainda, nem foi iniciada a aproximação com o assunto. Diante disso, observa-se que a temática em questão só é forçosamente trabalhada quando acontece a morte, seja no ambiente escolar, como também fora dele, mas a este relacionado.

As palavras que mais apareceram quando se incita uma reflexão sobre a morte foram saudade, tristeza, dor, perda e fim. Essas estão intimamente ligadas à tentativa da elaboração do luto frente aos vínculos significativos que se rompem.

A dificuldade de abordar a morte no ambiente estudantil pelos professores advém das próprias restrições, reservas, conflitivas pessoais referentes à morte, ou, em alguns casos, das perdas individuais e lutos mal elaborados, que refletem diretamente nas limitações no que diz respeito ao assunto da pesquisa.

Diante dessas limitações do ser humano, de uma forma geral, observam-se possibilidades de enfrentamento frente às perdas: estratégias de *coping* voltadas à emoção, estratégias de *coping* voltadas ao problema, estratégias de *coping* religioso-espiritual, estratégias de *coping* de suporte social e estratégias de *coping* de afastamento. As duas primeiras aparecem de forma concomitante na maioria das respostas dos professores ao questionário. A estratégia de *coping* religioso-espiritual mostra na pesquisa bastante relevância, pois está presente em mais da metade dos participantes.

A estratégia de suporte social evidencia a necessidade do “outro”, suporte das pessoas próximas frente às mortes e rupturas que acontecem no decorrer da trajetória de vida. Consiste em um recurso de extrema importância, pois os medos, as angústias, as inseguranças, no compartilhar com o outro, possibilitam um enfrentamento mútuo diante da fragilidade da própria existência.

Por outro lado, as estratégias de afastamento podem dificultar o contato com a perda e, assim, também complicar o processo de luto, tão necessário para o indivíduo seguir adiante com a vida. Dessa forma, surge a demanda de ampliar as trocas de experiências e/ou vivências no ambiente escolar sobre a morte, a fim de sensibilizar os professores e capacitá-los no intuito de melhorar a aproximação do tema daqueles. Esses fatores tornam-se necessários para iniciar os pensamentos, estratégias e intervenções sobre o fim da vida e as perdas decorrentes do desenvolvimento humano nas escolas.

Apesar de todas as limitações que apareceram nas respostas dos professores, nota-se um desejo dos mesmos no trabalho sobre a morte no ambiente escolar, porém, os docentes encontram barreiras de instrumental teórico, vivências não adaptativas, questões religiosas (escola laica) e falta de incentivo para aproximar o tema nos conteúdos transversais do ensino.

Os professores são muito criativos e interessados quando se provoca, via pergunta, o pensamento da forma de condução do tema morte na sala de aula. Esse fator surge como um preditor positivo para o incentivo de investimentos na educação permanente dos docentes, produção de materiais didáticos críticos sobre o tema e espaços no cenário das escolas para uma possível educação para a morte.

Por fim, a preocupação com a educação para morte no ambiente escolar pode ser pensada como um compromisso com a saúde emocional das pessoas e inclui aspectos relacionados à saúde pública. Isso pelo motivo de se constatar que o diálogo sobre o assunto consiste nas diversas possibilidades de elaborações de perdas. Assim, espaços para lutos permitidos e vividos de maneiras saudáveis, com objetivos de dar seguimento à vida podem ser criados nesse ambiente escolar.

Então, falar de morte pode ser um momento de potencializar as vidas nas idiosincrasias e peculiaridades culturais, filosóficas, espirituais e religiosas. A possibilidade da morte não deveria ser uma trava ou geradora de medos e angústias, e sim um espaço para

as autocríticas a respeito de como as vidas podem ser conduzidas e a liberdade de crescer, adaptar e modificar os comportamentos e amadurecer as emoções frente aos entraves inerentes às vidas de todos os seres humanos. A partir disso, os indivíduos podem se libertar das “correntes do pensamento” e viver com mais verdade, naturalidade e responsabilidade na relação interpessoal com o outro. Portanto, para a construção de histórias de vida, é importante estar disposto também a dialogar e significar o tema inerente à morte e ao morrer.

Referências

- Ariès, P. (1977a). *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Barbetta, P. A. (2002). *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: UFSC.
- Barbosa, C. G., Melchiori, L. E., & Neme, C. M. B. (2011). Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática de literatura. *Psicologia em Revista*, 17(3), 363-377. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n3/v17n3a03.pdf>.
- Bee, H (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde (2016). *Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos. RESOLUÇÃO Nº 510, de 7 de abril de 2016*. Brasília: Diário Oficial da União; Poder Executivo, publicado em 7 abril. 2016. Seção I, p.1-9.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Sistema de informações sobre mortalidade – SIM*. Brasil: IBGE.
- Cardoso, D. H., Muniz, R. M., Schwartz, E., & Arrieira, I. C. O. (2013). Cuidados paliativos na assistência hospitalar: a vivência de uma equipe multiprofissional. *Texto e Contexto*, 22(4), 1134-1141. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/html/714/71429843032/>.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto e Contexto*, 15(4), 679-684. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>.

- Escorsim, S. M. (2014). A pesquisa do tipo levantamento: o debate teórico e o seu delineamento. *Cadernos da Escola de Educação e Humanidades*, 1(9), 78-96. Recuperado de: <http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoseducacao/index.php/educacao/article/view/75/69>.
- Faraj, S. P., Cúnico, S. D., Quintana, A. M., & Beck, C. L. C. (2013). Produção científica na área da psicologia referente à temática da morte. *Psicologia em Revista*, 19(3), 441-461. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v19n3/v19n3a08.pdf>.
- Farinasso, A. L. C., & Labate, R. C. (2012). Luto, religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 14(3), 588-595. Recuperado de: https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n3/pdf/v14n3a15.pdf.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239. Recuperado de: <http://www.jstor.org/stable/2136617>.
- Freud, S. (2006). Reflexões para tempos de guerra e morte. In: S. Freud. (*Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV*). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1976 [1915]).
- Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In: S. Freud. (*Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV*). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1917 [1915]).
- Fukumitsu, K. O., & Kovács, M. J. (2016). Especificidades sobre o processo de luto frente ao suicídio. *Psico (Porto Alegre)*, 47(1), 3-12. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psico/v47n1/02.pdf>.

- Hays, J. C., & Hendrix, C. C. (2008). The role of religion in bereavement. In: M. S. Stroebe, R. Hansson, R. O., H. Schut, & W., Stroebe (Eds.). *Handbook of bereavement research and practice: advances in theory and intervention* (pp. 327-348). Washington: American Psychological Association.
- Hérran, A., Bravo, S., Navarro, M. J., González, I., & Freire, M. V. (2003). La educación para la muerte. Selección de propuestas. *Aula de Infantil Barcelona*, 12, 14-27.
- Kovács, M. J. (2002). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2003). *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2007). Perdas e o processo de luto. In D. Incontri & F. S. Santos (Eds.). *A arte de morrer. Visões plurais* (pp. 217-238). São Paulo: Comenius.
- Kovács, M. J. (2012). Educadores e a morte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 71-81. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/08.pdf>.
- Kübler-Ross, E (1998). *Sobre a morte e o morrer..* São Paulo: Martins Fontes.
- Kübler-Ross, E (2008). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984) *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Marques, P. R. M., & Demartini, Z. B. F. (2011). Luto na escola: um cuidado necessário. *Revista Pedagógica – Unochapecó*, 26(1), 43-58. Recuperado de: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1265/695>.
- Mendlowicz, E. (2000). O luto e seus destinos. *Ágora*, 3(2), 87-96. Recuperado de: <http://www.spid.com.br/pdfs/Publica%C3%A7%C3%B5es%20%20Artigos->

%20O%20Luto%20e%20seus%20Destinos-Eliane%20Mendlowicz%20-%20Copy.pdf.

Menezes, R. A. (2004). *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond.

Minayo, M. C. S., & Assis, S. G. (1993). Violência e saúde na infância e adolescência: uma agenda de investigações estratégica. *Saúde em Debate*, (39), 58-63. Recuperado de: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=link&exprSearch=150947&indexSearch=ID>.

Minayo, M. C. S., & Souza, E. G. (1997/1998). Violência e saúde como campo interdisciplinar e ação coletiva. *História, ciência e saúde*, IV(3), 513-531. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a06>.

Muckulincer M., & Shaver, P. R. (2008). An attachment perspective on bereavement. In: M. S. Stroebe, R. O. Hansson, H. Schut, & W. Stroebe (Eds.). *Handbook of bereavement research and practice: advances in theory and intervention* (pp. 87-112). Washington: American Psychological Association.

Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2007). Polifasia cognitiva e a estrutura icônica da representação social da morte. *Psicologia Reflexão e Crítica.*, 21(3), 499-508. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a19>.

Núcleo de estudos sobre Violência da USP (2006-2009). A questão da morte nas instituições de saúde e educação. Do interdito à comunicação para profissionais de saúde e educação – não publicada – CNPq.

Oliveira, J. B. A., & Lopes, R. G. C. (2008). O processo de luto no idoso por morte de cônjuge ou filho. *Psicologia em Estudo*, 3(2), 217-221. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2.pdf>.

- Organização Mundial da Saúde. (1998). *Promoción de la salud: glosário*, Genebra. Recuperado de: http://whqlibdoc.who.int/hq/1998/WHO_HPR_HEP_98.1_spa.pdf.
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 126-135. Recuperado de: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20616/000644793.pdf?sequence=1>.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta..* São Paulo: Summus.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPam.
- Santos, J. L., & Bueno, S. M. V. (2011). Educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem: revisão documental da literatura científica. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(1), 272-276. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/40696/43955>.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: UFSC. Recuperado de: http://200.17.83.38/portal/upload/com_arquivo/metodologia_da_pesquisa_e_elaboracao_de_dissertacao.pdf.
- Silveira, M. H., Ciampone, M. H. T., & Gutierrez, B. A. O. (2014). Percepção da equipe multiprofissional sobre cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(1), 7-16. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v17n1/1809-9823-rbgg-17-01-00007.pdf>.
- Viorst, J. (2004). *Perdas necessárias*. São Paulo: Melhoramentos.
- Weiss, R. S. (2008). The nature and causes of grief. In: M. S. Stroebe, R. O. Hansson, H. Schut, & W. Stroebe (Eds.). *Handbook of bereavement research and practice:*

advances in theory and intervention (pp. 29-44) Washington: American Psychological Association.

ARTIGO 2

A aproximação do tema morte pelos professores no ambiente escolar

²Artigo formatado segundo as normas da revista “Mudanças – Psicologia da Saúde”.

Resumo

O estudo busca conhecer as estratégias e intervenções que os professores utilizam no trabalho do tema morte nas escolas do ensino fundamental da rede pública de um município no interior do Rio Grande do Sul. A partir da maior aproximação dos docentes com o tema da morte, esses foram sorteados e assim participaram do estudo de delineamento qualitativo. Nessa pesquisa, foram entrevistados sete professores e o critério para interromper a coleta do material consistiu na saturação. A apreciação dos dados foi realizada conforme a análise de conteúdo. O presente artigo mostra a seguinte sequência de resultados: a morte acontece no ambiente escolar e os professores não se sentem preparados para abordar o assunto, assim aumenta a resistência para trabalhar a esse respeito nas salas de aula, isso talvez, pelo despreparo das instituições de graduação e pós-graduação que não oferecem aulas aos professores para tratar a temática morte. Assim, professores buscam recursos humanos com especialistas quando não conseguem lidar com as situações de mortes no ambiente escolar. O estudo segue com a insegurança no trabalho da temática da morte, a falta de conhecimento dos docentes, a possibilidade de inserção da morte nos temas transversais do currículo escolar, os aspectos religiosos que causam receio de alguns no trabalho com a morte, a dificuldade na busca de literatura (materiais didáticos para trabalhar o tema) e a escassez de espaços para conversar a respeito deste assunto nas escolas. Além disso, para finalizar o artigo, é apresentada uma reflexão feita com os professores sobre a viabilidade e o interesse dos educadores no que tange a educação para a morte. Essa é observada como importante assunto de ser provocado e trabalhado com os professores no ambiente educacional.

Palavras-chave: morte, professores, currículo, educação.

Abstract

This study aims to know strategies and interventions which teachers use about death at elementary schools in a inner city of south of Brazil. Since the more approach with the death theme, teachers were drawn to participate of the quantitative research. In this work seven teachers were interviewed and the saturation criterion were used. Content analysis were used. This study demonstrate the follow sequence of results, death happens at school environment and teachers are not prepared to talk about this issue, which increase the resistance to work with this at classrooms, perhaps due to an unprepared university education, which does not offer classes about death. Therefore, teachers search for human resources with specialists when they can't handle with death situations at school. The study follows with the insecurity about death, the lack of knowledge, the possibility of death insertion in transversal themes of school curriculum, the religious aspects which causes fear of some about the work with death, the trouble in searching literature (courseware about death theme) and the scarcity of spaces to talk about this topic at schools. There is a reflection with the teachers about the viability and the interest of the professors in death education, which is considered as important to work between educators at educational environment.

Keywords: death, teachers, curriculum, education

Introdução

A morte está presente no percurso da vida humana, ao mesmo tempo distante, também se faz próxima. A experiência da morte é diversificada nas culturas, nas famílias, nos indivíduos, e tem relação com as dimensões temporal, sociocultural, pessoal e educacional (Santos, Vieira, Vaz, & Violante, 2009).

A morte é um tema que desperta interesse e simultaneamente provoca aversão, mesmo que intrínseca ao desenvolvimento humano, diante dela cabem ao ser humano inúmeros questionamentos sobre sua existência. E as tentativas de respostas aparecem nas religiões, artes, ciências, filosofias, porém nenhuma oferece um retorno completo e universal. Dessa forma, simbolizam respostas incompletas, que, em dado momento e para algumas pessoas, podem traduzir um sentimento temporário de totalidade (Kóvacs, 2005).

Diante dos questionamentos, buscam-se os sentidos à vida que a morte pode oferecer. O exercício de ter espaços para os professores no desenvolvimento do pensamento crítico a respeito da morte requer a aproximação do autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e aprimoramento do ser durante a existência (Kovács, 2003).

A percepção da morte em cada fase do desenvolvimento humano, enriquece o entendimento das diferentes atitudes das pessoas frente ao fim da vida, no processo de luto vivido e na maneira como a vida dá continuidade após as perdas (Santos, Vieira, Vaz, & Violante, 2009).

O ser humano, na ilusão de viver eternamente, algumas vezes, posterga atitudes, vivências, compromissos e momentos, que talvez amanhã não tenha mais possibilidades de experimentar. Essas defesas podem, em alguns momentos, ser necessárias para evitar entrar o contato com a realidade nua e crua da existência humana. Porém, quando só escudos são postos no centro da vida, não potencializam a capacidade que o ser humano tem de vivenciar sua existência e ser responsável por ela (Santos et al., 2009).

A separação, a ausência e a perda da relação entre os indivíduos através da morte do outro e também o afastamento de quem se perdeu pela fantasia do próprio fim, na incerteza de como e quando esse pode fazer-se presente, geram medo. Esse sentimento pode ser incapacitante ou potencializador do crescimento e da maturidade do ser humano; para o primeiro, resultado da negação dos fatos; e para o último, a oportunidade de amadurecimento pessoal na elaboração das perdas em vida (Kovács, 2003).

A negação da “possibilidade de morte” aparece com frequência nos pensamentos, comportamentos e atitudes das pessoas como uma tentativa de evitar o contato com experiências dolorosas, o que poderia prejudicar a elaboração do luto, nas limitações das pessoas ao enfrentamento dos medos frente à morte e nas dificuldades do desenvolvimento da maturidade (sujeitos estes formadores de opiniões da educação, saúde, política, segurança, etc.). Nesse sentido, não ponderar a existência da morte pode inibir o desenvolvimento de significações e ressignificações para a vida, aspecto que tem sido observado pelos pesquisadores desde a formação no sistema educacional até as práticas profissionais em diversas instituições de trabalho (Kübler-Ross, 2008; Kovács, 2003).

No levantamento da literatura de Kovács (2010), sobre o tema da morte nas escolas, constatou-se que poucos textos abordam o tema relacionado aos educadores e as poucas publicações existentes mostram que o tema morte não aparece nas discussões no ambiente escolar.

Segundo Lima e colaboradores (2012), no ambiente educacional, quando os educadores são surpreendidos pela morte de algum aluno ou familiar, frequentemente esses docentes encontram-se perdidos e inseguros ao tratarem do tema da morte, apesar de precisarem lidar com este assunto. É necessário um olhar crítico, criativo e um agir legítimo nas ações em saúde e a importante revisão das questões relacionadas à morte e ao morrer, porque tal temática apresenta-se deficiente na formação e enfrentamento dos profissionais de

educação nas realidades de trabalho. Os docentes apresentam certo estranhamento, medo, angústia e sofrimento no processo de morrer e morte de seus alunos. Ainda, atrelado a isso, os cursos de formação em saúde e educação atribuem pouco ou nenhum enfoque ao assunto da morte humana (Lima et al., 2012).

Para Vianna e Picceli (1998) em uma pesquisa com estudantes, professores e profissionais do curso de medicina, constatou-se que a maioria manifesta interesse pela temática da morte, por outro lado os docentes apresentam muita dificuldade na abordagem do tema, em alguns momentos o assunto é inclusive evitado. A ambivalência entre o interesse demonstrado pelo tema e falta de busca ativa por conhecimento a respeito da morte pode ser vista, pois a maioria dos entrevistados não procura informações sobre o assunto e, quando o faz, menciona as dificuldades de encontrá-las. O fato de interessar-se pelo assunto e não buscar informações poderia ser explicado pela dificuldade de pensar na morte em profundidade e isso consiste em algo doloroso que remete a lembranças de perdas antigas, o sofrimento do luto, o sentimento de finitude e o medo de um futuro desconhecido e incerto.

Esse despreparo dos profissionais frente à assistência na morte e no morrer traz a ideia de que são necessários espaços, nas instituições de ensino e de saúde, para cursos, dinâmicas de grupos vivenciais e apoio psicológico. Além disso, não se considera relevante incluir no ensino um projeto Político Pedagógico sobre o estudo da tanatologia no decorrer dos cursos na graduação e não somente a abordagem pontual em uma única disciplina (Oliveira, Amaral, Viegas, & Rodrigues, 2013).

Existe a dúvida dos profissionais das ciências sociais humanas e das ciências da saúde a respeito da inserção de temas de morte e luto nos programas curriculares. Pois, empiricamente, para Santos et al. (2009), esses resultados não são generalizáveis devido à amostra reduzida de participantes. Assim, uma análise quantitativa pode verificar a relevância da inserção nos currículos escolares dos temas morte e luto. Nesse sentido, a abordagem

qualitativa enfoca as nuances e peculiares dos temas na perspectiva dos professores pesquisados (Santos et al., 2009). Por outro lado, Kovács (2003) defende a tese de que é possível, mas desafiadora, uma “Educação para a morte” direcionada aos profissionais da saúde e educação e, a qual se estende aos pais e alunos.

Ainda, Aquino, Aguiar, Vasconcelos e Santos (2014) reforçam que as discussões sobre a morte promovem o pensamento sobre a vida, e, por essa via, sugere-se que os currículos escolares tenham espaços para temas que perpassam a existência dos alunos, como por exemplo, as concepções de finitude, os valores e significados que orientam a vida. Dessa forma, a opção para realizar a pesquisa no setor da educação com professores é uma tentativa identificar se professores abordam, nas escolas, o tema da morte, as dificuldades frente o assunto e, ainda, se o assunto é relevante para ser incluído nos conteúdos transversais do currículo escolar.

Método

A pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) sob o número do CAAE 51499315.5.0000.5346 procurou analisar, em contexto específico, a temática da morte sob a abordagem metodológica qualitativa. O estudo respeitou a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos. Os professores que tiveram maior aproximação com tema contribuíram com este estudo qualitativo. O delineamento qualitativo busca a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados a eles. A metodologia tem características descritivas e o processo extrai os principais sentidos das vivências (Silva, & Menezes, 2005). A pesquisa de caráter qualitativo abordou as estratégias dos professores que se depararam com situações de morte nas escolas do ensino fundamental de um município no interior do Rio Grande do Sul.

O critério de inclusão foi a proximidade dos profissionais da educação com o tema da morte, através de vivências da mesma nas escolas. Os critérios de exclusão foram os

profissionais que não presenciaram vivências de morte no ambiente escolar, estavam em licença maternidade, licença médica, ou qualquer outro tipo de afastamento do trabalho.

O estudo constituiu no agendamento de sete entrevistas individuais com diferentes sujeitos que, através de contatos anteriores com os mesmos, nas escolas, mostraram-se próximos da temática da morte. Realizou-se o contato com 21 escolas da rede municipal, e, dessas 11 escolas tinham 27 professores que apresentaram proximidade com a morte no contexto escolar, sendo que foram entrevistados sete professores de quatro escolas para esse estudo. A justificativa para interromper o seguimento das entrevistas com esse número de sujeitos consiste no critério de saturação, embasado na observação máxima de significados das vivências e, assim quando as informações passam a repetir, opta-se por encerrar o processo de coleta do material (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008; Fontanella, & Júnior, 2012). Os convites para os agendamentos das entrevistas foram realizados nas escolas onde os professores trabalham. Os locais para a realização das entrevistas foram acordados conforme o tempo e a facilidade geográfica para os entrevistados. Assim, essa etapa foi realizada nas escolas, em alguma sala disponibilizada pelas direções das instituições de ensino.

As respostas de cada participante às perguntas das entrevistas foram gravadas em áudio, sob o prévio consentimento deles e, posteriormente, transcritas e analisadas. As falas dos sujeitos da pesquisa foram organizadas por numeração, sendo o número 1 para o primeiro professor, o 2 para o segundo, e assim por diante, em forma crescente de numeração até o último entrevistado. Os eixos temáticos das entrevistas foram: histórias/ experiências na escola de morte (colegas, alunos, etc.); abordagem do tema da morte em situações de não morte no ambiente escolar, quando ela não acontece de forma concreta; morte e conteúdo escolar; morte e eixos transversais; preparo para lidar com a morte na formação profissional; o pensamento dos professores quando se fala de educação para a morte nas escolas; políticas e

diretrizes nacionais ou institucionais sobre a inclusão do tema e iniciativas para lidar melhor com a morte no contexto escolar.

O roteiro da entrevista parte de eixos norteadores, roteiro-guia, composto de temáticas abertas e de formato estrutural indireto, com questões que descrevem a experiência, propõem reflexão ou problematizam o tema em estudo (Moré, 2015). As entrevistas foram verificadas conforme a análise de conteúdo de Bardin (1979), com o objetivo da descrição do fenômeno da morte no contexto escolar sob a perspectiva dos docentes. A análise de conteúdo busca a compreensão do pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto e como se fixa neste conteúdo com significações detectadas pelo codificador através dos indicadores de temas (Caregnato, & Mutti, 2006; Minayo, 2010). A partir dessas análises, foram construídas as categorias apresentadas a seguir: Incertezas e impasses quando o tema é morte e Temas transversais na educação e possibilidades de intervenções.

Resultados e Discussão

Incetezas e impasses quando o tema é morte

O tema da morte não é discutido nas escolas. Por isso, Kovács (2005) apresenta preocupações a respeito da ausência de uma educação para a morte naquele contexto. Embora a morte faça parte do cotidiano dos alunos e professores, a escola não contempla essa temática no currículo escolar. Isso pode ser observado na dificuldade que os professores mostram ao serem incitados a pensar sobre o tema. As transcrições apresentadas a seguir exemplificam o fato.

“É... eu acho que é um silêncio. Ah morreu é assim e deu.” (1)

“Eu tenho colegas que não convivem bem com este tema e se negaram a responder veemente os teus questionários. Tipo assim, não gosto deste tema, não vou responder e não quero. Sabe, medo de enfrentar a situação. Uma coisa que nós vamos viver daqui uns anos, daqui uns meses, de repente daqui uns dias.” (2)

“Eu acho que é questão pessoal. Eu acho assim. Eu acho difícil trabalhar sobre a morte, tu falar sobre a morte. Sim muito difícil. Isso. E de repente o assunto da morte não entra nos temas transversais da

escola porque é um assunto meio... aquilo que eu te disse. Ainda existem muitas questões assim.” (4)

“É uma questão que a gente não trabalha, não porque não seja importante. É que existe tabu e ainda existe preconceito com o tema morte.” (4)

A morte é vista como um tabu, pouco se fala e quase nada se reflete a respeito do assunto. Conforme Kovács (1992) as concepções sobre a morte e o morrer adquiridas pelos indivíduos são construídas através das tradições culturais, cujo tema geralmente está associado à tristeza e ao sofrimento no ocidente. Os excertos a seguir exemplificam.

“A própria questão da morte, se alguém perde algum familiar, ou coisa assim, tu vai com receio se for a primeira vez que tu vai falar com aquela pessoa, tu não sabe que caminho tomar... É medo de falar alguma bobagem, de magoar. Aumentar o sofrimento.” (1)

“De repente a professora é a autoridade máxima. De repente vou falar sobre morte. E a mãe diz com que direito tu passas para meu filho esse assunto se eu não quero, ele é muito jovem para isso. Ele é apenas uma criança e tu vais traumatizá-lo. Aí a professora faz o que. Estamos diante de uma sociedade preconceituosa. Muito difícil.” (2)

A ideia de traumatizar, causar sofrimento e de que a negligência do assunto morte seria a solução para um tema de difícil acesso para as pessoas aumenta o estigma pesado que o tema evoca na percepção dos indivíduos. Os discursos dos sujeitos frente à morte, do ponto de vista do próprio conhecimento dos indivíduos, incluem dois tipos de concepções com perspectivas diferentes. A primeira concepção envolve a segurança do “não saber o que deve ser sabido”, a ignorância de manter o tema na superficialidade, o rebaixamento da consciência de não desejar saber e a rejeição expressa pelo desejo de não querer saber sobre a morte, configurando uma forma de negação. Enquanto a segunda concepção refere-se ao fato de que há, ainda que em minoria, pais, professores e conselheiros interessados em direcionar adequadamente as situações de perdas (mortes) com responsabilidade e profissionalismo, ou seja, aqueles que enfrentam tal situação (Herrán et al., 2001). A primeira concepção aparece nas falas a seguir.

“Não sei por que nunca ninguém falou, ah vamos trabalhar sobre morte. Vamos falar sobre... não. Cada um fala assim... Mas também não são temas que são aprofundados. Não. É uma coisa bem

superficial. É aquela história: Futebol e religião ninguém discute. Porque no fim dá sempre briga. Política também não. A morte também não é discutida.” (4)

“Nada de muito aprofundado. Até porque como eu te disse, nós também não temos resposta. E se tu começa a aprofundar num assunto, e aí tu te perde, de repente depois tu consegue explicar. Principalmente para a criança, porque a criança é muito curiosa. E como já é um assunto meio... de uma certa forma as pessoas não gostam de falar sobre morte. Então a gente também não fica assim, não fica pensando muito. É, as vezes, elas que querem questionar, querem saber, perguntam... sei lá. Então não tem muita resposta.” (4)

A negação da morte, influenciada pelo medo da mesma, é uma possibilidade de resposta frente à fragilidade da existência humana que essa modifica sem um controle pessoal e/ou um aviso prévio das perdas que possam surgir em vida ou da vida. O temor da morte acontece nas perspectivas do tempo (próximo ou distante, por exemplo, pelo aparecimento de doenças), espaço (projetado no outro ou no próprio processo de morrer), a probabilidade real ou imaginária do fim da vida, a gênese do medo e as relações das perdas com as experiências dos sujeitos, relacionadas à personalidade. Ainda pode acontecer por manifestações psicossomáticas e preocupações sociais direcionadas ao receio do fim da existência, a linha limítrofe entre o medo e o medo excessivo (de caráter patológico), as circunstâncias individuais do medo e a função protetora ou restritiva desse na vida dos indivíduos (Kübler-Ross, 2008).

“Com os professores, principalmente tem que começar a provocar o assunto com os professores para que eles possam se dar conta que é um assunto que faz parte da nossa vida. E que nós, talvez não trabalhamos até por tabu. De tocar nessa questão de morte, querendo ou não a gente tem certo receio/medo com relação a isso. É um assunto tratado de uma forma bem velada.” (4)

“Então foram coisas que eu fiquei me perguntando, o quanto nós escola, temos que estar preparados para isso. Porque é inesperado, não tem hora marcada e a gente e a gente (respiração profunda). Eu não sei sinceramente como eu reagiria numa situação dessa, com a nossa colega. Porque a gente está aqui, está bem, fazendo o nosso trabalho e de repente tem essa interrupção, que é complicado. É muito complicado.” (6)

Os professores não se sentem preparados para trabalhar a temática da morte nas escolas. Para Kovács (2012), as dificuldades assinaladas pelos educadores para lidar com esse

tema foram: resistência na abordagem do tema, falta de preparo técnico, sobrecarga de trabalho, necessidade de reformular o currículo, limites pessoais e necessidade do apoio dos cursos de graduação e pós-graduações para instrumentalizar os docentes sobre o assunto da morte.

“Eu acho que... (risos) todos nós somos obrigados a nos preparar. Acho que os mais velhos são mais preparados nesse sentido. Pois, já viveram mais perdas. Mas acho que assim. Não para um trabalho mais profundo, isso no dia a dia assim.” (1)

“Não. Não saímos preparados para isso. De maneira nenhuma. Se agora tem um pouco de tabu, tu imagina no meu caso que foi em 1908, no curso de pedagogia. Geografia foi em 1993. Foi muito tempo atrás.” (2)

“Não. A maioria se torna mais afetiva. Claro, tem aquele abraço acolhedor. A maioria tem maior sensibilidade com o aluno, nesse sentido. Mas não sei se estaria preparado para levantar essas questões.” (3)

“E não tem uma preocupação com isso. E só é dialogado quando realmente acontece. E como a gente trabalha com criança pequena, é muito mais difícil de trabalhar com eles do que com adulto. A forma de ouvir, de se expressar, que às vezes não tem, então fica muito mais difícil. A gente não tem esse preparo. Todo ano em algum momento a situação morte ou perda ela vai aparecer. Na família ou na sala de aula, no meio de 25 alunos alguém morre. É um tema que a gente não tem preparo realmente.” (5)

“Não. Ninguém está. E a gente vai indo pela nossa sensibilidade. Pela sensibilidade, pelo “achismo” talvez, pelas experiências que a gente já viveu, por aquilo que nos aproxima, mas não com uma formação específica e nem com um conhecimento específico.” (6)

A quase total inexistência da discussão do tema morte nas disciplinas e/ou até mesmo de matérias específicas para estudar o assunto na graduação e pós-graduação reflete esse despreparo dos professores. Isso pode ser visto também na pesquisa de Kovács (2012).

“Nada. Até para falar sobre isso que a gente está abordando, teve uma colega minha que fez um trabalho sobre a morte, na especialização, a monografia dela foi sobre a morte trabalhada em sala de aula e até me surpreendeu. Pensei assim trabalhar sobre morte. Mas depois lendo o trabalho dela, porque ela me ajudou a fazer o meu projeto. Aí eu até achei uma coisa interessante, mas também isso é uma coisa que só na época e depois passou. Eu achei interessante porque é um tema que ninguém discute, realmente tu não discute.” (4)

“Não. Não. Eu pelo menos tenho dois cursos superiores. E na pós muito menos, nem se falava nisso. Mas eu fiz a muitos anos atrás. Nunca foi falado. Nem cogitado. Era muito superficial. Geografia nem se fala. Talvez agora. Acho que o curso que talvez se fale muito sobre

isso é o de filosofia. Acho que é o curso que aprofunda mais esses temas assim.” (2)

“Não. Em nenhum momento foi abordado o tema da morte. A gente é habituado e preparado para trabalhar dentro de uma normalidade. Nada que interfira aí. E depois que a gente vai ver. Quando a gente vai trabalhando e tendo esse contato a gente vai vendo o que acontece.” (6)

A respeito da importância de trabalhar o tema da morte na graduação e pós-graduação dos professores, a maioria dos entrevistados acredita ser relevante o assunto, pois apenas um entrevistado discorda dessa opinião. A seguir, são esboçadas as opiniões opostas.

“Não. Não foi abordado. Na formação acadêmica eu acho que não é importante trabalhar esse tema.” (7)

“Olha, eu fiz magistério, faculdade, especialização, mestrado e nenhum desses cursos foi tratado o assunto morte. E não... isso é uma coisa que faz parte da vida da gente. Por exemplo, dentro da pedagogia eu tive disciplina de música, de arte, de educação física, de várias coisas, também depois quando se começou a falar de temas transversais que antes não se falava e nunca teve uma questão que se tratasse sobre a morte. Não uma disciplina em si, mas um momento que se fizesse um trabalho sobre a morte, o que é, como a gente pode trabalhar essa questão dentro da sala de aula, como podemos falar sobre o assunto com os alunos, o que podemos fazer e fazer um planejamento sobre isso. Por exemplo, como trabalhar isso com uma turma de 1º ano. Acredito que isso são questões que precisam ser pensadas e com o tempo isso vai ser trabalhado. E isso precisa ser trabalhado desde a formação.” (4)

Para Kovács (2012) não se pode dizer que é um consenso à inclusão do tema da morte nas disciplinas do programa pedagógico. Porém, neste estudo qualitativo a maior parte dos participantes declina a favor da inclusão do mesmo nas temáticas transversais.

“Aí sim, daí eu acredito que daqui um tempo essa questão vai estar fazendo parte do nosso currículo. Talvez não como uma disciplina, mas como um tema transversal.” (4)

“Eu penso que é possível sim. A escola se proponha a trabalhar com projetos, que seja um tema transversal. Que todos tenham o mesmo entendimento de como conduzir o aluno. Porque se não vai ter muito professor que vai dizer o que não está nos livros, ou vai levar para o lado da religiosidade, e nessa questão a escola é laica, precisa se preservar isso. E algum motivo tem para isso. Então eu penso que teria que ter um projeto bem estruturado, no início do ano, e que nós tenhamos um amparo teórico, para ler e estudar, e ver qual seria a nossa conduta para ter uma mesma linguagem. Os problemas estão aí para a gente amadurecer. A morte para quem fica é um obstáculo para a gente amadurecer. Para quem vai a gente não sabe, cada um tem a sua crença.” (3)

Contudo, a realidade das escolas públicas do município da pesquisa não contempla projetos que envolvam continuidade e a temática do estudo. Na Universidade do Estado de São Paulo (USP), o Instituto de Psicologia, na figura do Laboratório de Estudos sobre Morte, oferece uma disciplina para tentar alcançar esse fim. Intitulada Psicologia da Morte, matéria optativa, desde 1986, é especialmente voltada para os professores e os convida a frequentar a disciplina, que regulamente é oferecida no Instituto. Além de propor espaços de treinamento na própria escola, com módulos específicos, por exemplo: formas de falar com uma criança que sofreu a perda de pessoas significativas, inclusão das crianças gravemente enfermas nas atividades escolares, entendimento do suicídio de pessoa conhecida na escola, dentre outros assuntos (Kovács, 2005).

Essas intervenções também poderiam ser possibilidades de um projeto de extensão, no caso, ligado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e às escolas do município, com o público alvo os professores da rede básica de ensino, diante da difícil realidade educacional permanente voltada a esses tema por parte dos docentes, pois pouco e/ou quase nada é estudado/ abordado pelos mesmos. Os excertos a seguir evidenciam esse fato.

“É que tem instituições (faculdades) que têm projetos sobre vários assuntos e que vão às escolas fazem falas ou até mesmo em forma de teatro, não sobre esse tema, mas normalmente tem a questão da ecologia.” (1)

No município da pesquisa, os professores se veem obrigados instigar essa temática quando realmente acontece alguma situação de morte (professores, alunos, pais, etc.) no contexto escolar. Os docentes das escolas apresentam então uma demanda de uma discussão mais aprofundada sobre o tema da morte (Silvia, & Mascia, 2014). Essa discussão aprofundada, normalmente, não acontece no cenário da educação, conforme exemplificado em suas falas a seguir.

“Eu acredito que as pessoas sabem discutir sobre a morte quando ela acontece. Ninguém discute a morte para discutir. E é uma coisa quando aconteceu a pouco ou quando é uma morte chocante ou em

grande quantidade de pessoas. Se não as pessoas não discutem essas coisas.” (7)

Os professores mostram que os acontecimentos envolvendo morte fazem parte do dia-a-dia de trabalho e que, diante desses fatos, muitos ficam perdidos nas formas de intervir ou até mesmo buscam maneiras de agir conforme os aprendizados e experiências pessoais que tiveram no decorrer da própria vida. Esse último não desqualifica a ação, pelo contrário, nesse momento, é um grande potencializador de atitudes frente ao tema, pois se sabe da deficiência na promoção do pensamento crítico e educação permanente sobre a morte. Enquanto esta preocupação não existe, os professores continuam vivenciando mortes sem um suporte técnico. Isso faz reiterar a urgente necessidade de propor alternativas de discussão do tema morte nas escolas, local onde se passa parte da vida (Silvia, & Mascia, 2014). Os exemplos a seguir instanciam alguns desses casos.

“É difícil. Até porque, embora o fato de ter um entendimento, mas assim cada cabecinha dos alunos, da turma toda, cada cabeça é uma coisa. Cada cabeça já viveu muitas experiências, ainda mais na periferia assim que tem muitos casos de assassinato, já tem outras histórias. Então é um momento difícil. Lá na escola a gente conversou com eles, falando da colega, que iria sentir falta, mas que tinha que seguir em frente. E veio a direção da escola para dar orientação e conversar com eles. E eles depois de uns dias já conseguem seguir um ritmo normal dentro da convivência de aula. Dentro da cabeça e do coração eu não sei. Eu acho que na verdade, se faz aquela conversa ali na hora. Não se tem um trabalho mais profundo sobre o tema.” (1)

“Então assim, é complicado. Mas a gente dentro das nossas possibilidades tenta conversar com os pais, com os alunos sobre isso. Inclusive quando teve esse caso dessa professora. Então foi bastante complicado para a gente poder trabalhar essa questão. A gente trabalhou. Nós tivemos alguns momentos que a gente parava e conversava com os pais.” (4)

“E eu digo: para essas coisas tu nunca estás preparado. Não adianta. A gente já teve aqui na escola perdas. Por exemplo, a mãe morreu num acidente. A mãe morreu num dia e as crianças vieram na aula outro dia e eu fiquei pensando: Meu Deus as crianças vieram para aula, “pobrezinhas”. As guriinhas do 6º ano. E eu pensei: Não sei se eu viria para a aula no outro dia. E o pai disse assim: Pois é, mas se elas ficarem em casa é pior. E realmente, elas iriam ficar em casa e ficariam lembrando-se da mãe, pelo menos no colégio elas estariam junto com as outras crianças. A saída é vir para a escola. Então tudo depende.” (7)

Diante das falas acima, observa-se o quanto a morte é interdita nos tempos atuais. O homem passa a privar-se de vivenciar o processo de morrer, alguns argumentos que corroboram a situação são de que a morte é perturbadora, não permitida nos discursos e expressões das pessoas e de que o luto não pode ser vivido no cenário escolar, o que fica bem marcado nos exemplos abaixo (Kovács, 2003, 2012; Oliveira, & Lopes, 2008).

“Então nós conversamos bastante com eles. Nas duas turmas a gente optou por passar um filme bem descontraído, naquele dia. E quando acontecia de algum aluno chorar ou sentir saudades, a gente fazia alguma coisa. A gente saía da sala com ele, conversava, dava uma água, mandava dar uma passeada para esperar passar, porque também é complicado de a gente trabalhar isso né.” (6)

“Os alunos questionaram porque ela tinha morrido e a gente teve que fazer essa conversa. No primeiro momento uma professora reuniu todo mundo lá embaixo para fazer uma conversa geral. Tivemos que fazer porque não poderíamos subir para a aula como se nada tivesse acontecido. E daí tu tem aquela coisa assim, ah vamos fazer um dia e vamos parar. Não adianta parar, se tu fores pensar logicamente é preferível ter todos aqui e a gente conviver e levar o problema junto né, porque é um problema.” (7)

“Sobre a morte, sobre a perda, aqui nessa escola não existe um trabalho sistemático. Os pequenos quando perdem a gente fica sabendo na comunidade. Aqui a escola é até o 9º ano, a gente fica sabendo pela comunidade. Infelizmente, às vezes, a gente fica sabendo pelos jornais, nessas notícias trágicas. Como que a gente fica sabendo, chega até nós pela supervisão e orientação, e a gente tem que ter um olhar especial para aquilo. E os professores ficam só despejando conteúdo e que não tem aquele olhar sobre cada aluno. Os professores argumentam que é muito aluno.” (3)

A sociedade moderna faz com que o sujeito que perdeu um ente querido não encontre espaço para a expressão da tristeza, sofrimentos e mais variados sentimentos, sendo que esses passam a ser vividos no silêncio e na solidão (Forbes, 2012). Diante dessa problemática, poder-se-ia observar um atraso ou queda no rendimento escolar e alterações de comportamentos dos alunos, quando o luto é negligenciado nas escolas (agentes institucionais - estrutura educacional e relações interpessoais - vivências dos sujeitos) (Mello, & Marinho, 2016). Por outro lado, existe a preocupação dos educadores nesse sentido e intervenções

orientadoras na compreensão do processo de luto, conforme exemplificado pelos excertos abaixo.

“... eu tive um aluno que veio para conversar comigo, ele foi lá me procurar, um dos poucos que foi lá me procurar. E aí ele disse que ele viu que caiu de rendimento na escola, que não queria nada com nada, ele estava meio pálido, ele mora com um irmão, que o irmão ele quase não vê porque passa à tarde no trabalho e faz faculdade, ele se alimentava mal, o rendimento escolar estava caindo. E eu perguntei: e a mãe? A mãe eu perdi. E aí a gente começou a conversar sobre isso. Sobre o câncer, sobre a doença. Já tinha algumas semanas, e ele não tinha superado. Se nós adultos demoramos anos para superar, se espera que um adolescente demore meses, não né. Aí ele foi me falando todas as questões” (3)

“Assim, como teve outro menino que o pai faleceu numa cama de hospital. Esse menino estava dormindo em aula. E no caso uma professora conversou com ele. Aí ele falou comigo, ele chorou, a gente se abraçou, eu chorei. Tem todos esses momentos.” (3)

“Eu tinha duas ex-alunas com as mães com câncer bem grave, e uma delas faleceu. Claro, reflete na escola, a aluna estava com notas tão boas e vai piorando, puxa vida vamos tentar entender então.” (3)

“Aqui teve um caso da mãe de alguns alunos que estudavam aqui, que eram irmãos. Todo mundo a conhecia e ela acabou falecendo. E hoje a gente percebe na turma que quando o aluno tem uma atitude agressiva, os demais colegas entendem e já comentam “não xinga ele, não faz isso, tu sabe que ele perdeu a mãe”. (5)

Já quando os professores não conseguem administrar as situações de mortes nas escolas, os docentes mencionam a importância do apoio de especialistas no sentido de fornecer suporte às intervenções e também ministrar palestras, cursos, conferências para toda a comunidade escolar. Esse dado é similar aos dados da literatura sobre o tema morte e consultoria com os profissionais especializados (França, & Botomé, 2005; Kovács, 2005, 2012) e pode ser verificado nos argumentos abaixo.

“E eu estou entrando em contato com ela (especialista) para ela vir fazer uma palestra amanhã de manhã para os nossos alunos. Nós vamos esclarecer aos alunos, vamos fazer uma palestra suave, vamos fazer para os 8º e para os 9º, talvez para o 7º ano, vamos ver. E vamos tocar nesse assunto (suicídio/morte). Porque eles têm que ter noção da importância, até mesmo uma tentativa que chama a atenção dos pais pode levar a morte. Porque a morte é irreversível.” (2)

“Eu acredito que se tivesse pessoas treinadas para falar desse tema seria importante.” (3)

“Porque a gente brinca muito que professor é psicólogo, é mãe e pai... Mas a gente tem que ser. Porque na verdade eu não estou trabalhando

com uma máquina, eu estou trabalhando com vidas. E o dia que eu me negar a isso, eu já não estou mais servindo para eu estar aqui. E quando a gente não dá conta das situações procura buscar a ajuda de alguém. Então tem essa perspectiva também.” (6)

“... eu acredito que cada tema precisa de uma orientação de especialistas, a mesma coisa que o tema do trânsito, o meio ambiente e outros temas se trabalha em todas as turmas, mas eu acredito que cada professor trabalha da sua forma.” (5)

Temas Transversais na educação e possibilidades de intervenções

Os assuntos citados pela última professora, anteriormente, considerados na estrutura do sistema educacional como temas transversais, são trabalhados pelos docentes nas disciplinas escolares. A Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Brasil, 1998). A educação abrange os processos de formação que são desenvolvidos na vida familiar, no convívio humano, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas expressões culturais (Brasil, 1996), sendo que, no artigo primeiro § 1º, está previsto que a educação escolar se desenvolve em instituições próprias e, no § 2º, que essa deverá vincular-se ao trabalho e à prática social. Uma ressalva é que a temática da morte não está inserida, atualmente, no contexto dos temas transversais. O exemplo de um dos docentes revela essa problemática:

“a gente faz trabalhos sobre os temas transversais nas aulas. Porém, a morte não é trabalhada nesse espaço.” (6)

No que se refere aos conteúdos trabalhados nas aulas, os professores estão encarregados de participar da elaboração da proposta pedagógica dos locais de ensino. Conforme o artigo 26, os currículos da educação básica, ou seja, a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio devem ter a base nacional comum e ainda, complementos de características regionais e locais da sociedade. Nesse mesmo artigo, no § 9º, é abordado que os assuntos referentes aos direitos humanos e à prevenção de toda a forma de violência contra a criança e o adolescente devem ser incluídos como temas transversais nos currículos das escolas. No ensino fundamental, o estudo sobre os símbolos nacionais também é incluído

como proposta de tema transversal na educação (Brasil, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Art. 32, § 6º). A fala de outro professor, a seguir, revela como o projeto político pedagógico é desenvolvido.

“Dentro do nosso projeto político pedagógico esses temas são abordados e sempre no início do ano a gente procura fazer um trabalho relacionado com a violência, o trabalho infantil, a paz... Então dentro dessa sistemática a gente procura desenvolver. Nos momentos em aula e nas reuniões pedagógicas também né. Então a gente divide, eu em português posso fazer isso, em geografia posso fazer isso. Para a gente tentar sempre buscar e não deixar esses alunos se perderem né. A gente precisa que todos os professores façam, busquem e acompanhem. Então a gente precisa disso. Então esse momento é bem importante para ter essa troca.” (6)

Os temas transversais incluem questões sobre ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual. Esses temas devem estar presentes nas áreas já existentes das disciplinas escolares, pertencentes assim ao desenvolvimento educativo nas escolas, como temas que fazem parte da realidade e cotidiano dos alunos. No que diz respeito ao exercício da cidadania, existem assuntos importantes para reflexões no ambiente escolar, por exemplo: violência, saúde, recursos naturais e preconceitos. Nessa perspectiva dos debates críticos sobre os temas transversais, coloca-se que a escola não muda a sociedade, contudo a educação proporciona transformações, reflexões e mudanças na vida, estímulo da autonomia e aprendizado da cooperação e participação social (Brasil, Secretaria da educação fundamental, 1997). O excerto de um docente, abaixo, revela como um desses temas é tratado na escola.

“Outra coisa que jamais se falava na escola era sobre educação sexual, “Deus o livre” se falar em sexo. Sei lá, dessas questões mais... É uma coisa que faz parte do ser humano, hoje a gente já começa a falar, começa a trabalhar.” (4)

O tema ética, conforme os documentos, deve ser constituído por blocos de trabalho que incluem: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade. A temática da pluralidade cultural visa o conhecimento e a superação da discriminação da diversidade etnocultural do patrimônio sociocultural brasileiro. No que compreende o meio ambiente, busca-se a reflexão das relações socioeconômicas e ambientais, para, por fim, atingir as metas de crescimento

cultural, qualidade de vida e equilíbrio ambiental. O assunto da saúde almeja formar alunos protagonistas da promoção de saúde, no autocuidado, na saúde como direito, responsabilidade pessoal e social, na valorização das potencialidades individuais e interações com as condições de vida. A orientação sexual como tema transversal inclui aspectos do corpo humano, relações de gênero e a prevenção a doenças sexualmente transmissíveis (Brasil, Secretaria da educação fundamental, 1997). Apesar de ser um avanço o trabalho dos temas transversais nas escolas, ainda se observam algumas dificuldades de aplicação decorrentes de incertezas e inseguranças a respeito de temas polêmicos. Algumas delas são evidenciadas pelos professores a seguir.

“E de uma certa maneira tu tem que trabalhar. Agora mesmo essa questão do gênero que está em pauta, ainda é um tabu, ainda é um preconceito, mas está começando a ser trabalhada. Muito discretamente, muito devagar, porque é uma questão que envolve as questões familiares e também como as pessoas não tem muito conhecimento sobre o assunto, então é um...” (4)

“De um modo geral, as gurias que estão em sala de aula trabalham todas essas temáticas (temas transversais) e principalmente quando tu percebes que és necessário tu ressaltas algum tema que é vigente.” (7)

A abordagem dos temas transversais objetivam alunos agindo com critérios pautados na justiça e incentivados a desenvolverem atitudes não violentas de atuação nas variadas formas de vida. A organização desses temas não deve resultar no aumento da carga horária letiva ou atividade extracurricular, e sim deve estar nos conteúdos das disciplinas ofertadas (Brasil, Secretaria da educação fundamental, 1997). Um professor, como explanado no exemplo abaixo, relata essa aplicação na disciplina de religião.

“Aqui na escola nós temos a chamada disciplina religião, mas a colega que trabalha a disciplina de manhã ela trabalha com textos para o ensino fundamental, assim temas transversais, como violência, suicídio, drogas, sexo, aids, agressão, morte ela nunca trabalhou. Através de textos retirados dos jornais. São duas que trabalham com religião, dividido o 6º e 7º e o 8º e o 9º ano. A outra professora de religião trabalha mais com a vivência em sala de aula, respeito entre os colegas.” (2)

Conforme Figueiró (2000), o trabalho com os temas transversais é um percurso difícil e que exige construção das esferas de governo, diretores das escolas, professores, familiares e alunos no plano coletivo. Para isso, os professores precisam de investimentos despendidos

pelo poder público para a educação continuada em parcerias com as universidades e/ou instituições, que possam dar o suporte técnico necessário para a prática dos temas transversais nas escolas. Assim, torna-se necessária a valorização da categoria profissional, para estimular materialmente (financeiramente) esses professores no exercício da profissão e evitar horas excessivas e extenuantes de trabalho a fim de suprir as necessidades básicas das próprias famílias. Diante da eliminação dessas barreiras, nota-se que os temas transversais contribuem para o crescimento técnico dos profissionais, alunos e familiares em relação ao seu aperfeiçoamento como cidadãos e facilitadores de transformações sociais. Nesse caso, o trabalho com os temas transversais excedeu a carga horária de trabalho do professor.

“Aqui teve, se eu não me engano foi o ano passado. Eu não participei dessas reuniões (temas transversais) que era a tardinha e era para os pais. Mas eram questões da sexualidade, relação pais e filhos, entendendo os diferentes formatos de família, etc. Passaram filmes, alguns eram abordando essas questões, outros já eram abordando a educação. Alguns filmes que trouxessem algumas mensagens para os pais. Não sei se era um projeto da universidade paralelo a escola.” (3)

Outra barreira que precisa ser eliminada diz respeito ao material didático oferecido aos professores para o trabalho com os alunos. Esses são o caderno do professor e os livros didáticos, em que ficam inespecíficas e não pensadas como propósito principal do tópico ensinado as questões que envolvem os temas transversais, como a ética, o meio ambiente, a orientação sexual, a pluralidade cultural, a saúde e o trabalho e o consumo, pois, no contexto analisado, a abordagem fica explícita só no caderno do professor da 8ª série. Esse fato deixa dúvida abordagem desses temas, pela interferência na forma de construir esse conhecimento no decorrer dos anos na educação dos alunos e pela falta de diretrizes de como se devem trabalhar os temas transversais, o que deixa os professores inseguros e engessados no conteúdo técnico que o material aborda (Garcia, Garcia, Paula, & Durigan, 2012). Observa-se a superação dessa barreira no comentário da professora a seguir.

“A educação financeira era uma coisa que ninguém falava. Ninguém falava em educação financeira. Meu Deus, é uma coisa “super” necessária para a vida da gente. Hoje não, hoje ela já está sendo

provocada. E a gente já está trabalhando sobre a educação financeira.”
(4)

Diante de dificuldades encontradas pelos docentes, sugere-se que, para o trabalho com os temas transversais nas escolas, é necessário o planejamento de educação continuada para a equipe de professores e funcionários das escolas. A Lei 9.394 ressalta a responsabilidade da educação continuada, pois, segundo o Art. 63 no inciso III, os institutos superiores de educação devem manter programas de educação continuada para os profissionais de educação nos diferentes níveis (Brasil, 1996). Mesmo que, no momento, o tema da morte não faça parte dos temas transversais, surge o interesse dos professores para a educação continuada a esse respeito:

“... não teve nenhum tipo de formação sobre isso. Nem na vida acadêmica, nem na formação depois profissional. Eu fiquei bem contente de responder a pesquisa porque é a primeira vez que alguém aborda isso, dentro do contexto escolar. Nunca ouvi nada e achei bem importante. Então é importante assim, tu conseguir lidar de forma melhor com as tuas perdas para depois conseguir lidar com as perdas dos outros também. Dos alunos, dos colegas, dos pais. A morte é um tema que não é abordado.” (5)

Na abordagem com os alunos, conforme estudo de Feichas e Doll (2014), que investigaram o tema da morte na realidade escolar, nota-se que, apesar do número restrito de participantes, em um estudo de caso, os professores evidenciaram a necessidade de abordar o assunto somente se surgir na sala de aula. Esse fato, para os pesquisadores, parece mais difícil de intervenção, no momento que o educador encontra-se obrigado a falar sobre um assunto que não se quer e num momento delicado para quem estiver passando pela perda de alguém próximo. Por outro lado, sugere-se que abordar o tema sem necessariamente ter acontecido alguma perda de imediato poderia facilitar o diálogo sobre a morte e assim este não se tornaria um aspecto tabu para as pessoas. Os exemplos a seguir sugere essa preocupação dos professores.

“Talvez agora com o trabalho de vocês, se vocês começarem a provocar isso, até pode surgir. Então aí, um campo bem vasto, vocês podem provocar as escolas para poder trabalhar essa questão. Então a gente vai buscar atividades, vai buscar pessoas, então a gente vai atrás.

E quem sabe daqui um tempo a morte não começa a fazer parte do nosso currículo. Eu acho que é uma grande possibilidade.” (4)

“É. A possibilidade há. É uma coisa que a gente não tem muita certeza sobre o tema. Todo espaço de discussão é válido. Esse espaço de discussão sobre a morte a gente deveria ter.” (6)

Assim, observa-se a temática da morte como essencial para ser trabalhada na família e também nas escolas. Dessa maneira, a responsabilidade única e exclusiva sobre a abordagem desse tema não é passada nem de uma ou de outra para apresentar esse tema às crianças e aos adolescentes (Feichas, & Doll, 2014). Esse aspecto corrobora a ideia de que a proposta da transversalidade de temas discutidos nas escolas é uma contribuição da educação escolar e que é complementar à família, ambas não podendo ser excluídas ou dispensadas da formação escolar (Brasil, Secretaria da educação fundamental, 1997). Por isso, a importância de pensar na instrumentalização dos profissionais da educação para a abordagem do tema morte, em que, muitas vezes, os educadores encontram-se despreparados ao abordar esse tema nas escolas, como evidenciado pelo excerto a seguir.

“Eu acho que muitas dessas iniciativas não acontecem por falta de conhecimento como abordar. Conhecimento para isso. De que forma com as crianças, de que forma com os adultos, essa é a principal dificuldade. Quando é abordado o assunto numa reunião com os professores não sai do senso comum, das experiências que eu tive, de como eu me sinto. Então precisa de um suporte e conhecimento maior para falar sobre isso.” (5)

A falta de conhecimento e receio ao abordar o tema também está associada ao fator religioso de algumas escolas serem laicas e alguns professores não se sentirem à vontade para conversar sobre esse aspecto com os alunos (Kovács, 2012). Nesse quesito, quando se fala em diferentes culturas e crenças, sem julgamento prévio, entende-se que o diálogo com respeito mútuo sobre diferentes tipos de pensamentos a respeito desse assunto humano torna-se um benefício à educação (Custódio, & Klein, 2015). O excerto a seguir representa essa dificuldade:

“Eu acho muito complicado. Difícil. Porque a questão da morte se tu fores parar para pensar, dependendo da orientação religiosa é o que a pessoa pensa. Porque se tu fores católico tu vais pensar de uma forma e se tu fores espírita, umbandista e as diversas religiões que existem

cada um tem uma forma. Por isso é complicado de trabalhar na sala de aula. Em função da questão religiosa é complicado trabalhar na escola como se fosse um tema transversal obrigatório. Apesar de se poder pensar em possibilidades para isso ficar viável de ser trabalhado sem um único direcionamento, não sei.” (7)

Por outro lado, na fala de outros professores, a religião não aparece como um empecilho para trabalhar a temática da morte, mas sim uma visão ampliada e sem receios de dialogar sobre a diversidade cultural e religiosa que existe no país. A liberdade para conversar sobre esses aspectos é importante para a formação dos educandos, pois os variados rituais religiosos e fúnebres são utilizados como procedimentos para lidar com a morte e, assim, a ocasião de expressar os sentimentos no meio social (Pereira, 2013). Observa-se que o diálogo das variadas crenças e a participação em rituais funerários podem facilitar a conversa sobre o assunto e expressão dos sentimentos de sofrimento, como exemplificado a seguir.

“Eu não sei se todos conversaram. Mas eu conversei, eu tinha o 5º ano na época. Eu conversei com os meus alunos. Na hora de “religião” entre aspas porque a gente é uma escola laica, a gente conversa de todas. Para mim, religião com eles é o dia a dia deles, porque eu sei que tem religiões diversas e a gente não pode optar por nenhuma. Então a minha religião com eles é a boa convivência e o respeito.” (2)
 “Dessa menina que morreu no parque, teve um menino, um colega que a gente nem imaginava assim, foi no velório, ficou o tempo todo e chorou muito.” (1)

Ainda, sob o enfoque da espiritualidade e da religiosidade como fonte de conforto, no sentido de refrear a dor e o sofrimento da perda de um ente querido, aquele pode aparecer como maneira de enfrentamento no sentido de orientar a experiência (Morelli, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013). O exemplo a seguir mostra a orientação da experiência através da espiritualidade.

“Sim. Teve momentos fora da aula. Aquelas atividades mais... tipo rezar (oração individual), fazer uma homenagem.” (4)

Na tentativa de orientar a experiência para além das abordagens espiritualistas, busca-se a reflexão de alternativas e possibilidades de trabalhar e significar o tema da morte no contexto escolar. Então, aparece como uma dificuldade atual o acesso ao material didático referente ao tema do estudo. Talvez isso possa estar diretamente relacionado à resistência no

trabalho e à falta de procura por materiais na literatura sobre o assunto morte, disponíveis em sítios online de pesquisa, livros, revistas, etc. (Kovács, 2012). Essa acaba sendo consequência do não pensar, pois é uma tarefa difícil e exige, além do cognitivo dos interessados, a disposição para fazer essa reflexão, que passa inclusive pelos caminhos da emoção (Incontri, & Santos, 2011). Os excertos abaixo demonstram essa falta de iniciativa.

“... o que eu posso te dizer. Algum livrinho, alguma coisa que trate isso aí até pode ter. Aqui na escola mesmo uma coisa mais direta assim não tem.” (4).

“Essas perdas é muito mais doloroso do que a gente imagina, mesmo os que perderam quando eram pequenos e não conviveram, mesmo assim eles precisam falar. Quando acontecem situações mesmo que não se trabalhe o significado específico dessas perdas, mas ter abertura para os alunos expressarem essas vivências. É difícil, mas é importante. Não existe um material didático, específico na escola, para trabalhar a morte.” (5)

“Não. Material específico nós não temos.” (6)

Além dos materiais didáticos que aparecem como de complicado acesso pelos docentes, outra dificuldade dos professores na abordagem da morte nas escolas são os esparsos espaços para discussão de assuntos que envolvam a existência do ser humano. (Costa & Lima, 2005; Incontri, & Santos, 2011). Ao oferecer espaços de apoio, suporte, conhecimento acerca de tanatologia, talvez haveria minimização dos sentimentos negativos, redução das incertezas sobre a condução do tema e alcance do cuidado humanizado dos sujeitos envolvidos na educação. Porque, há profissionais, tanto na rede pública como privada, com dificuldades de enfrentamento da morte e do luto (Oliveira, Schirmbeck, & Lunardi 2013). Isso também condiz com os reduzidos e, algumas vezes, inexistentes espaços dos professores para conversar entre os colegas sobre o tema estudado, como exemplificado na sequência.

“A gente fala, como eu te disse, são conversas mais amenas. A gente não aprofunda o assunto, até porque cada um tem uma maneira de pensar. Porque nós não temos o conhecimento, uma coisa mais profunda. Cada um coloca a sua opinião, o que pensa, o que acha e “deu para bola”. E acabou.” (4)

“A gente se prende muito a experiências pontuais, a gente não tem muito tempo na escola para isso. Tudo depende muito do tempo. A

gente quase não tem tempo para as reuniões pedagógicas que ali são abordados temas de desenvolvimento conjunto e outras habilidades. Então é uma coisa que limita bastante, não ter o tempo para tais atividades.” (5)

“A gente conversa. Quando a pessoa dá a oportunidade. A gente cuida disso também. Porque às vezes a pessoa não quer falar. Se baixou o olhar deixa, que uma hora vai chegar o momento. Porque é muito difícil. Então nós procuramos sempre respeitar o tempo da pessoa.” (6)

As dificuldades apresentadas pelos docentes frente ao assunto morte e a falta de investimentos na educação continuada, suporte e apoio especializados para os educadores das escolas, nesse sentido, geram problemas. Por exemplo, o impacto negativo nos professores ao se deparar com as experiências de mortes dos seus alunos e, ainda, não se sentirem preparados para lidar com as situações provoca neles sofrimento (Domingos, & Maluf, 2003). Esse fato decorre, muitas vezes, porque os indivíduos não têm o luto reconhecido, tendo que continuar as atividades após as perdas no contexto escolar com o sentimento de desamparo (Rowling, 1995). Os exemplos a seguir destacam esse discurso na fala dos professores.

“Então foi um impacto (mortes), aquela semana que eu retornei para a escola, aqueles últimos meses para fechar o ano, encerrar o ano, foi difícil porque abalou toda a escola. Até a região ficou pesada. De morte só se falava naquilo. Então eu pedi transferência para cá (outra escola). Eu não vou te dizer que não ouve um abalo emocional, não sou de ferro. Isso há 18 anos (chacina com alunos da escola). Então tu vê que foi um impacto muito grande. Lógico, não foi um adolescente, foram seis vidas. Seis vidas na adolescência. Então abalou bastante assim.” (2)

“Dificuldade e impacto nas crianças. Porque a perda foi ali. Na escola. Por ter acontecido ali. E daí ficou as crianças muito abaladas, alguns não queriam ir para o refeitório. Então teve que ter um diálogo bem intenso, vários dias até superar isso. Nesse caso que a gente perdeu uma colega, claro teve um impacto muito grande para a escola, para as pessoas que convivem ali.” (5)

“E nesse ano também a gente teve o pai de uma professora nossa que faleceu, ela estava conosco, e aí veio a notícia. Era uma segunda-feira, a gente estava aqui e aí ligaram para escola, a diretora que atendeu e eles deram a notícia, que o pai dela tinha sido encontrado morto em casa. E a gente não teve coragem de dizer para ela. A gente disse para ela que ele não estava bem, que tinham encontrado ele desacordado e tal, mas a gente sabia que tinha acontecido.” (6)

Assim, é preciso superar esses obstáculos, quais seriam as possibilidades de intervenções com os professores ao pensar a morte nas escolas. Alguns professores mostraram

interesse em dialogar sobre a morte entre os colegas no ambiente de trabalho, se tivessem apoio da instituição ao proporcionar esse momento de atividade e, também, se os demais colegas assim permitissem essa conversa. No entanto, tais acontecimentos ainda parecem de difícil realização, pois as pessoas receiam expressar pensamentos sobre o assunto. Por isso, a relevância da criação de espaços para sensibilização, acolhida, reflexão, elucidações e livre expressão dos sentimentos quando se pensa na inclusão do tema da morte no âmbito educacional (Kovács, 2012; Incontri, & Santos, 2011). Essa falta de coleguismo é evidenciada nos trechos de falas apresentadas a seguir.

“Eu quero falar com as colegas, mas não consigo. Se estamos entre 10 ou 12 em volta da mesa, duas ou três acompanham, outras elas se isolam, se fecham, porque ainda é amedrontador. Quando chegou a pesquisa eu notei. Ah não, eu não. Muito difícil. Ah, eu não tenho tempo. Não é rejeição, é medo. Medo de enfrentar uma realidade. Só a palavra morte, assusta.” (2)

“Como a gente tem esse tempo limitado para se reunir com os outros professores, esse espaço é turbinado de informações, que a gente precisa rapidamente resolver as questões de aprendizagem dos alunos e organização básica de coisas da escola. Então, esse tempo que a gente teria que ter a mais, isso poderia ser abordado, desde coisas bem básicas. Como uma conversa com alguém para auxiliar. Todas as pessoas trazem marcas positivas ou negativas de superação mais rápida ou não das perdas. Então claro, é importante se tivesse espaço para isso, com certeza.” (5)

Ainda, torna-se necessária oferta de capacitações aos professores sobre o assunto morte, com o objetivo de aproximá-los aos conhecimentos da tanatologia. Por esse meio, procura-se ampliar a visão dos docentes sobre aspectos que envolvem as perdas e processos de luto, educação para a morte e educador, morte e desenvolvimento humano, aspectos culturais da morte, comunicação com uma criança que sofreu a perda de pessoas significativas, integração da criança enferma em atividades didáticas e recreativas, reflexão sobre comportamentos autodestrutivos como o suicídio, mortes de jovens em acidentes, etc. (Kovács, 2003; Kovács, 2012). O desejo dos docentes para participar de capacitações pode ser visto nas seguintes falas.

“Sempre é importante falar sobre as perdas. Eu penso que seria um tema que acrescentaria nisso, na maturidade. Muito mais do que falar na perda e na dor seria no crescimento e na maturidade.” (3)

“Eu acho que de repente é uma coisa que tem que começar ser trabalhada porque é o dia a dia da gente, a gente vive isso, nossa realidade, nós não podemos fugir. Se a gente tivesse como fugir, mas não tem. Começar com reuniões, para saber mais sobre a questão da perda com crianças, que é uma coisa que pesa” (4)

A partir do planejamento e da inserção da educação continuada aos docentes, pode-se pode refletir acerca da possibilidade de inserir o tema da morte nos currículos escolares e, com isso, propiciar reflexões do tema nas escolas. Os autores Fronza, Quintana, Weissheimer e Barbieri (2015) concluíram que é importante pensar no aspecto do professor e sua abordagem sobre a morte quando forem ponderadas iniciativas de inserção desse assunto no cenário das escolas em todos os níveis educacionais. Este estudo teve essa proposta e verificou-se que os professores pensam que há uma grande probabilidade de o tema estar presente no currículo junto aos temas transversais num futuro breve, como evidenciado nas falas abaixo.

“É uma coisa como hoje se fala, que nós temos que trabalhar a questão da educação sexual, a educação financeira, os valores... De repente alguma questão dentro da morte, que se trabalhe melhor a morte. Eu acho que deveria ter, mas é uma questão que passa meio despercebida pelo próprio tema de repente. E quem sabe daqui um tempo a morte não começa a fazer parte do nosso currículo. Eu acho que é uma grande possibilidade.” (4)

“Eu penso que daria um bom tema para uma aula de sociologia, filosofia. Na sociologia como que várias sociedades encaram a morte ao redor do planeta, como cada cultura entende a morte. Isso eu acho que seria interessante.” (3)

Na atualidade, mesmo que a morte ainda não faça parte dos temas transversais aplicados ao ensino, há tentativas de alguns trabalhos pontuais realizados pelos professores no corrente estudo. Para Incontri e Santos (2011), essas intervenções dos docentes servem para que os alunos desenvolvam habilidades intelectuais e afetivas relacionadas ao enfrentamento de incertezas sobre a finitude. Assim, as transformações dos pensamentos dos educadores podem favorecer a mudança do paradigma da educação, conforme exemplos abaixo.

“Eu peguei de um livro, e o texto dizia quais são os seus medos. A menina, que era uma princesinha tinha o medo de perder o poder de voar, ela voava durante os sonhos, uma borboletinha que voava, e ela tinha o medo de perder o poder de voar e realizar os sonhos das crianças, ela realizava os sonhos das crianças, coisa mais mimosa. E no final do texto dizia: qual é o seu maior medo? Eu vou perguntar para eles e os fazer escreverem um novo texto sobre esse texto. E saiu isso, diversos temas, tudo relacionado com o trágico, o acidente, relacionado à morte.” (2)

“Teve uma atividade de um filme. E eu pedi para os alunos colocar os seus medos. Do que tem medo..., o filme falava das emoções. E aí o medo apareceu, o medo dos alunos de perder os pais. Eles leram, escreveram e se expressaram também.” (5)

Diante disso, nas entrevistas, buscou-se reflexão sobre qual maneira seria eficaz para abordagem da nas aulas da escola básica. Então, essa é uma possibilidade estratégica de incitar o assunto enquanto a pesquisa é realizada. As diretrizes da conduta na educação para a morte compreendem: incluir o tema juntamente com os demais assuntos transversais do currículo, desenvolver o assunto a partir da ideia da morte, ao invés de com ela, sem precipitar a sua presença; trabalhar a morte com naturalidade, na tentativa de evitar preconceitos e omissões; exercitar a comunicação com sensibilidade, porém, sem sentimentalismo ou dormência; e instigar o senso reflexivo e crítico no sentido de transformar e recriar pensamentos (Hérran & Cortina, 2009). Essas ideias aparecem nas falas a seguir, de professores, quando se questiona sobre intervenções possíveis sobre o tema.

“Então, trabalhar de uma forma bem suave, através da leitura de textos.” (2)

“Acredito que com filmes, mas eu percebo que as crianças percebem mais, captam mais toda a ação do filme do que o sentido do filme. De repente uma peça de teatro, que é mais sucinta e aborda durante um tempo mais direcionado. Eu acho que o teatro é uma boa forma para trabalhar esses assuntos.” (3)

“Começar trabalhando com a questão do animal, que a gente trabalha nas séries iniciais, aí de repente aí pode se começar falando da morte dos animais ou até mesmo a morte de alguma pessoa da família. Tem que ter alguma coisa para começar a falar, porque se não ninguém vai falar sobre morte. De livre e espontânea vontade ninguém vai falar. E fora da escola também esse diálogo pode acontecer. Porque aí a coisa vai ampliando, tu começa um “pontinho” ali na escola e aí a coisa vai ampliando.” (4)

O estudo nos permite pensar se os professores consideram viável uma possível educação para a morte nas escolas. Para viabilizar a construção de projetos, com o intuito de abordar o tema, são necessários cuidados, por exemplo: a priorização da educação integral dos seres humanos, o trabalho do assunto de forma interdisciplinar, afetiva e plural e a abertura espiritual inter-religiosa, para propiciar a liberdade de crenças (Incontri, & Santos, 2011). Enfim, as respostas dos entrevistados mostram que é um desafio, mas passível de realização.

“É possível. Achei maravilhosa a tua pesquisa.” (2)

“Daí é bom para refletir os nossos planos de vida. Tem aquela questão para a gente entender o presente, ter certa cautela em relação ao futuro e perdoar o passado. Aí vem de novo o que eu falo das relações interpessoais. O que eu estou fazendo com a minha vida agora se eu posso morrer daqui a um minuto. Eu estou sendo produtiva como eu gostaria de ser, eu estou contribuindo de alguma forma para que alguma coisa melhore em algum momento ou algum estante nesse mundo doido. Eu penso que abordar a morte é muito mais nesse sentido. Abordar a morte vai nos levar a abordar a vida. Porque morrer basta estar, morreu.” (3)

A morte não pode ser interpretada como algo dado, a interpretação existencial da morte como um fenômeno que “é”, enquanto o ser humano vive. Assim, verifica-se essa experiência singular do ser humano como a possibilidade de poder-ser (Pisetta, 2008). As reflexões sobre morte promovem o pensamento sobre a vida, compondo a dualidade vida-morte (Aquino, Aguiar, Vasconcellos, & Santos, 2014). Acredita-se que viver e, ao mesmo tempo, ter a consciência da morte é uma das formas de narrar as trajetórias da existência humana (Lima, Nietzsche, & Teixeira, 2012). Isso pode oferecer liberdade diante das possibilidades de existir na finitude (Heidegger, 1989).

Considerações finais

A pesquisa nos permite constatar que o assunto morte é complicado de ser trabalhado em sala de aula pelos professores. Isso é atribuído pelos professores à falta de conhecimento e dúvidas dos mesmos sobre as possíveis formas de abordar o tema. Assim, as conversas são superficiais e baseadas no senso comum enquanto a morte acontece de qualquer forma no

contexto escolar. E os professores se veem obrigados a trabalhar com os alunos sobre a finitude humana.

O fato de precisar abordar o tema gera sofrimentos e angústias nos educadores, que sentem profundo pesar com as perdas e, ao mesmo tempo, também buscam servir de suporte, orientação e apoio para outros docentes e alunos. Essa situação é vista pelos docentes como uma tarefa muito difícil, pois se observa a necessidade de instrumentalizá-los frente à abordagem da morte. Nesse sentido, muitos professores relatam que não sabem como agir e carregam questionamentos a respeito do que seria adequado e inadequado nas condutas diante das perdas.

Essas dúvidas geram resistência por parte dos professores no diálogo do tema com os alunos. Um argumento que reafirma essa dificuldade é a de que a escola e os professores, por serem laicos, normalmente associam a morte com as diferentes crenças. Então, a abordagem das diversas crenças religiosas e/ou espiritualistas torna-se atividade complicada de ser colocada em prática. Porém, nem todos os docentes pensam dessa forma, alguns acreditam ser viável abrir espaços para conversar a respeito das ampliadas visões e diversas percepções dos discentes e colegas de trabalho quando o assunto é morte e aspectos relacionados a tipos de fé.

A morte acontece nas escolas e os professores mostram em suas falas, muitas vezes, insegurança no trabalho com o tema, não se sentem aptos para tal função e acabam por agir de forma intuitiva. Os educadores oferecem suporte, conversas acolhedoras e, em algumas situações, não se sentem à vontade para tematizar a expressão dos sentimentos de dor, tristeza e sofrimento dos seus alunos no ambiente escolar. Observa-se que entrar em contato com a morte de pessoas próximas, ou seja, a permissão de se entregar ao luto parece, na percepção dos educadores, fato complicado e restrito, direcionado a ser breve, como se a dor fosse algo a ser escondido e que fizesse com que as pessoas não pudessem mostrar suas fragilidades para as demais. Isso, é claro, visto nos argumentos de alguns professores. Já outros, mencionam

que buscam abrir espaço e proceder vazão aos sentimentos decorrentes do luto de alunos ou docentes, e pelo menos, preocupam-se com isso.

A morte é tema tabu na sociedade atual, poucos são os espaços em que se permite o diálogo e a reflexão sobre ela. Ou seja, para os docentes, é melhor não pensar no assunto porque este é conflitante demais aproximar ao discurso algo tão estranho e ao mesmo tempo próximo aos indivíduos em alguns momentos da vida. Pondera-se a ideia de que quando se está diante da morte do outro, abrem-se espaços para tal aproximação. Porém, isso é tão rápido e logo retorna ao comportamento de afastar-se da geradora de sentimentos ambíguos e pensamentos que não possuem respostas prontas e únicas.

Esse afastamento pode ser observado na dificuldade que os professores encontram na busca por materiais didáticos que possam orientar e instruir sobre o trabalho da morte com os alunos. O relato dos docentes é de que, no conteúdo dos materiais didáticos escolares, esse tema não aparece, o que é uma realidade. Porém, os docentes desconhecem outros recursos como livros e filmes que possam auxiliar na abordagem da morte. Esse fato não pode ser generalizado a todos os participantes da pesquisa, já que alguns mostram o conhecimento, mesmo que incipiente dos recursos didáticos sobre o tema. Contudo, o que predomina nas falas dos professores são os desafios desse trabalho e o comodismo frente a busca por materiais acerca do tema, pois a morte é difícil, incerta e desperta diversas emoções.

Diante de tantas incertezas, tornam-se compreensíveis as afirmações de que os sujeitos desse estudo referem que não tiveram nas próprias formações acadêmicas de graduação e pós-graduação conteúdos, espaços de discussão e muito menos disciplinas que possam ter trabalhado a temática da morte. Um aspecto que, aos poucos, segundo os professores, traz preocupações e também princípios de iniciativas no sentido de produzir mudanças no contexto educacional. Para isso, primeiramente, é necessário conhecer a realidade e, posteriormente, aventar possibilidades com o intuito de transformá-la.

Os professores dizem não possuir, no ambiente de trabalho, espaços para conversar entre eles sobre o assunto da pesquisa. Essa falta de diálogo sobre a morte recai, muitas vezes, no reduzido tempo que é dispendido para as questões existenciais, aspectos sobre a vida e a morte. Também, salienta-se essa ausência de espaços pela enorme carga de atividades que são colocadas no exercício da função de educador. Portanto, pode-se pensar que conteúdos mais objetivos e tarefas próximas do concreto e exequível podem parecer mais aceitáveis do que aspectos que fazem pensar os sentidos subjetivos e abstratos do ser finito no mundo.

Sob a ótica dos docentes, ao pensar nesses aspectos, torna-se mais cômodo a busca por especialistas com o fim de dar conta da demanda para abordar a morte nas escolas. Isso porque os docentes não se sentem preparados e capacitados para tal atividade. Nota-se que a procura não caracteriza a falta de interesse por parte dos profissionais no trabalho com o assunto. Parece mais o reflexo, dito por eles, da falta de educação permanente e investimentos de aprendizados contínuos direcionados aos educadores no ambiente de trabalho. Esses fatores devem ser somados à dificuldade que o tema provoca às pessoas, porque, quando se fala de morte, ressoa o pensamento frente à vida, tão raro e pouco permitido nas reflexões existenciais pós-modernas.

Contudo, observa-se uma mudança do paradigma de não pensar para começar a refletir sobre as questões da existência no contexto escolar. Isso fica evidente no momento em que os docentes observam a necessidade de capacitações, treinamentos e espaços de diálogo sobre a morte nesse ambiente. E também, quando eles afirmam que existe a possibilidade futura do assunto morte fazer parte dos temas transversais, e assim ser inserido de fato no currículo escolar. Atualmente, esse tema não se faz presente de forma oficializada no estudo. Reitera-se, de maneira oficial, que, com esse estudo, nota-se a existência de pequenas e individuais tentativas de alguns professores no desenvolvimento da abordagem da morte no contexto

escolar, mais comumente quando ocorre o fato na escola e com menos frequência quando esse não acontece, através de trabalhos e atividades didáticas.

Por fim, o pequeno investimento que a pesquisa proporciona, no simples ato de promover o diálogo sobre o assunto, no exercício do pensamento crítico e na atitude de acompanhar as emoções e os sentimentos que são despertados quando se fala a respeito da morte, movimenta o sentido de transformar o que já está inclinado para tal mudança. Dessa forma, os professores percebem que não estão preparados para conversar com os alunos sobre a morte, mas, a partir do presente estudo e sua divulgação, intui-se uma inclinação para a possibilidade de inserir a educação para a morte neste cenário.

A inserção da educação para a morte no contexto escolar exige um planejamento detalhado com projetos de pesquisa, atividades de extensão através do apoio das universidades, suporte financeiro para implantação e continuidade das intervenções nas escolas, valorização do trabalho dos professores para que eles sintam-se apoiados diante das dificuldades, mudança de cultura da sociedade ocidental para permitir espaços de diálogos existenciais nas escolas, aproximação e motivação para responsabilizar os pais também nessa tarefa e, aos poucos, desconstruir preconceitos e tabus sobre o assunto morte. Então, o estudo da morte é uma ciência que potencializa a vida e respeita os limites entre a vida e a morte, proporcionando crescimento e amadurecimento pessoal frente à vida.

Referências

- Aquino, T. A. A., Aguiar, A. A., Vasconcelos, S. X. P., & Santos, S. L. (2014). Falando de morte e da finitude no ambiente escolar: um estudo à luz do sentido da vida. *Psicologia Ciência e Profissão*, 34(2), 302-317. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n2/v34n2a04.pdf>.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Brasil. Conselho Nacional de Saúde (2016). *Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos. RESOLUÇÃO Nº 510, de 7 de abril de 2016*. Brasília: Diário Oficial da União; Poder Executivo, publicado em 7 abril. 2016. Seção I, p.1-9.
- Brasil. Ministério da Educação (1996). *Diário Oficial da União, seção 1. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília: Ministério da Educação. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.
- Brasil. Secretaria da Educação Fundamental (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Secretaria de educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF. Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>.
- Brasil. Secretaria da Educação Fundamental (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro a quarto ciclos do ensino fundamental – introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF. Recuperado de: portal.mec.gov.br.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto e Contexto*, 15(4), 679-684. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>.
- Costa, J. C., & Lima, R. A. G. (2005). Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 13(2), 151-157. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/html/2814/281421843004/>.
- Custódio, E. S., & Klein, R. (2015). Ensino religioso e diálogo inter-religioso nas escolas públicas: um desafio a ser enfrentado. *Protestantismo em Revista*, 36, 64-79. Recuperado de: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>.

- Domingos, B., & Maluf, M. R. (2003). Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 577-589. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a16.pdf>.
- Feichas, A. L., & Doll, J. (2014). Perspectivas de professores dos anos iniciais a respeito da morte como tema transversal no currículo escolar. Trabalho de conclusão de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado de: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/102997>.
- Figueiró, M. N. D. (2000). A viabilidade dos temas transversais à luz da questão do trabalho docente. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, 2(1), s/p. Recuperado de: <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n12.htm>.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas coletivas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>.
- Fontanella, B. J. B., & Júnior, R. M. (2012). Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 63-71. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287123554008>.
- Forbes, J. (2012) Inconsciente e responsabilidade: *Psicanálise do Século XXI*. São Paulo: Manole.
- França, M. D., & Botomé, S. P. (2005). É possível uma educação para a morte. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 547-548. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a23.pdf>.
- Fronza, L. P., Quintana, A. M., Weissheimer, T. K. S., & Barbieri, A. (2015). O tema da morte na escola: possibilidades de reflexão. *Barbaroi*, 43, 48-71. Recuperado de: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/3496/4408>.

- Garcia, M. H. C., Garcia, M. N., Paula, R. L., & Almeida Durigan, R. H. (2012). Temas transversais: a abordagem pelos professores de língua materna no ensino fundamental em sala de aula. *Revista Eletrônica de Letras*, 3(1). Recuperado de: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rel/article/view/397/380>.
- Heidegger, M. (1989). *Ser e tempo (parte I)*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Herrán, A., González, I., Navarro, M. J., Bravo, S., & Freire, M. V. (2001). La muerte: ¿Tabú o imperativo educativo? *Aula de Innovación Educativa*, 106, 62-64. Recuperado de: https://www.uam.es/personal_pdi/fprofesorado/agustind/textos/tabuoimperativo.pdf.
- Herrán, A., Bravo, S., Navarro, M. J., González, I., & Freire, M. V. (2001) La educación para la muerte. Selección de propuestas. *Revista Aula de Infantil*, 12. Recuperado de: <http://www.grao.com/revistas/aula-infantil/012-reflexionemos-sobre-el-tabu-de-la-muerte/recursos-para-la-practica-la-educacion-para-la-muerte-seleccion-de-propuestas>.
- Herrán, A., & Cortina, M. (2009). La muerte y su enseñanza. *Diálogo Filosófico*, 75, 499-516. Recuperado de: https://www.uam.es/personal_pdi/fprofesorado/agustind/textos/lamuerteysuensenanza.pdf.
- Incontri, D., & Santos, F. S. (2011). As leis, a educação e a morte – uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil. *International Studies on Law and Education*, 9, 73-82. Recuperado de: <http://docplayer.com.br/12377466-As-leis-a-educacao-e-a-morte-uma-proposta-pedagogica-de-tanatologia-no-brasil.html>.
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M.J. (2003). *Educação para a Morte. Temas e Reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Kovács, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25(3), 484-497.
Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n3/v25n3a12.pdf>.
- Kovács, M. J. (2010). A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. In M. H. P. Franco (Ed.), *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade* (pp. 145-168). São Paulo: Summus.
- Kovács, M. J. (2012). Educadores e a morte. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 71-81.
Recuperado: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/08.pdf>.
- Kübler-Ross, E (2008). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lima, M. G. R., Nietsche, E. A., Santos, S. C. dos, Teixeira, J. A., Bottega, J. C., Nicola, G. D. O, & Ilha, S. (2012). Revisão integrativa: um retrato da morte e suas implicações no ensino acadêmico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(3), 190-197.
Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000300025.
- Mello, J. C. P. L., & Marinho, P. H. F. (2016). Casuística sobre luto e desenvolvimento na adolescência: a relação de ambos com o desempenho escolar do discente. *Outras palavras*, 12(1), 11-17. Recuperado de: revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao5/article/download/665/573.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Moré, C. L. O. O. (2015). A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, 3, Atas CIAIQ, 126-131.
Recuperado de: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>.

- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. *Ciência e Saúde Coletiva*, 18(9), 2711-2720. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a26.pdf>.
- Oliveira, J. B. A., & Lopes, R. G. C. (2008). O processo de luto no idoso por morte de cônjuge ou filho. *Psicologia em Estudo*, 3(2), 217-221. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2.pdf>.
- Oliveira, P. P., Amaral, J. G., Viegas, S. M. F., & Rodrigues, A. B. (2013). Percepção dos profissionais que atuam numa instituição de longa permanência para idosos sobre a morte e o morrer. *Ciência e Saúde Coletiva*, 18(9), 2635-2644. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a18.pdf>.
- Oliveira, P. R., Schirmbeck, T. M. E., & Lunardi, R. R. (2013). Vivências de uma equipe de enfermagem com a morte de criança indígena hospitalizada. *Texto e Contexto*, 22(4), 1072-1080. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n4/25.pdf>.
- Pereira, J. C. (2013). Procedimentos para lidar com o tabu da morte. *Ciência e Saúde Coletiva*, 18(9), 2699-2709. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a25.pdf>.
- Pisetta, E. E. (2008). Sobre morte e possibilidade. *Dissertatio*, (27-28), 251-275. Recuperado de: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8856/5850>.
- Rowling, L. (1995). The disenfranchised grief of teachers. *Omega, Journal of Death and Dying*, 31(4), 317-329. Recuperado de: <http://sci-hub.cc/http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2190/3EM7-71U5-ME8V-54MP>.
- Santos, G., Vieira, E. C., Vaz, G. M. P., & Violante, P. M. G. (2009). O educador social e a problemática da morte e do luto. *Actas das II Jornadas de Educação Social*, 1-20. Recuperado de: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/4603>.

- Silvia, J. P., & Mascia, M. A. A. (2014). É preciso falar sobre a morte. Alguém escuta? A escrita de si como alternativa ao silenciamento da escola em relação à dor do aluno enlutado. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 11(23), 84-112. Recuperado de: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/886/440>.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: UFSC. Recuperado de: http://200.17.83.38/portal/upload/com_arquivo/metodologia_da_pesquisa_e_elaboracao_de_dissertacao.pdf.
- Vianna, A., & Piccelli, H. (1998). O estudante, o médico e o professor de medicina perante a morte e o paciente terminal. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 44(1), 21-27. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v44n1/2004.pdf>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da morte é um grande desafio a ser trabalhado na atualidade, devido ao aumento da violência nas escolas, a elevação do índice de adoecimento por doenças crônicas em todas as faixas etárias de idade, altos índices de pessoas acometidas por depressão e maiores índices de suicídio, o qual também atinge os jovens (Brasil, 2010). A pesquisa evidencia que os professores participantes da amostra possuem dificuldades tanto no estudo I quanto no II em abordar a temática da morte.

O perfil sociodemográfico dos participantes do Estudo I compõe professores do ensino fundamental do 1º ao 9º ano, na média de idade de 44 anos e 6 meses, predominantemente do sexo feminino, na grande maioria casados e, também, que possuem pós-graduação. Esses dados podem refletir nas percepções dos mesmos a respeito da morte, como por exemplo, talvez, por terem vivenciado perdas no percurso da vida, a partir das quais possa surgir o interesse pelo assunto da pesquisa.

A pesquisa que procurou estudar as intervenções e estratégias diante do tema morte na visão dos professores teve resultados parecidos tanto para o estudo I quanto para o estudo II. Ambos os estudos mostram que o tema é complicado de ser trabalhado pela falta de instrumental teórico dos professores, vivências não adaptativas e dúvidas na abordagem do assunto.

Os professores mostram que, nas escolas, o assunto é pouco discutido ou quase nada abordado, normalmente, aqueles são forçados a falar sobre a morte quando essa acontece no ambiente escolar, ou a ele relacionado. Isso pode aumentar o grau de dificuldade no trabalho com o tema. As mortes que mais apareceram no contexto escolar foram de alunos e professores (colegas de trabalho).

Os significados atribuídos à morte no cenário das escolas pelos docentes, no estudo I, foram a espiritualidade, o fim do ciclo de vida, as perdas e rompimentos de vínculos e a liberdade. Nesse mesmo estudo, quando se pede para mencionar as palavras que surgem quando se pensa no assunto, aparecem, em ordem crescente de repetições: saudade, tristeza, dor, perda e fim. Diante dessas percepções, os docentes buscam algumas alternativas e possibilidades para lidar com as mortes no ambiente das escolas e a elas relacionados.

As estratégias de enfrentamento utilizadas pelos professores incluem o *coping* voltado à emoção e à resolução de problemas; o *coping* religioso-espiritual, com mais da metade dos participantes do estudo quantitativo; o enfrentamento com suporte social; e o enfrentamento

voltado à distração diante do contexto das mortes, esse utilizado simultaneamente com outras estratégias de *coping*. Essas estratégias auxiliam na elaboração do luto, a maioria delas aparece correlacionada a outras na maneira de lidar com as perdas.

Ainda relacionado à morte no ambiente escolar, somam-se as restrições, reservas e a falta de espaço para a elaboração do luto no cenário da educação. Esse fato pode gerar conflitos pessoais e aumento do afastamento frente ao assunto. Os professores e alunos não possuem espaços que permitam viver o luto, sendo que, muitas vezes, precisam continuar com os conteúdos curriculares e as diversas atividades educacionais. Segundo a observação daqueles, a expressão do luto se resume a algumas conversas, atividades pontuais e breves que existem na tentativa de conviver com as peculiaridades diante das expressões dos sentimentos de cada sujeito que sofre diante das mortes naquele contexto.

As tentativas dos professores na abordagem do tema não podem ser desconsideradas, pois existe um ensaio nas práticas docentes, como na oferta de suporte e apoio com o intuito de confortar os alunos e professores diante das mortes vivenciadas na comunidade escolar, além da preocupação com a didática da possibilidade de abordagem desse tema rotineiramente no cotidiano das aulas. As dificuldades frente à abordagem do tema são: o rompimento dos laços de apego; o vazio diante do fim; as diferenças individuais, culturais e religiosas nas variadas percepções a respeito do tema e as dificuldades quando as mortes envolvem crianças e adolescentes.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao fato de a escola ser laica, aspecto que, segundo alguns professores, limita a abordagem da morte no cenário da educação. Porém, esse aspecto, conforme os estudos quantitativo e qualitativo, não parece impedir a discussão do assunto quando se levam em consideração as diferenças de pensamentos e particularidades das pessoas frente ao âmbito espiritual.

O estudo I mostra que os professores consideram importante o trabalho do tema morte na sala de aula (63,10%), isso reforça a mudança do pensamento a respeito da abordagem do tema por especialistas (33,01%) e uma porcentagem pequena (3,89%) nunca havia pensado no assunto.

Apesar da escola não possuir como prática o trabalho sistemático com o tema, pois grande parte dos colégios ainda não iniciou a aproximação do assunto sem que a morte tenha sido provocada no contexto escolar. Isso faz refletir o quanto a morte precisa ser trabalhada com atividades e espaços de conversas que os docentes referem não existir para os mesmos. Normalmente, o fato ocorre porque eles não se sentem capacitados para tal abordagem e não

tiveram capacitações ou aulas tanto na graduação quanto na pós-graduação que pudessem estudar aspectos importantes sobre perdas, morte e luto.

A maioria dos professores relata não ter conhecimento de materiais didáticos que pudessem utilizar na abordagem da morte. Pouco estímulo de pesquisa é dado referente a esse desconhecimento. E, somado a isso, é sentida a falta de educação permanente sentida pelos professores na educação a respeito da temática do estudo e demais assuntos pertinentes a educação e atualização dos mesmos. Ou seja, as conversas sobre a morte permanecem na superficialidade e senso comum.

Porém, com a pesquisa, muitos professores, na incitação de pensar sobre o assunto, seja através dos questionários e até mesmo das entrevistas, mostraram que, apesar de todas as limitações e dificuldades que o tema impõe sobre eles, existe um desejo de conversar mais sobre a morte nesse contexto para sua instrumentalização. Os professores são preocupados com a didática e as formas adequadas na abordagem da morte para os sujeitos da comunidade escolar. E, intuitivamente, eles têm feito intervenções e construído estratégias, muitas vezes, eficazes, na tentativa de ultrapassar os obstáculos que o assunto traz.

Os resultados dos estudos mostram um grande potencial para o investimento dos professores, alunos e pais sobre a abordagem do tema. Pois, quando os professores afirmam que o assunto tem grandes possibilidades de estar inserido nos conteúdos curriculares através dos temas transversais, isso passa a ser um indicativo importante para pensar a respeito de futuras intervenções e propostas aos docentes na educação para a morte.

Educar para a morte quer dizer abordar os aspectos existenciais e potencializar a vida. No momento que os professores entrevistados se dão conta disso, nos faz pensar que eles estão abertos à discussão que possuem condições de construir inúmeras possibilidades de intervenções na sua área de trabalho sobre a morte, que toca o íntimo da existência dos seres humanos.

Por fim, é preciso investir na educação dos professores, alunos e pais, além dos conteúdos escolares. Para isso, são necessárias pesquisas, investimentos em recursos humanos que possam auxiliar os docentes, espaços adequados para trocas de experiências, educação permanente e continuada para instrumentalizar teoricamente e afetivamente os professores, condições adequadas de trabalho; retribuições para os educadores e uma educação que priorize o ser humano para além dos conteúdos, necessários, e obrigatórios das disciplinas tradicionais.

Enfim, a educação forma pessoas e potencializa a capacidade de colocar em prática os conteúdos aprendidos no cenário escolar, e, frente a isso, entende-se a urgente necessidade de

educar a comunidade escolar frente as emoções, porque a partir dessa educação, é possível formar sujeitos responsáveis e comprometidos com suas vidas e dos demais. E educar para a morte não quer dizer, simplesmente, falar do fim. Mas inclusive, conversar a respeito das diferentes trajetórias existenciais e entender o quanto são importantes para aprender a viver com inteligência emocional frente às conquistas e perdas no percurso vital.

A educação para a morte traz muita beleza de emoções, conhecimentos, percepções e condutas frente ao viver, diferente do que o pensamento do senso comum acredita e, até mesmo, não enxerga sobre as sutilezas dessa intervenção. Essa educação contribui para a formação de homens que podem quebrar tabus e avançar na evolução de sujeitos emocionalmente mais preparados para a vida.

REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: Editora UFSC, 2002.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sistema de informações sobre mortalidade – SIM*. Brasil: IBGE, 2010.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos*. RESOLUÇÃO Nº 510, de 7 de abril de 2016. Brasília: Diário Oficial da União; Poder Executivo, publicado em 7 abril. 2016. Seção I, p.1-9, 2016.
- CAMPOS, C. J. G., & TURATO, E. R. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, v. 17, n. 2, p. 259-264, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692009000200019&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- CAREGNATO, R. C. A., & MUTTI, R. Pesquisa qualitativa análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto e Contexto*, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- DALFOVO, M. S; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, v. 2, n. 4, p. 1-13, 2008. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf. Acesso em: 11 fev. 2017.
- ESCORSIM, S. M. A pesquisa do tipo levantamento: o debate teórico e o seu delineamento. *Cadernos da Escola de Educação e Humanidades*, v. 1, n. 9, p. 78-96, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoseducacao/index.php/educacao/article/view/75/69>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas coletivas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- FONTANELLA, B. J. B.; JÚNIOR, R. M. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n. 1, p. 63-71, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287123554008>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- FREUD, S. Reflexões para tempos de guerra e morte. In: S. Freud. (*Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV*). Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Originalmente publicado em 1976 [1915]).

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. (*Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV*). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Originalmente publicado em 1917 [1915]).

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo (parte I)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

HERRÁN, A. et al. La muerte: ¿Tabú o imperativo educativo? *Aula de Innovación Educativa*, v. 106, p. 62-64, 2001. Disponível em: <https://www.uam.es/personal_pdi/fprofesorado/agustind/textos/tabuoimperativo.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

HERRÁN, A.; CORTINA, M. La muerte y su enseñanza. *Diálogo Filosófico*, n. 75, p. 499-516, 2009. Disponível em: <https://www.uam.es/personal_pdi/fprofesorado/agustind/textos/lamuerteysuensenanza.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

KOURY, M. G. P. O imaginário urbano sobre fotografia e morte em Belo Horizonte, MG, nos anos finais do século XX. *Varia Historia*, v. 22, n. 35, p. 100-122, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 abr. 2017.

KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 16 jun. 2017.

MORÉ, C. L. O. O. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, v. 3, Atas CIAIQ, p. 126-131, 2015. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

PACKER, M. P.; TURATO, E. R.. Facilitações e barreiras em pesquisas de campo no emprego de métodos qualitativos e em particular em instituição informal de saúde. *Cadernos de Terapia Ocupacional*, v. 19, n. 1, p. 27-36, 2011. Disponível em: <<http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/428/31>>. Acesso em: 10 set. 2016.

PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPam, 1999.

PASQUALI, L. *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANTA MARIA. *Lei Municipal nº 4123/97* cria o Sistema municipal de ensino de Santa Maria. Secretaria Municipal de Educação. Santa Maria: SEC, 1997.

SANTOS, E. M.; SALES, C. A. Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto e contexto*, v. 20 (Esp), p. 214-222, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v20nspe/v20nspea27.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SANTOS, G. et al. O educador social e a problemática da morte e do luto. *Actas das II Jornadas de Educação Social*, p. 1-20, 2009. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/4603>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <http://200.17.83.38/portal/upload/com_arquivo/metodologia_da_pesquisa_e_elaboracao_de_dissertacao.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e pesquisa. *Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses*: MDT. Santa Maria: Editora UFSM, 2015.

VIORST, J. *Perdas necessárias*. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100004>. Acesso em: 19 abr. 2017.

ANEXOS

ANEXO A

Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Intervenções e estratégias de educação para a morte na escola		2. Número de Participantes da Pesquisa: 115	
3. Área Temática: PSICOLOGIA			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Alberto Manuel Quintana			
6. CPF: 414.806.780-15		7. Endereço (Rua, n.º): TIRADENTES CENTRO 23/701 SANTA MARIA RIO GRANDE DO SUL 97050730	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: (55) 8129-4258	10. Outro Telefone:
		11. Email: albertom.quintana@gmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: 05 / 11 / 2015		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa		13. CNPJ: 95.591.764/0001-05	14. Unidade/Orgão: CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS / PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP.
15. Telefone: (55) 3220-9362		16. Outro Telefone: (55) 3220-9304	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: SÍLVIO JOSÉ LEMOS VASCONCELOS		CPF: 59928999015	
Cargo/Função: CHEFE DE DEPARTAMENTO			
Data: 05 / 11 / 2015		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL		Silvio J. L. Vasconcelos Professor Adjunto Psicologia - UFSM SIAPE 1673921	
Não se aplica.			

ANEXO B**Comprovante de envio do Projeto**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Intervenções e estratégias de educação para a morte na escola
Pesquisador: Alberto Manuel Quintana
Versão: 1
CAAE: 51499315.5.0000.5346
Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

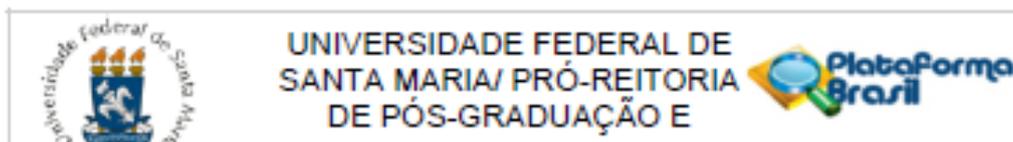
DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 122937/2015
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com

ANEXO C

Documento de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Intervenções e estratégias de educação para a morte na escola

Pesquisador: Alberto Manuel Quintana

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51499315.5.0000.5346

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

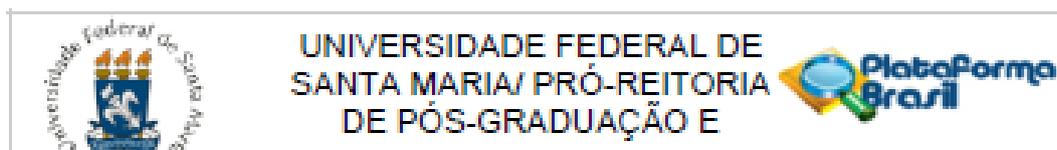
Número do Parecer: 1.374.849

Apresentação do Projeto:

O projeto se intitula "Intervenções e estratégias de educação para a morte na escola" e se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Um dos argumentos principais do texto é que "as escolas precisariam orientar os alunos para os assuntos referentes à vida e à morte e os hospitais, através da educação permanente, deveriam ter a função de auxiliar os profissionais nas reflexões sobre o luto (Costa & Lima, 2005). Ao oferecer espaços de apoio, suporte, conhecimento acerca de tanatologia, talvez, resultasse na minimização dos sentimentos negativos, na redução das incertezas sobre a efetividade do tratamento e no alcance do cuidado humanizado nos locais de atendimento à saúde. Porque, há profissionais, tanto na rede pública como privada, com dificuldades de enfrentamento da morte e do luto (Oliveira et al., 2013). A educação para a morte requer constantes treinamentos e aprimoramentos pessoais e sociais frente à finitude da vida. O educador precisa estar atento às manifestações dos colegas de trabalho e alunos no que tange a temática da morte, pois pessoas que são acompanhadas e ouvidas têm maiores possibilidades de expressar o luto de forma saudável, sem sofrer com julgamentos, imposições, abandono ou interpretações que aprisionam o sujeito e desqualificam-no frente à capacidade de superação das perdas (Herrán & Cortina, 2008)."

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
 Bairro: Camobi CEP: 97.105-970
 UF: RS Município: SANTA MARIA
 Telefone: (55)3220-6382 E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.374.049

Consta do projeto, ainda, descrição da metodologia de coleta e análise dos dados, cronograma, orçamento e questionários.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Identificar as intervenções e estratégias de educação que os professores consideram relevantes para trabalhar com seus alunos de ensino fundamental em situações de morte no ambiente escolar.

Objetivos Específicos

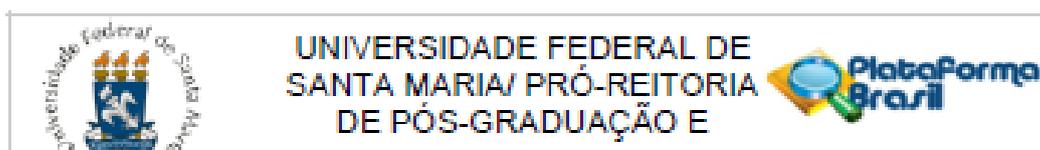
- Caracterizar a amostra com o levantamento de um perfil sociodemográfico dos participantes.
- Compreender como a morte é percebida pelos professores no cotidiano do trabalho nas escolas de ensino fundamental.
- Identificar no discurso dos professores o significado da morte imerso no contexto da escola e da comunidade.
- Refletir sobre as possibilidades de intervenção na educação para a morte que os professores consideram relevantes no ensino.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Na p. 35 do projeto consta a seguinte descrição de riscos e benefícios:

"Toda pesquisa com seres humanos, envolve risco mínimo de desconforto, mal-estar ou estresse gerado pelos instrumentos na coleta dos dados e ainda, pelo fato do estudo compreender o tema da morte, por vezes vista de forma delicada, dolorosa, tabu e estressante. No caso de surgirem mal-estar, desconforto, estresse ou recordações de acontecimentos que causem intenso sofrimento no participante durante a coleta de dados, o indivíduo pode contatar com a pesquisadora para serem tomadas as providências de escuta e posterior encaminhamento para o Serviço de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bastando para isso, contato prévio desta pesquisadora com o serviço.

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
 Bairro: Camobi CEP: 97.105-970
 UF: RS Município: SANTA MARIA
 Telefone: (55)3220-6982 E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.374.046

Os benefícios da pesquisa consistem na devolução de resultados do estudo aos professores, na incitação de reflexões acerca da morte e do morrer aos participantes. Além disso, visa à construção de estratégias, de intervenções e da implantação do tema aos currículos escolares, com a finalidade de contribuir no aprimoramento da educação brasileira."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

-

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados de modo suficiente.

Recomendações:

Veja no site do CEP - <http://w3.ufsm.br/nucleodecomites/index.php/cep> - na aba "orientações gerais", modelos e orientações para apresentação dos documentos. **ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.**

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No termo de confidencialidade corrigir a expressão "cinco6 anos" para "cinco anos".

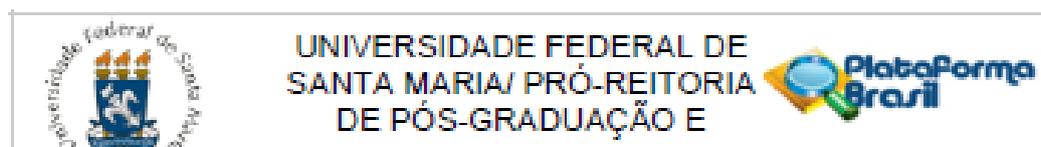
Sugiro ver o link deste evento <http://espaciotiempoyeducacion.com/ocs/index.php/ete/pm>.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_618616.pdf	01/12/2015 14:49:05		Aceito
Outros	TERMOCONFIDENCIALIDADE.pdf	01/12/2015 14:46:03	Daynah Waltrich Leal Garetton	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ESTUDOII.pdf	01/12/2015 14:46:26	Daynah Waltrich Leal Garetton	Aceito

Endereço: Av. Itália, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
 Bairro: Camobi CEP: 97.105-970
 UF: RS Município: SANTA MARIA
 Telefone: (51)3220-9362 E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.374.048

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ESTUDO1.pdf	01/12/2015 14:46:00	Daynah Walhrich Leal Garetton	Aceto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_para_Comite_Etica_Daynah.doc	05/11/2015 18:15:45	Daynah Walhrich Leal Garetton	Aceto
Outros	DOC041.pdf	05/11/2015 18:03:21	Daynah Walhrich Leal Garetton	Aceto
Folha de Rosto	DOC040.pdf	05/11/2015 17:56:22	Daynah Walhrich Leal Garetton	Aceto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_Autorizacao_Institucional.pdf	04/11/2015 00:18:02	Daynah Walhrich Leal Garetton	Aceto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 17 de Dezembro de 2015

Assinado por:
CLAUDEMIR DE QUADROS
 (Coordenador)

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Autorização Institucional do Estudo I e do Estudo II



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado de forma clara e detalhada sobre os objetivos, a justificativa e os procedimentos que envolvem a realização do Projeto de Pesquisa de Mestrado intitulado: **INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA ESCOLA.**

Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa no serviço _____ bem como, autorizo a utilização dos dados coletados para apresentações em eventos acadêmicos e/ou publicações em artigos e revistas científicas, desde que preservadas as identidades das pessoas envolvidas.

Entendo que o Departamento de Psicologia da UFSM manterá em sigilo em relação à identidade dos participantes, sendo que os dados coletados serão arquivados na referida instituição sob a responsabilidade do pesquisador-orientador do projeto, Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana, no seguinte endereço: Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, – 97015-900.

Santa Maria, _____ de 2016.

Responsável pelo serviço

APÊNDICE B

Questionário do Estudo I



ESTUDO I - QUESTIONÁRIO

Iniciais do Nome: _____

Escola em que trabalha? _____

Idade: _____ **Escolaridade:** _____

Curso de Graduação: _____

Possui pós-graduação? () sim () não **Se sim, qual?** _____

Profissão: _____

Disciplina(função): _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Estado Civil: () Solteiro(a) () Casado(a)/união estável

() Separado/Divorciado () Viúvo(a) () Outro. Qual? _____

Tempo de profissão? _____

O que significa MORTE para você?

Quando você ouviu a palavra MORTE, quais as primeiras palavras que pensa?

1. _____ 2. _____

_____ 3. _____

4. _____ 5. _____

Já vivenciou morte ou perdas no ambiente escolar (alunos, colegas)?

Sim Não

Quantas vezes? _____

Se sim, explique (alunos, colegas):

Se já enfrentou ou ainda tiver que enfrentar situações de morte no ambiente escolar, você pensa que foi (será):

Muito fácil Fácil Nem fácil, nem difícil Difícil Muito difícil

Por quê?

Já interviu em situações de morte no ambiente escolar?

Sim Não

Em relação a sua intervenção (ou se tivesse que intervir) em situações de morte na escola, como seria para você?

Muito fácil Fácil Nem fácil, nem difícil Difícil Muito difícil

Se você interviu (ou se tivesse que intervir) nessa situação de morte na escola explique o que fez/ faria:

Descreva quais estratégias considera as mais adequadas para trabalhar com os alunos sobre o assunto MORTE?

Você perdeu algum colega de trabalho ou aluno no último ano?

() Sim () Não

Quem? _____

Como foi a elaboração do luto dessa perda para você?

Já vivenciou morte ou perdas em sua vida privada?

() Sim () Não

Quantas vezes? _____

Como considerou (ou se tivesse que considerar) o manejo da morte ou perda?

() Muito fácil () Fácil () Nem fácil, nem difícil () Difícil () Muito difícil

Descreva quais estratégias utilizou/ utilizaria diante da morte ou perda?

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo I



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ESTUDO I

Prezado(a) Professor(a) _____

Eu, Daynah Waihrich Leal Giaretton, convido-o (a) a participar do processo de coleta de dados da pesquisa de Mestrado intitulada **INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA ESCOLA**, sob orientação do Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana e co-orientação da Prof^a Dr^a Everley R. Goetz. Tal pesquisa visa identificar as intervenções e estratégias de educação que os professores consideram relevantes para trabalhar com seus alunos de ensino fundamental em situações de morte no ambiente escolar.

A sua participação consistirá na realização de um breve questionário através de um roteiro de questões fechadas e questões abertas relacionadas ao tema de pesquisa, devendo ser preenchido de forma voluntária e não remunerada. A identificação dos dados pessoais no questionário é importante para a segunda etapa do projeto, o estudo II, esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao ser assinado inclui a contribuição no estudo I, e não implica na obrigatoriedade da participação na próxima etapa do estudo. Caso, for selecionado para a etapa II do estudo será realizado um convite e apresentado outro TCLE.

Fazer parte da pesquisa não lhe trará benefício direto, mas contribuirá para os estudos sobre a construção e reflexão da educação para a morte. Os riscos provenientes da situação de pesquisa referem-se à possibilidade de emergência de lembranças desagradáveis, o que pode causar desconforto, mal-estar e/ou estresse. Se isso acontecer, o participante tem a liberdade de dialogar com a pesquisadora que fará um primeiro momento de escuta e posteriormente sugerirá a busca por um serviço de apoio psicológico para que você possa conversar. Caso o participante considerar-se prejudicado com aquelas situações de risco advindas da pesquisa, orienta-se contatar com a pesquisadora.

Os benefícios da pesquisa consistem na devolução aos professores dos resultados do estudo, na incitação de reflexões acerca da morte e do morrer aos participantes, e por fim na construção de estratégias, intervenções e implantação do tema aos currículos escolares, com a finalidade de contribuir no aprimoramento da educação brasileira.

Salienta-se que a sua participação não interferirá nas suas atividades de trabalho vinculadas a instituições de educação ou fora delas. Desistir a qualquer momento do estudo não lhe causará prejuízo.

Os documentos escritos serão guardados pelo pesquisador responsável por até cinco anos contados a partir do término da pesquisa e após esse período esses documentos serão destruídos. O endereço para o armazenamento dos documentos situa-se na Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Sempre que achar necessário, você poderá solicitar esclarecimentos sobre aspectos da pesquisa à pesquisadora, através das formas de contato expostas abaixo, sendo também possível desistir da participação em qualquer etapa do trabalho, sem que isso venha lhe trazer prejuízos.

Consentindo responder o questionário, você deverá assinar esse documento em duas vias, sendo que uma cópia permanecerá com você.

Daynah Waihrich Leal Giaretton
Pesquisadora principal

Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana
Pesquisador Responsável
Orientador

Profª Drª Everley R. Goetz
Co-Orientadora

Eu, _____, informo que fui esclarecido(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, sobre os objetivos, riscos e benefícios, além de ser informado sobre os meus direitos como participante desta pesquisa, da qual aceito participar livre e espontaneamente.

Data: ____/____/2016.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a realização dessa pesquisa, ou ainda, se quiser desistir dela, entre em contato com a pesquisadora Daynah Waihrich Leal Giaretton (Tel. (53) 999289526 ou e-mail (daynahleal@hotmail.com), ou no seguinte endereço: Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 97015-900.

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo II



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ESTUDO II

Prezado(a) professor(a).

Eu, Daynah Waihrich Leal Giaretton, convido-o (a) a participar do processo de coleta de dados da pesquisa de Mestrado intitulada “**INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA ESCOLA**”, sob orientação do Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana e co-orientação da Prof^a Dr^a Everley R. Goetz. Tal pesquisa visa identificar as intervenções e estratégias de educação que os professores consideram relevantes para trabalhar com seus alunos de ensino fundamental em situações de morte no ambiente escolar.

A sua participação consistirá na realização de uma entrevista individual, realizada pela pesquisadora, através de um roteiro de perguntas relacionadas ao tema de pesquisa, devendo ser realizada de forma voluntária e não remunerada. Para melhor registro dos dados, a entrevista poderá ser gravada, se isso for de sua concordância. Ainda, a entrevista poderá acontecer em mais de um encontro, caso for necessário e você estiver de acordo. Destaca-se que será mantido o seu anonimato, ou seja, o seu nome ou quaisquer dados que possam vir a identificá-lo.

Fazer parte da pesquisa não lhe trará benefício direto, mas contribuirá para os estudos sobre a construção e reflexão da educação para a morte. Os riscos provenientes da situação de pesquisa referem-se à possibilidade de emergência de lembranças desagradáveis, o que pode causar desconforto, mal-estar e/ou estresse. Se isso acontecer, o participante tem a liberdade de dialogar com a pesquisadora que fará um primeiro momento de escuta e posteriormente sugerirá a busca por um serviço de apoio psicológico para que você possa conversar. Caso o participante considerar-se prejudicado com aquelas situações de risco advindas da pesquisa, orienta-se dialogar sobre isso com a pesquisadora.

Os benefícios da pesquisa consistem na devolução aos professores dos resultados do estudo, na incitação de reflexões acerca da morte e do morrer aos participantes, e por fim na construção de estratégias, intervenções e implantação do tema aos currículos escolares, com a finalidade de contribuir no aprimoramento da educação brasileira.

Salienta-se que a sua participação não interferirá nas suas atividades de trabalho vinculadas a instituições de educação ou fora delas. Desistir a qualquer momento do estudo não lhe causará prejuízo.

Os documentos escritos e gravados serão guardados pelo pesquisador responsável por até cinco anos contados a partir do término da pesquisa e após esse período esses documentos serão destruídos e apagados. O endereço para o armazenamento dos documentos situa-se na Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil – 97015-900.

Sempre que achar necessário, você poderá solicitar esclarecimentos sobre aspectos da pesquisa à pesquisadora, através das formas de contato expostas abaixo, sendo também possível desistir da participação em qualquer momento do trabalho, sem que isso venha lhe trazer prejuízos.

Consentindo participar da pesquisa, você deverá assinar esse documento em duas vias, sendo que uma cópia permanecerá com você.

Daynah Waihrich Leal Giaretton
Pesquisadora principal

Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana
Pesquisador Responsável
Orientador

Profª Drª Everley R. Goetz
Co-Orientadora

Eu, _____, informo que fui esclarecido(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, sobre os objetivos, riscos e benefícios, além de ser informado sobre os meus direitos como participante desta pesquisa, da qual aceito participar livre e espontaneamente.

Data: ____/____/2016.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a realização dessa pesquisa, ou ainda, se quiser desistir dela, entre em contato com a pesquisadora Daynah Waihrich Leal Giaretton (Tel. (53) 999289526 ou e-mail (daynahleal@hotmail.com), ou no seguinte endereço: Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 97015-900.

APÊNDICE E

Entrevista do Estudo II



ENTREVISTA

ESTUDO II

EIXOS TEMÁTICOS:

- 1) Histórias/ Experiências pessoais de morte (filhos, pais, etc.).
- 2) Histórias/ Experiências na escola de morte (colegas, alunos, etc.).
- 3) A abordagem do tema da morte em situações de não morte no ambiente escolar, quando ela não acontece de forma concreta.
- 4) Morte e conteúdo escolar.
- 5) Morte e eixos transversais.
- 6) Preparo para lidar com a morte na formação profissional.
- 7) Interesse e a reação dos alunos quando se fala em morte na escola.
- 8) O pensamento dos professores quando se fala de *educação para a morte* nas escolas.
- 9) A ideia de morte no contexto infantil.
- 10) Suicídio.
- 11) As reações da Comunidade Local diante da morte.
- 12) A ideia de morte para os meios de comunicação/mídia relacionados aos acontecimentos de morte nas escolas.
- 13) Políticas e diretrizes nacionais ou institucionais sobre a inclusão do tema.
- 14) Iniciativas para lidar melhor com a morte no contexto escolar.

APÊNDICE F

Termo de Confidencialidade do Estudo I e Estudo II



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

(PARA OS QUESTIONÁRIOS E AS ENTREVISTAS COM OS PROFISSIONAIS DA
EDUCAÇÃO)

Título do Projeto: “INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA ESCOLA”

Pesquisador responsável: Dr. Alberto Manuel Quintana, Dra. Everley R. Goetz e Daynah Waihrich Leal Giaretton.

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Telefone para contato: (53) 999289526.

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de entrevistas nas escolas municipais de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução do presente projeto e publicação de artigos em periódicos científicos.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Avenida Roraima, nº 1000, 74B, 2º andar, sala 3212A, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 97015-900, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em/...../....., e recebeu o número Caae

Santa Maria,..... dede 20.....

Assinatura do participante.

Assinatura do Pesquisador Responsável.